

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE MEDICINA  
PÓS – GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

**AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS  
CURRICULARES SOBRE SEXO E SEXUALIDADE DE  
ADOLESCENTES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PITANGUI-MG**

ALBERTO ELIAS LOPES CANÇADO

BELO HORIZONTE

2007

ALBERTO ELIAS LOPES CANÇADO

**AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS  
CURRICULARES SOBRE SEXO E SEXUALIDADE DE  
ADOLESCENTES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PITANGUI-MG**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor, Dr. Marco Antônio Duarte  
Co-orientador: Professor, Dr. Roberto Assis Ferreira

FACULDADE DE MEDICINA - UFMG

BELO HORIZONTE

2007



FACULDADE DE MEDICINA  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 7009  
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100  
Fone: (031) 3248.9641 FAX: (31) 3248.9640



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de **ALBERTO ELIAS LOPES CANÇADO**, nº de registro 2005202384. Às quatorze horas do dia vinte e nove do mês de maio de dois mil e sete, reuniu-se na Faculdade de Medicina da UFMG, a Comissão Examinadora de dissertação indicada pelo Colegiado do Programa, para julgar, em exame final, o trabalho final intitulado: **“AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS E CONTEÚDOS CURRICULARES SOBRE SEXO E SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PITANGUI-MG”**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Saúde, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Marco Antônio Duarte, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Marco Antônio Duarte /orientador  
Prof. Roberto Assis Ferreira/co-orientador  
Prof. Marília de Freitas Maakaroun  
Prof. Joel Alves Lamounier

Instituição: UFMG  
Instituição: UFMG  
Instituição: UFMG  
Instituição: UFMG

Indicação: *Aprovado*  
Indicação: *Aprovado*  
Indicação: *Aprovado*  
Indicação: *Aprovado*

Pelas indicações o candidato foi considerado Aprovado.  
O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 29 de maio de 2007.

Prof. Marco Antônio Duarte/orientador

Prof. Roberto Assis Ferreira/co-orientador

Prof. Marília de Freitas Maakaroun

Prof. Joel Alves Lamounier

Prof. Joel Alves Lamounier/Coordenador

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador.

CONFERE COM O ORIGINAL  
Centro de Pós-Graduação

PROF. JOEL ALVES LAMOUNIER  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde  
Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente  
Faculdade de Medicina

*[Handwritten signature]*

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Ciências da Saúde**  
**Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente**

**Reitor:** Prof. Ronaldo Tadêu Pena

**Vice-Reitora:** Profa. Heloisa Maria Murgel Starling

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:** Prof. Jaime Arturo Ramirez

**Pró-Reitor de Pesquisa:** Prof. Carlos Alberto Pereira Tavares

**Diretor da Faculdade de Medicina:** Prof. Francisco José Penna

**Vice-Diretor da Faculdade de Medicina:** Prof. Tarcizo Afonso Nunes

**Coordenador do Centro de Pós-Graduação:** Prof. Carlos Faria Santos Amaral

**Sub-coordenador do Centro de Pós-Graduação:** João Lúcio dos Santos Jr.

**Chefe do Departamento de Pediatria:** Profa. Cleonice de Carvalho Coelho Mota

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente:** Prof. Joel Alves Lamounier

**Sub Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Medicina - Área de Concentração em Pediatria:** Prof. Eduardo Araújo de Oliveira

**Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente:**

Prof. Joel Alves Lamounier

Prof. Eduardo Araújo de Oliveira

Prof<sup>a</sup> Ana Cristina Simões e Silva

Prof. Francisco José Penna

Prof<sup>a</sup> Ivani Novato Silva

Prof. Lincoln Marcelo Silveira Freire

Prof. Marco Antônio Duarte

Prof<sup>a</sup> Regina Lunardi Rocha

Rute Maria Velásquez Santos (Rep. Disc. Titular)

Ludmila Teixeira Fazito (Rep. Disc. Suplente)

Às minhas queridas tias Balbina e Thereza que partiram sem nunca terem tido a oportunidade de terem conhecimentos sobre sexo e sexualidade através dos pais e nem da escola.

Às sobrinhas Ana Elisa, Ana Isabel e Isadora para que quando estiverem na escola, tenham um currículo satisfatório de sexo e sexualidade capaz de conduzi-las à uma adolescência com alegria e dignidade que o ser humano merece.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos adolescentes que buscam o conhecimento na escola, almejando um caminho mais seguro para suas atitudes.

Aos diretores(as) e professores(as) das escolas públicas em sua incansável luta pelo futuro de seus alunos.

Aos professores da Pós-graduação pelas aulas brilhantes e aperfeiçoamento contínuo em prol da pesquisa.

Aos funcionários(as) do Centro de Pós-Graduação pela receptividade e amizade.

Ao Professor Antonio Benedito Lombardi, pelo apoio e aprendizado na Escola “Mestre Paranhos”, trilha segura para minha chegada ao mestrado.

Ao Professor Joel Alves Lamounier, que consegue enxergar além da ciência, grandes realizações para o bem da humanidade.

Ao Co-orientador Professor Roberto Assis Ferreira pela grande contribuição e sugestões valiosas para que o nosso projeto fosse concretizado.

Em especial ao orientador Professor Marco Antonio Duarte, que além de trazer consigo uma enorme bagagem de conhecimentos multidisciplinares, é um verdadeiro mestre em iluminar e aceitar seus alunos.

## RESUMO

**Introdução:** Este estudo, descritivo, de corte transversal, teve por objetivo avaliar os conhecimentos sobre sexo e sexualidade, na população de alunos de ambos os gêneros, com idade entre 10 e 15 anos de idade, nas cinco escolas públicas de Pitangui-MG, em 2006. **Métodos:** Como instrumento de pesquisa para coleta de informações, utilizou-se um questionário contendo 23 questões baseadas nos conteúdos curriculares do MEC (PCNs), SEE-MG e manuais de ensino neles baseados. Quatro questões procuravam avaliar a origem dos conhecimentos sobre sexo e sexualidade: Quem? Onde? Quantas vezes no ano? Quais assuntos foram mais discutidos no ambiente escolar? Foram coletados dados referentes ao nome da escola, idade do aluno em anos e meses, série em curso, gênero e turno. Em todas as questões havia a opção "Não sei", para ser marcada se o adolescente desconhecesse o tema. Foram providenciadas medidas para que não houvesse comunicação entre os alunos, para que houvesse tempo suficiente para as respostas, professores treinados em aplicação de testes, conferência de questionários entregues e devolvidos (faltosos) pelo pesquisador. **Resultados:** De um total válido de 1421 adolescentes (86,4%), participaram da pesquisa 524 alunos (31,9%), sendo que 863 (52,5%) não consentiram em responder e 34 alunos (2,1%) não compareceram. 58,2% eram do gênero feminino e 41,8% do gênero masculino. Em relação às respostas válidas houve 39,6% de erros, 43,3% de acertos e 17,1% de desconhecimentos. Os adolescentes das idades e séries mais avançadas e do gênero feminino mostraram maior percentual de acertos nas questões. Quanto à anatomia dos aparelhos reprodutores a resposta mais errada foi o local anatômico da ocorrência da fecundação (79,1%); o nome da célula reprodutora masculina a mais acertada (83,3%) e a que mais desconhecem é o local anatômico da produção dos espermatozoides (16,7%). Em fisiologia 63,7% acertaram a primeira transformação feminina na puberdade, 38% erraram a relação entre gravidez/ ciclo menstrual e 60,8% desconhecem a definição de menarca. Nos conhecimentos de sexualidade 73,8% acertaram a definição de sexualidade responsável, 71,7% erraram a concepção de relação sexual e 23,1% desconhecem a definição de masturbação. A mãe e a televisão são as duas principais fontes de conhecimentos sobre sexo e sexualidade; a escola ensina em média duas vezes por ano; sendo os aparelhos reprodutores o assunto melhor explicado na escola sobre sexo e sexualidade. **Conclusão:** Pode-se concluir que o gênero feminino apareceu em maior porcentagem. Houve maior percentual de acerto nas questões de anatomia, fisiologia e sexualidade em alunos das séries mais avançadas (7ª e 8ª séries), e em relação ao gênero existe um maior percentual de erros e desconhecimento entre o gênero masculino e aproximadamente o mesmo percentual de erros. Adolescentes de 5ª a 8ª séries das escolas públicas de Pitangui-MG demonstram erros e desconhecimentos sobre sexo e sexualidade, e a alta falta de consentimento tende a comprovar os dados estatísticos.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Adolescente; Educação sexual; Sexo.

## ABSTRACT

**Introduce:** This descriptive cross-section study, developed in 2006, was aimed at evaluating the understanding of sex and sexuality among 10 to 15 year-old students of five public schools in the city of Pitangui, Minas Gerais State. **Methods:** The methodology included a 23-questions questionnaire based on the Ministry of Education Curricular Parameters - MEC (PCNs), the curriculum proposed by the Minas Gerais State Secretary of Education and on the textbooks adopted in the public schools. Four questions assessed the source of the students' knowledge of sex and sexuality: Who? Where? How many times per year? Which subjects were most discussed in school? The data collected included name of school, student age (years and months), school level, gender and indication of either day or evening classes. All questions included the option "I don't know", in case the respondent had no knowledge of the subject. Measures were taken not to allow the students to interact with their peers while answering the questions, give them sufficient time to complete their answers, have qualified teachers applying the questionnaire and have the researcher checking of the questionnaires delivered or returned due to absence of some subjects. **Results:** From a valid total of 1421 (86.5%) teenagers interviewed, only 524 (32.9%) effectively participated in the survey. 863 students (52.5%) refused to provide answers and 34 (2.1%) were absent. 58.2% were female and 41.8% male. 39.6% of the valid answers contained errors, 43.3% of the interviewees provided correct answers but 17.1% were unable to answer for lack of knowledge. The highest percentage of correct answers was supplied by the oldest female teenagers in the advanced grades. 79.1% of the respondents were not able to provide a correct answer about the exact location of fertilization in the reproductive system. 83.3% of the subjects provided the correct name of the male reproductive cell, but 16.7% were not able to identify where the production of spermatozoids occurs. In the field of physiology, the question about the first female transformation during puberty received 63.7% of correct answers. 38% of the teenagers provided wrong answers for the questions on the relation between pregnancy and menstruation and 60.8% said they did not know what *menarche* meant. The definition of responsible sexuality was correctly provided by 73.8% of the interviewees while the concept of sexual relation was mistakenly defined by 71.7%. 23.1% of the students could not define masturbation. Mothers and television were considered the two main sources of knowledge about sex and sexuality. The school offers an average of two lectures per year on the subject of sex and sexuality focusing mainly on the description of the reproductive system. **Conclusion:** The feminine gender provided the highest percentage of respondents. The highest percentage of correct answers for the questions about anatomy, physiology and sexuality was obtained in the advanced levels (7<sup>th</sup> and 8<sup>th</sup> grades), the masculine gender showing the highest percentage of errors and lack of knowledge. A final conclusion was that 5<sup>th</sup> to 8<sup>th</sup> grade students enrolled in the public schools of Pitangui, Minas Gerais State, have a poor understanding of sex and sexuality. To some extent, the high level of unwillingness to provide data tended to support the statistical results.

**Key words:** Sexuality; Adolescent; Sexual education; Sex.

## LISTA DE FIGURA

Figura 1	Fluxograma com o número e percentual de alunos por Estola e na mostra fática total de acordo com a participação na pesquisa.....	36
----------	--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição percentual do total válido de alunos de acordo com a participação na pesquisa de conteúdos sobre sexualidade entre os alunos das escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) – por escola e na amostra total.....	36
Gráfico 2	Percentual de acertos em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	43
Gráfico 3	Percentual de erros em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	44
Gráfico 4	Percentual de desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	46
Gráfico 5	Percentual de erro, acerto e desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a série.....	47
Gráfico 6	Percentual de erro, acerto e desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com o gênero .....	48
Gráfico 7	Percentual de erro, acerto e desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a faixa etária .....	49
Gráfico 8	Distribuição percentual das respostas na questão “Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	50
Gráfico 9	Distribuição percentual das respostas na questão “Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com o gênero .....	50
Gráfico 10	Distribuição percentual das respostas na questão “Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a série.....	51

Gráfico 11	Distribuição percentual das respostas na questão “Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	52
Gráfico 12	Distribuição percentual das respostas na questão “Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com o gênero .....	52
Gráfico 13	Distribuição percentual das respostas na questão “Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com a faixa etária.....	52
Gráfico 14	Distribuição percentual das respostas na questão “Quantas vezes por ano você teve aulas sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	53
Gráfico 15	Distribuição percentual das respostas na questão “Quantas vezes por ano você teve aulas sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com o gênero .....	54
Gráfico 16	Distribuição percentual das respostas na questão “Quantas vezes por ano você teve aulas sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com a faixa etária .....	54
Gráfico 17	Distribuição percentual das respostas na questão “Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	55
Gráfico 18	Distribuição percentual das respostas na questão “Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com o gênero .....	55
Gráfico 19	Distribuição percentual das respostas na questão “Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência” entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com a faixa etária .....	56
Gráfico 20	Distribuição das idades dos alunos de acordo com a série agrupada .....	158

Gráfico 21	Porcentagem de erros em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) – questões selecionadas com baixo, médio e alto percentual de erros por questão .....	159
Gráfico 22	Porcentagem de acertos em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) – questões selecionadas com baixo, médio e alto percentual de acertos por questão.....	159
Gráfico 23	Porcentagem de desconhecimentos em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) – questões selecionadas com baixo, médio e alto percentual de desconhecimento por questão .....	160

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Estatísticas descritivas para a Idade das crianças nas faixas etárias de 10,0 a 12,0 e de 12,1 a 15,0 anos .....	37
Tabela 2	Distribuição de freqüências das variáveis de caracterização dos alunos participantes da pesquisa .....	132
Tabela 3	Distribuição das respostas dos alunos que participaram da pesquisa em cada questão .....	133
Tabela 4	Distribuição das respostas dos alunos que participaram da pesquisa em cada questão, classificadas como acerto, erro ou desconhecimento .....	139
Tabela 5	Distribuição dos alunos que participaram da pesquisa de acordo com o Gênero .....	142
Tabela 6	Percentual de acertos em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) .....	143
Tabela 7	Percentual de erros em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) .....	144
Tabela 8	Percentual de desconhecimento (“Não sei”) em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	145
Tabela 9	Resultado do teste para comparação das respostas nas diversas questões .....	148
Tabela 10	Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) segundo o gênero masculino .....	149
Tabela 11	Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) segundo o gênero feminino.....	150
Tabela 12	Estatísticas descritivas para a Idade das crianças de acordo com a série .....	151
Tabela 13	Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) segundo a faixa etária de 10,0 a 12,0 anos .....	151

Tabela 14	Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui (2006) segundo a faixa etária de 12,1 a 15,0 anos .....	152
Tabela 15	Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui (2006) que cursam a 5ª ou a 6ª série .....	153
Tabela 16	Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos .....	154
Tabela 17	Número e percentual de erros, acerto e desconhecimento no total de questões sobre conteúdos de sexualidade aplicado em alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a série .....	155
Tabela 18	Número e percentual de erros, acerto e desconhecimento no total de questões sobre conteúdos de sexualidade aplicado em alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com o gênero.....	155
Tabela 19	Número e percentual de erros, acerto e desconhecimento no total de questões sobre conteúdos de sexualidade aplicado em alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a faixa etária .....	156
Tabela 20	Distribuição de frequências (número e percentual de respostas) da questão “Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) .....	156
Tabela 21	Distribuição de frequências (número e percentual de respostas) da questão “Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade” entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) .....	157
Tabela 22	Distribuição de frequências (número e percentual de respostas) da questão “Quantas vezes por ano você teve aula sobre sexo e sexualidade na escola” entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) .....	157
Tabela 23	Distribuição de frequências (número e percentual de respostas) da questão “Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência” entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006).....	157

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABEV</b>	Associação Brasileira de Enfermagem
<b>AIDS</b>	Acquired Immunodeficiency Syndrome
<b>CBC</b>	Conteúdo Básico Comum
<b>CNPD</b>	Comissão Nacional de População e Desenvolvimento
<b>COEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>DST</b>	Doenças Sexualmente Transmissíveis
<b>EPI</b>	Educação Preventiva Integral
<b>FLASSES</b>	Federação Latinoamericana de Sociedades de Sexologia e Educação Sexual
<b>FNDE</b>	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e do Desporto
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PEÃS</b>	Programa de Educação Afetivo Sexual
<b>PNLD</b>	Plano Nacional do Livro Didático
<b>PROEB</b>	Programa de Avaliação da Rede Pública da Educação Básica
<b>PRONAICA</b>	Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
<b>SEE-MG</b>	Secretaria de Estado de Educação-Minas Gerais
<b>SEF</b>	Secretaria de Educação Fundamental
<b>SEPESPE</b>	Secretaria de Projetos Educacionais Especiais
<b>SSPS</b>	Statistical Package for the Social Sciences
<b>UNESCO</b>	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
<b>UNIFESP</b>	Universidade Federal de São Paulo

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
1.1	Saúde escolar e ensino de sexo e sexualidade .....	17
2	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	26
2.1	O conhecimento sobre sexualidade na escola .....	26
3	<b>OBJETIVOS</b> .....	31
3.1	Objetivo geral .....	31
3.2	Objetivos específicos .....	31
4	<b>ADOLESCENTES E MÉTODOS</b> .....	32
4.1	Cenário do estudo .....	32
4.2	Métodos .....	33
4.2.1	Seleção dos adolescentes .....	33
4.2.2	Caracterização da população estudada .....	35
4.2.3	Coleta dos dados (Aplicação do questionário escrito).....	37
4.3	Considerações éticas .....	39
4.4	Análise estatística dos dados .....	40
5	<b>RESULTADOS</b> .....	42
5.1	Estudo do nível de conhecimento de conteúdos sobre sexo e sexualidade .....	42
5.1.1	Questões acertadas .....	42
5.1.2	Questões erradas.....	43
5.1.3	Questões de desconhecimento ("não sei") .....	45
5.2	Erros, acertos e desconhecimento ("não sei") no total de questões, de acordo com a série, gênero e idade .....	46
5.3	Fontes do conhecimento sobre sexo e sexualidade.....	49
5.3.1	Pessoas de convivência do aluno .....	49
5.3.2	Local de informação sobre sexo e sexualidade .....	51
5.3.3	Freqüência anual de informação sobre sexo e sexualidade na escola.....	53
5.3.4	Assunto sobre sexo e sexualidade sendo explicado na escola.....	54
6	<b>DISCUSSÃO</b> .....	57

6.1	Metodologia e adolescentes.....	57
6.2	Acertos, erros e desconhecimentos ("Não sei") .....	64
6.2.1	Anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores .....	64
6.2.2	Sexualidade .....	72
6.3	Fontes de conhecimento sobre sexo e sexualidade.....	79
6.3.1	Pessoas de convivência do aluno .....	79
6.3.2	Local de informação sobre sexo e sexualidade .....	84
6.3.3	Freqüência anual de informação sobre sexo e sexualidade na escola.....	88
6.3.4	Assunto sobre sexo e sexualidade sendo explicado na escola.....	91
7	<b>CONCLUSÕES</b> .....	95
8	<b>COMENTÁRIOS FINAIS</b> .....	97
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	99
	<b>ANEXOS</b>	110
ANEXO 1	Termo de consentimento livre e esclarecido para o aluno .....	111
ANEXO 2	Termo de consentimento livre e esclarecido para pais ou responsáveis .....	113
ANEXO 3	Questionário escrito para os adolescentes .....	115
ANEXO 4	Aprovação no Departamento de Pediatria – UFMG .....	120
ANEXO 5	Aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa – COEP – UFMG.....	122
ANEXO 6	Autorização da 45ª Superintendência de Educação de Minas Gerais e dos Diretores das Escolas pesquisadas .....	124
ANEXO 7	Gráficos e tabelas estatísticas .....	131

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Saúde escolar e ensino de sexo e sexualidade

No século XVIII, Rousseau, em seu **Tratado de educação masculina**, já chamava a atenção para o fato de que “a única parte útil da medicina é a higiene”. Tal reivindicação, contudo, atravessa o século XIX, prolongando e se atualizando no século XX como evidenciado na **Bíblia da saúde do brasileiro Renato Kehl**. (GONDRA, 1980).

Nos colégios e liceus, qualquer assunto que se referisse aos sentimentos ou à sexualidade era considerado suspeito, e o “corpo” docente finge ter diante de si apenas espíritos. (LEVI e SCHMITT, 1996).

No Brasil, o 1º Congresso de Saúde Escolar, em 1942, estabelecia propostas que incorporavam contribuições da Psicologia com uma melhor definição de psicopatologia infantil e da subnormalidade mental, em suas várias causas de ordem endócrina, hereditária, etc. No item VII destaca: Higiene mental nos meios escolares, contudo, sua proposta não apresenta mudanças significativas das mesmas do início do século. (LIMA, 1985)

Uma proposta de saúde escolar com uma equipe de residentes em pediatria, realizada em São Paulo, em 1976, do Instituto da criança da USP em escolas propunha que as atividades deveriam se limitar a trabalhos de observação e investigação, assessoria ao corpo docente em questões concernentes à saúde ou

ao ensino da saúde. O autor conclui que seu trabalho não passava de uma tentativa de re-higienização escolar. Essas foram tentativas de implantação de saúde escolar desvinculadas do currículo escolar. (LIMA, 1985)

Essas questões de políticas do corpo que exigem atenção por direito próprio, são muitas vezes negligenciadas e seguimos, por exemplo, a história da educação, possuindo uma visão fechada, isolada e estreita segundo o historiador da medicina Roy Porter (1992).

Na segunda metade do século XX surgem estudiosos e pesquisadores do currículo escolar e educação para a saúde, alterando assim sua formulação. Contribuiu para isso também modificações no comportamento social dos adolescentes, com a influência da mídia, surgimento da AIDS, precocidade das relações sexuais, aumento do número de gravidez nas adolescentes, abrindo possibilidades para um ensino mais aberto aos assuntos do corpo e sexualidade na escola.

Uma comissão da Organização das Nações Unidas para Educação e Ciência e Cultura (UNESCO) publica um relatório a respeito da situação mundial sobre mudanças que deveriam ocorrer para sua melhora. A comissão destaca que é necessário educar para o desenvolvimento humano e segue a orientação dos trabalhos e resoluções da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien (Tailândia), em 1990. Pretendendo dar à noção de educação básica ou “educação fundamental”, a acepção mais ampla possível, incluindo nela um conjunto de conhecimentos e competências indispensáveis na perspectiva de desenvolvimento humano, sugere incluir um especial, uma educação em matéria de

meio ambiente, de saúde e de nutrição. (DELORS, 2001).

Paulo Freire (1997) considera como saber fundamental que mudar é difícil, mas é possível, e diz que a programação político-pedagógica deve, em qualquer tipo de ensino, seguir esse princípio.

Segundo Gonçalves e Godoi (2003), os conceitos que os alunos precisam conhecer se entrelaçam e, muitas vezes, não precisam ser tratados separadamente. Exige por parte do educador uma constante formação, mas acreditam que o próprio trabalho e o contato com os adolescentes farão dele um bom educador na área de sexualidade.

Após a publicação da UNESCO, aparece no currículo brasileiro uma abertura para o ensino da sexualidade através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, e neles incluídos os Temas Transversais (temas que perpassam as matérias escolares) e, entre eles, orientação sexual. É importante salientar que a saúde é colocada como outro tema transversal, diferindo do tratamento dado até então aos dois temas, pois sexualidade era parte do ensino higienista da saúde ou do ensino de aparelho reprodutor na matéria de Ciências. A implantação dos PCN se baseia no Plano Decenal de Educação, à luz da Constituição de 1988, afirmando a necessidade do Estado de elaboração de parâmetros claros no campo curricular, e na Lei Federal n. 9394, de 20 de dezembro de 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A mesma determina como competência da União estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e Municípios, diretrizes que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos de modo a assegurar uma formação básica

comum. (PCN, 1998).

As orientações para a abordagem da orientação sexual como tema transversal nas escolas esclarece

[...] seja tratado como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela revolução social. As crianças e adolescentes trazem noções e emoções sobre sexo, adquiridas em casa, em suas relações pessoais e em suas vivências, além do que recebem pelos meios de comunicação. (PCN, 1998).

Ainda esclarece: “a escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores”. Ainda acrescenta:

[...] como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relativas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos. (PCN, 1998).

Nas diretrizes específicas contidas no volume Temas Transversais (MEC, 1998) (Ministério da Educação e do Desporto), os objetivos a serem alcançados pelos alunos de 5ª a 8ª séries são:

- respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano;
- compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
- conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando

comportamentos discriminatórios e intolerantes, e analisando criticamente os estereótipos;

- reconhecer como culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;
- identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir prazer numa relação a dois;
- proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- agir de modo solidário em relação aos portadores de HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS;
- conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS;
- evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- ter consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade.

Meyer (1998) e Louro (1997) defendem uma educação para a saúde baseando-se na LDB; que sejam trabalhados ao longo do desenvolvimento de todo o currículo, e não em momentos estanques e em horários previamente determinados. Critica que os conteúdos ligados à saúde são colocados em livros didáticos de Ciências e Biologia, estrategicamente no final do mesmo, além de serem desconectados da

vida concreta de todas as outras disciplinas escolares, simplificados e normativos.

Ainda são poucas as informações de como são conduzidas as aulas de educação sexual. Mas pelos livros didáticos, pelas indagações dos professores e professoras, ainda existe muita cautela e receios e a regra é buscar refúgio no “científico”, evitando a contextualização social e cultural das questões.

Foucault (1988) falando do saber sexual interroga por que colocar a questão: porque sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu a silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mas sempre a partir e através de sua repressão?

De acordo com Costa *et al* (2001), têm ocorrido experiências que tentam desenvolver esse espaço pedagógico como uma área de formação dos educandos, entretanto, as dificuldades são muitas. A abordagem da sexualidade em nível do sistema formal constitui um desafio conceitual e metodológico a ser enfrentado, tanto pela repercussão que tem na vida de docentes, como na de adolescentes e suas famílias. Atualmente, alguns temas relacionados à sexualidade estão sendo discutidos com alguma frequência pelo professorado com pais e alunos.

Os livros didáticos que os alunos recebem são escolhidos pelos professores em uma lista, são distribuídos pelo Fundo Nacional de desenvolvimento da Educação (FNDE) e fazem parte do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Geralmente, tratam de conceitos anatômicos dos aparelhos genitais, gravidez, parto, anticoncepção e DST, nos padrões descrito pelas autoras acima.

Parece haver dificuldade em incorporar o tema sexualidade através de aulas diárias e livros didáticos. As escolas fazem então uso de projetos: em Minas Gerais a Secretaria de Estado de Educação (SEE) realizou o projeto Afetividade e Sexualidade na Educação – um novo olhar, em parceria com a Fundação Oderbrecht (1994); e em 2004 reformula o mesmo e aumenta parceria com outras instituições e passa a ter o nome de Programa de Educação Afetivo Sexual (PEAS).

O Programa Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente (PRONAICA) coordenado pelo MEC, dentro do EPI (Educação Preventiva Integral), em 1994 edita a cartilha "Diretrizes para uma política educacional em sexualidade". O documento defende que a educação sexual não pode estar a serviço exclusivo de objetos circunstanciais, como por exemplo, a profilaxia das doenças sexualmente transmissíveis, da gestação indesejada e dos sexismos. Mas também é utópico imaginar uma educação sexual voltada apenas para a felicidade do indivíduo. O homem não existe no vácuo, mas é uma fração cultural de uma certa sociedade, inserida em um contexto histórico. Sua felicidade implica necessariamente a resolução dos problemas do grupo a que pertence. Sem perder sua característica de universalidade, a educação sexual não pode ficar alheia à vida social presente e aos graves problemas de saúde pública, tais como DST/AIDS, gestação indesejada e drogas.

Silva (1998) salienta que educação sexual não pode contemplar só anatomia e fisiologia da reprodução, mas deve permitir a construção de um novo modelo de relações humanas. Que busque liberar homens e mulheres dos estereótipos, desde a mais tenra infância, na perspectiva de se transformarem em adultos sem vergonha

e medo de seu corpo, que consigam discutir abertamente suas responsabilidades sexuais e suas expectativas. Saito (1994) defende uma educação sexual voltada para a liberdade, o amor e para a vida.

A formulação dos conteúdos de sexualidade na fase da adolescência leva em conta a entrada do aluno no estágio que Piaget chama de lógico-formal. Para ele, a inteligência passa também por fases e elas correspondem, mesmo em suas grandes linhas, às de desenvolvimento afetivo. Ao plano da transferência da afetividade para outras pessoas correspondente, enfim, o início da socialização do pensamento. Os PCNs, seguindo essa linha de pensamento ainda afirmam que o adolescente, em situações estimulantes nos espaços de convivência e na escola, torna-se, gradativamente capaz de formular hipóteses sofisticadas e de acompanhar e elaborar raciocínios complexos. (PCN, 1998).

Para Nunes (2000), esse período coincide com o reconhecimento da alteridade e fundamentação da personalidade. Seria o período da maturidade cognitiva, marcada pela capacidade abstrata de um raciocínio hipotético dedutivo, científico e impessoal, superando ainda a atitude egocêntrica e a necessidade da concretude. No campo afetivo estaria presente a possibilidade de relações de solidariedade, cooperação, etapa madura de um amor fecundo, diferente e solidário. Seria a fase de consolidação de um longo período de maturidade afetiva e predisposição intelectual.

Grant e Demetriou (1988) esclarecem que sem o pensamento operacional formal, o adolescente é incapaz de desenvolver uma capacidade de tomada de decisão; não

há conhecimento das conseqüências potenciais em resultado de certos comportamentos. Lamentavelmente há evidência de que aproximadamente um terço da população adulta jamais alcançou completamente o pensamento operacional formal, o que resulta em os adolescentes admitirem que são onipotentes e infalíveis, agindo em excessiva tomada de risco que, quando unida à conduta sexual, resulta em gestações não desejadas e em DST.

Assim, baseados na relação entre conhecimento sobre conteúdos sobre sexo e sexualidade ensinados na escola e a vida sexual e afetiva dos adolescentes, desenvolveu-se uma pesquisa com alunos de 10 a 15 anos da rede pública escolar em Pitangui-MG. Portanto, com os resultados e as informações pretendemos contribuir para as escolas aprimorarem os conhecimentos e ensinamentos em sexo e sexualidade, destinados a adolescentes pertencentes à faixa etária pesquisada.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 O conhecimento sobre sexualidade na escola

Em Belém, de 114 crianças e adolescentes que vivem nas ruas, 23,7% são meninas entre 7 e 17 anos, cujo ganha-pão rotineiro consiste na venda de chocolates e café. Essas crianças têm contato com adultos em bares e acabam ingressando muito precocemente na prostituição. (SAFFIOTI, 1993).

Das internações no Rio de Janeiro nos hospitais conveniados ao SUS, em 1995, 11,1% foram adolescentes e ocorreram por complicações da gravidez, parto e puerpério (59%). (NORONHA; LEBRÃO, 1995).

Hayes (1993) relata que 17% dos meninos e 5% das meninas, nos EUA, haviam tido relações sexuais aos 15 anos de idade. Apenas 31% usavam um anticoncepcional na primeira relação.

A gravidez adolescente suscita significativos riscos médicos e sociais, tanto para a mãe quanto para o filho. Estudos preliminares relataram um aumento de riscos obstétricos para a mãe adolescente, tais como toxemia, desproporção cefalo-pélvica e trabalho de parto abrupto ou prolongado. (MC ANARNEY *et al.* 1978).

Nos EUA, a gonorréia é a DST mais comumente notificável e ocorre entre 20 e 24 anos, com maior incidência seguida de perto pelo grupo de 15 a 19 anos de idade.

(PERRINE, 1985).

Estudo realizado entre adolescentes de 10 a 14 anos, nas escolas municipais de Feira de Santana, para avaliar o nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade, conclui alta prevalência do nível de informação insatisfatório, com associação significativa nas idades de 10 a 11 anos nas quarta e quinta séries e no sexo feminino, indicando necessidades de ações educativas sobre saúde e sexualidade no início da adolescência. (GOMES *et al*, 2002).

Delegados de ensino responsáveis por escolas de 1º e 2º graus (municipais, estaduais e particulares) sobre os problemas escolares relacionados com a sexualidade, DST/AIDS, revelaram o seu aumento; e ainda que os professores dão enfoque puramente biológico, descontextualizado, desvinculado da totalidade. (BUENO, 1997).

Um trabalho multicêntrico sobre AIDS (UNI-RIO, UERJ e FIOCRUZ) demonstrou que as campanhas têm sido criticadas por apresentarem limitações quanto à capacidade de promover mudanças de comportamento, sugerindo que devam ser abertas, contextualizadas, que estimulem a reflexão, e que promovam ainda a busca de outras informações. Uma limitação importante é a falta de um diálogo com o receptor no momento da emissão da mensagem. (PEREIRA *et al*, 1995).

Num estudo de comparação da atividade sexual do adolescente de pais com o 1º grau incompleto referiram ter aprendido sobre sexo em casa 23,7%, na escola 26,7%, e em livros 9,9%. Já os adolescentes de pais com nível universitário,

referiram ter aprendido sobre sexo em casa 54%; na escola 15,8%; e em livros 18%. (AZEVEDO *et al*, 1995).

Numa comparação entre G I (adolescentes entre 14 e 19 anos) e G II (mulheres de 20 a 29 anos) em Salvador - BA (1993 - 1994), as fontes de informação sobre a sexualidade para as adolescentes foram principalmente livros, revistas e a mãe. Para as adultas, as fontes mais importantes foram: amigos, livros e revistas. Tratando-se de anticoncepção e reprodução os padrões foram, predominantemente, amigos, livros e revistas. (MOTA *et al*, 1994).

Pesquisa em tese constata que 89% dos adolescentes gostariam de receber educação sexual na escola, 5% não gostariam e 7% ficaram na dúvida quanto à questão. (AFONSO, 1997)

Mc Anarney sugere que são necessárias maiores pesquisas para determinar se existem antecedentes sociais que determinam a natureza do amor próprio e formas de aumentá-lo, assim como os impactos que estas características exercem sobre a conduta social. (MC ANARNEY *et al*, 1978).

Estudo da Universidade da Pensylvania mostra que intervenção no comportamento dos adolescentes, através das escolas e comunidades, clínicas, programas de fim de semana em escolas, casas de abrigo, comunidades de base e campos de recreação de universidades, reduz o risco de adquirir Aids por contato sexual. Acrescenta necessidade de mais estudos comparando as diferentes estratégias. (JEMMOTT *et al*, 2000).

Machado mostra que a repressão familiar é fator determinante importante na conduta sexual do adolescente. Mostra, ainda, uma associação entre o uso da pílula e o medo de que os pais descubram que a adolescente já iniciou a vida sexual, já que seu uso acarreta visibilidade sobre o fato. (MACHADO *et al*, 1995).

A religião também parece ser um fator importante. Os adolescentes que comparecem regularmente aos atos religiosos têm maior probabilidade de abster-se da atividade sexual. (INAZU, 1980).

Nos anos recentes, a televisão começou a assumir a responsabilidade por mensagens sexuais. E o advento dos videocassetes permitiu aos filmes pornográficos passarem para as salas de TV; suspeita-se que tenham também um papel importante nas atividades sexuais dos adolescentes. (GRANT *et al*, 1988).

Pessoas envolvidas em áreas da adolescência devem contribuir efetivamente em ajudá-los a avaliar criticamente a mídia e muitas vezes a não-realidade de suas representações de caracteres, produtos, desenvolvimento e situações de vida. Ensinaamentos para que os adolescentes possam ter uma visão crítica do que é mostrado na mídia eletrônica é a maior estratégia considerada. Esse estudo mostra, ainda, que meninas de 11 a 15 anos de idade são muito interessadas em assuntos sobre sexualidade, veiculados pela mídia. (GRUBER *et al*, 2000).

Achamos que o desconhecimento e os conceitos mal aprendidos na escola, juntamente com a sexualidade precoce na adolescência, trazem sérias conseqüências como AIDS, DST, abortos, gravidez indesejada, etc.

A literatura mostra que os questionamentos dos adolescentes sobre sexualidade não são adequadamente respondidos. Além disso, tem se mostrado que informações, isoladamente, são insuficientes para mudanças de suas atitudes.

Parece provável que diversas influências são importantes na construção das percepções e comportamentos sexuais na adolescência.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Avaliar o grau de conhecimento sobre conteúdos de sexo e sexualidade, de uma população de adolescentes em Pitangui, no interior de Minas Gerais.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Avaliar o conhecimento sobre conteúdos de sexo e sexualidade em adolescentes de escolas públicas entre 10/15 anos de idade, da cidade de Pitangui/MG.
- Comparar os conhecimentos sobre conteúdos de sexualidade em relação ao sexo.
- Comparar os conhecimentos dos alunos em relação à idade e séries escolares.

## **4 ADOLESCENTES E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo descritivo, com base em um corte transversal, sobre conhecimentos de conteúdos de sexo e sexualidade em uma população de adolescentes em escolas públicas.

### **4.1 Cenário do estudo**

Foram estudados adolescentes, idade entre 10 e 15 anos, matriculados e freqüentes nas escolas públicas de Pitangui-MG, 2º semestre de 2006. Essas escolas oferecem o Ensino Básico Fundamental (5ª a 8ª séries).

Pitangui, com uma área de 563 Km<sup>2</sup>, população estimada em 24.313 habitantes, situada a 120 Km de Belo-Horizonte, foi criada em 1715, sendo o centro irradiador da colonização do Oeste mineiro.

Foi feita a pesquisa em todas as cinco (05) escolas públicas da cidade de Pitangui/MG.

- Escola Estadual "Monsenhor Artur de Oliveira"
- Escola Estadual "Gustavo Capanema"
- Escola Estadual "Padre Joaquim Lopes Cançado"
- Escola Estadual "Professor José Valadares"
- Escola Municipal "Lima Guimarães"

O ensino de sexualidade não segue um programa, ficando a cargo do professor de Ciências seguir o capítulo de Aparelho Genital, que, nos livros doados pela SEE-MG, abordam o assunto. Não acontecem palestras sobre sexo e sexualidade (temas transversais). Apenas quando surge algum problema, principalmente, gravidez nas alunas adolescentes.

Essas escolas não foram agraciadas com Projetos estaduais ou municipais sobre conhecimento sobre sexo e sexualidade, e não existe formação para os professores. Raramente um educador realiza um projeto sobre o assunto.

## **4.2 Métodos**

### **4.2.1 Seleção dos adolescentes**

Foram selecionados, por busca ativa, adolescentes entre 10 e 15 anos. Após contato prévio com as unidades de ensino, demonstrando as mesmas interesse em participar do estudo, houve explicação para o aluno em cada sala de aula pelo pesquisador, professores e supervisores, sobre a importância de uma pesquisa, sua finalidade e a necessidade da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos alunos e pais ou responsáveis (ANEXOS 1 e 2) para participação na mesma. Houve uma leitura dos termos de consentimento, explicando como o mesmo deveria ser preenchido.

Em seguida cada aluno foi interrogado se desejava responder ao questionário,

sendo distribuídos então os termos de consentimento para a realização da pesquisa (ANEXOS 1 e 2). Foi pedido que os faltosos do dia da distribuição dos termos de consentimento procurassem a supervisão da escola em caso de interesse em participação.

Ocorreram as seguintes situações:

- Alunos que recusaram levar o termo de consentimento.
- Alunos que levaram e não devolveram os termos de consentimento, alegando, a maioria, esquecimento.
- Alunos que levaram e entregaram os termos de consentimento em branco.
- Alunos que levaram e que devolveram os termos à supervisão, professores ou mesmo ao pesquisador, no dia da aplicação do questionário, alegando a maioria que os responsáveis não assinaram.
- Alunos que levaram e devolveram os termos de consentimento devidamente preenchido.
- Um aluno devolveu o termo rasurado pela mãe, onde ela culpa a mídia pelos problemas de sexualidade dos adolescentes.
- Um aluno da 5ª série entregou o termo de consentimento em uma folha de papel, escrito pela mãe, um dia após a data para entrega, demonstrando grande interesse em participação na pesquisa; e a mãe se desculpava, pois no dia se encontrava no trabalho.

### **Critérios de inclusão**

- Idade entre 10 e 15 anos, de ambos os gêneros;
- Estar presente na sala de aula, no momento da coleta de dados;

- Aceitar e consentir participar na pesquisa após a explicação sobre os objetivos da mesma;
- Consentimento dos alunos e dos pais ou responsáveis assinado;
- Estar matriculado de 5ª a 8ª série do 1º grau, nas escolas: Escola Estadual “Monsenhor Artur de Oliveira”, Escola Estadual “Gustavo Capanema”, Escola Estadual “Padre Joaquim Xavier Lopes Cançado”, Escola Estadual “Professor José Valadares” e Escola Municipal “Lima Guimarães”.

#### **Critérios de exclusão**

- Adolescentes que não pertencem à faixa etária proposta;
- Não assinatura do termo de consentimento pelos alunos, pais ou responsáveis.

#### **4.2.2 Caracterização da população estudada**

Foram estudados 524 (32%), alunos de um total de 1.645 matriculados. As perdas se devem a: 13,6% estavam fora da faixa etária estudada; 52,5% não consentiram (pais e/ou alunos) em responder e 2,1% não compareceram no dia da aplicação do mesmo, conforme pode ser observado na FIG. 1 e no GRÁF. 1.

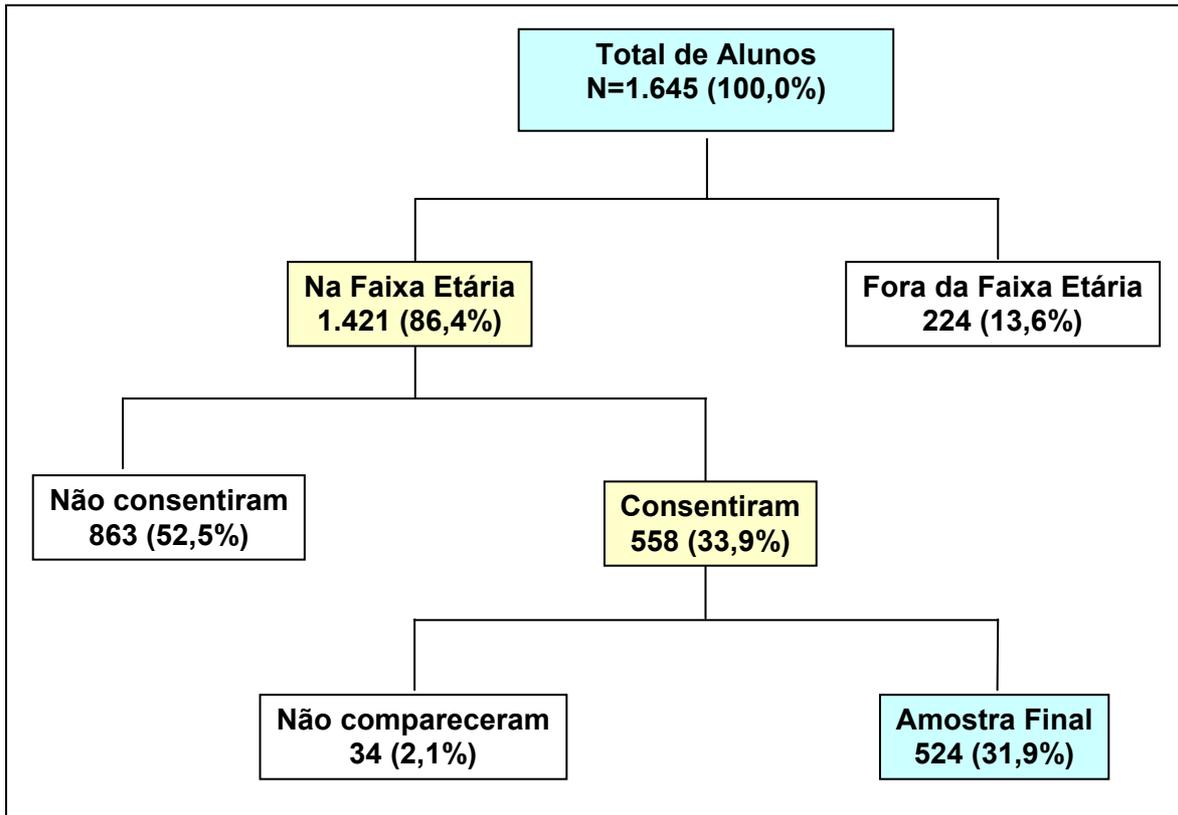


FIGURA 1 – Fluxograma com o número e percentual de alunos por Escola e na amostra válida total de acordo com a participação na pesquisa

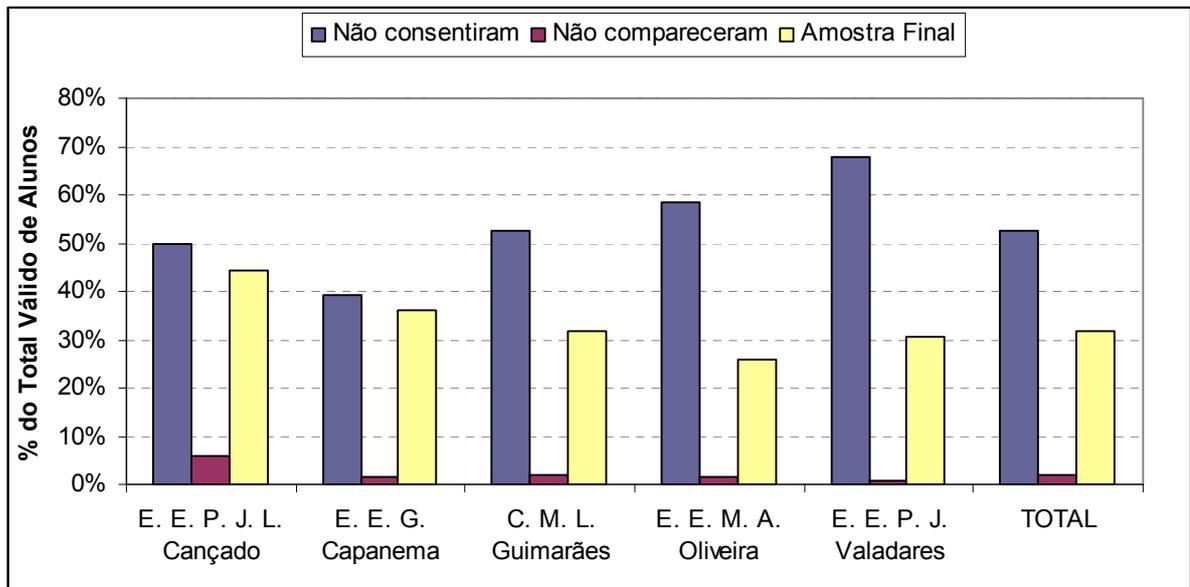


GRÁFICO 1 - Distribuição percentual do total válido de alunos de acordo com a participação na pesquisa de conteúdos sobre sexo e sexualidade entre os alunos das escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) – por escola e na amostra total.

Há diferença com significância estatística entre a proporção dos alunos participantes considerando cada escola ( $\chi^2= 27,576$   $p= 0,001$ ).

As meninas representavam, 58,2% dos alunos pesquisados.

Não houve diferença com significância estatística entre os gêneros considerando cada escola ( $\chi^2= 4,036$ ;  $p=0,403$ ).

As crianças foram divididas em duas categorias, de acordo com a sua idade: a primeira com as crianças de 10,0 a 12,0 anos e a segunda com as crianças de 12,1 a 15,0 anos.

Tabela 1  
Estatísticas descritivas para a Idade das crianças nas faixas etárias de 10,0 a 12,0 e de 12,1 a 15,0 anos.

	n	Média	Mediana	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
10,0 a 12,0 anos	122	11,54	11,56	0,33	10,64	12,00
12,1 a 15,0 anos	402	13,424	13,40	0,80	12,08	14,88

Mann-Whitney = 0,001;  $Z=-16,746$ ;  $p = 0,001$ .

Os alunos também foram divididos em dois grupos de acordo com a série que cursam: o primeiro grupo foi formado por alunos de 5ª e 6ª série 308 (58,8%) e o segundo foi formado por alunos de 7ª e 8ª série 215 (41,2%).

#### 4.2.3 Coleta dos dados (Aplicação do questionário escrito)

O instrumento de coleta de dados foi um questionário, contendo 23 questões, com perguntas dos conhecimentos de conteúdos curriculares do MEC, SEE-MG e Manuais de Ensino neles baseados, sobre sexo e sexualidade. Também foram

elaboradas 4 questões que procuravam avaliar a origem dos conhecimentos sobre sexo e sexualidade. Pesquisava-se nelas: Quem?; Onde?; Quantas vezes no ano e quais assuntos foram mais discutidos no ambiente escolar sobre sexo e sexualidade (ANEXO 3).

As questões continham apenas respostas fechadas. Foram consideradas válidas as questões em que apenas uma opção era assinalada.

Foram coletados dados referentes ao nome da escola; idade do aluno em ano e meses; série em curso; gênero e turno. Em todas as questões havia a opção “Não sei”, para ser marcada se o adolescente desconhecesse o tema.

Antes da aplicação do mesmo foi explicado aos alunos para não se identificarem, não se comunicarem com os colegas, o que foi verificado pelo pesquisador.

A aplicação foi feita em sala de aula sem exigência do término do preenchimento do questionário. Não houve caso que ultrapassasse 50 minutos.

O horário escolhido era sempre após a primeira aula (prazo de entrada do aluno no estabelecimento), em dias em que não haveria atividades escolares extra-classe que pudessem vir a prejudicar o mesmo.

Foram aceitos os professores e supervisores que se propuseram a participar da aplicação do questionário. Estes professores pertenciam às áreas de Ciências, Matemática ou Língua Portuguesa e estavam familiarizados com a aplicação de

testes e olimpíadas da rede pública de educação.

Foi pedido sigilo de informações do seu conteúdo, houve adesão e colaboração em todos os estabelecimentos. Foi conferido pelo pesquisador, a quantidade de questionários entregues e devolvidos (faltosos), sendo que todos os questionários foram devolvidos.

Como alguns alunos apresentaram dificuldade no cálculo da idade em meses, foi pedido para ser colocada a data de nascimento dos mesmos no questionário.

### **4.3 Considerações éticas**

O projeto foi submetido à avaliação pelo Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG (parecer 059/05) (ANEXO 4) e pelo comitê de Ética e Pesquisa da UFMG (parecer ETIC 387/05) aprovado (ANEXO 5).

Também consentiram na aplicação do mesmo os diretores(as) das escolas pesquisadas e a delegada da Superintendência Regional de Pará de Minas (ANEXO 6). A Superintendente exigiu vistoria prévia do questionário e projeto.

Para impedir qualquer tipo de identificação, após análise dos dados todos os questionários foram destruídos.

#### 4.4 Análise estatística dos dados

Para análise e processamento das respostas dos alunos foi utilizado o *software* “Statistical Package for the Social Sciences” – SPSS<sup>®</sup>, versão 13.0 (2004).

As medidas descritivas das respostas sobre conteúdos de sexo e sexualidade são apresentadas em gráficos de barras, sendo a distribuição em faixa etária (10,0 a 12,0 anos / 12,1 a 15,0 anos) e séries (5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> / 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>) com a média, mediana, mínimo, máximo, e desvio padrão. Esses resultados foram qualificados em: erros, acertos ou desconhecimento.

Questões acertadas, erradas e desconhecidas, em percentual sob a forma de gráficos de barras. Erros, acertos e desconhecimentos foram avaliados também segundo a série, gênero e idade, em porcentagens, utilizando gráficos de barras e o teste do Qui-quadrado. As questões sobre fonte de conhecimento apresentadas em percentuais e sob a forma de gráficos de barras, subdividindo-se em gênero e nos dois grupos etários.

Foi utilizado Qui-quadrado para avaliar associação entre o percentual de alunos que participaram da pesquisa e a escola avaliada, e entre escola e gênero.

As idades dos alunos foram comparadas através de um teste não-paramétrico de Mann-Whitney. Para visualizar a distribuição das idades, que é assimétrica, usou-se um histograma. O valor de **n** refere-se ao tamanho da população avaliada.

As comparações entre os gêneros, idades e séries com relação aos acertos, erros e desconhecimentos, foram apresentadas em porcentagens, utilizando-se o teste Qui-quadrado e nas três comparações o valor de  $p=0,05$ .

Foram considerados significativos valores de  $p \leq 0,05$ .

Para melhor compreensão do leitor, se necessário, foram elaborados e analisados outros gráficos e tabelas com os dados obtidos das respostas do questionário (ANEXO 7).

## 5 RESULTADOS

### 5.1 Estudo do nível de conhecimento de conteúdos sobre sexo e sexualidade

As 23 questões de conhecimento dos conteúdos sobre sexualidade foram estudadas e classificadas em número de acertos, erros e desconhecimento. Ocorreram 44,63% de acertos; 35,85% de erros e 19,52% de desconhecimentos.

#### 5.1.1 Questões acertadas

O GRÁF. 2 mostra percentual de questões sobre conteúdos em sexualidade de acordo com o acerto.

Tiveram maior número de acerto sobre os conhecimentos da anatomia do aparelho reprodutor as respostas sobre ***o nome da célula reprodutora masculina, o nome da célula reprodutora feminina e a anatomia do aparelho reprodutor feminino***; (questões 9, 11 e 5, respectivamente). As mais corretas sobre fisiologia dos aparelhos reprodutores foram ***a primeira transformação anatômica feminina na puberdade, a definição de fecundação, a função da uretra masculina***; (questões 4, 15 e 13, respectivamente); sendo que nos conhecimentos de sexualidade, ***a definição de sexualidade responsável, os fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais, a diferença entre sexualidade e amor*** (questões 27, 25 e 26, respectivamente), foram as mais acertadas.



GRÁFICO 2 - Percentual de acertos em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

NOTA: O nº entre parênteses representa o número da questão formulada no questionário (ANEXO 3).

### 5.1.2 Questões erradas

O GRÁF. 3 faz um estudo percentual dos alunos que possuem um conhecimento sobre conteúdos da sexualidade que os alunos acreditam ser verdadeiros.

Com relação à anatomia dos aparelhos reprodutores, tiveram o maior número de erros: **o local anatômico da ocorrência da fecundação, a origem anatômica da menstruação, o local anatômico da produção dos espermatozoides** (questões

16, 1 e 12, respectivamente). As mais erradas quanto à fisiologia dos aparelhos reprodutores: **a relação de gravidez / risco menstrual, o nome do hormônio exclusivamente feminino, a função da uretra masculina** (questões 17, 8 e 13, respectivamente). Em conhecimentos de sexualidade, as mais erradas foram: **a concepção de relação sexual, a definição de masturbação, a definição de sexualidade** (questões 24, 18 e 19, respectivamente).

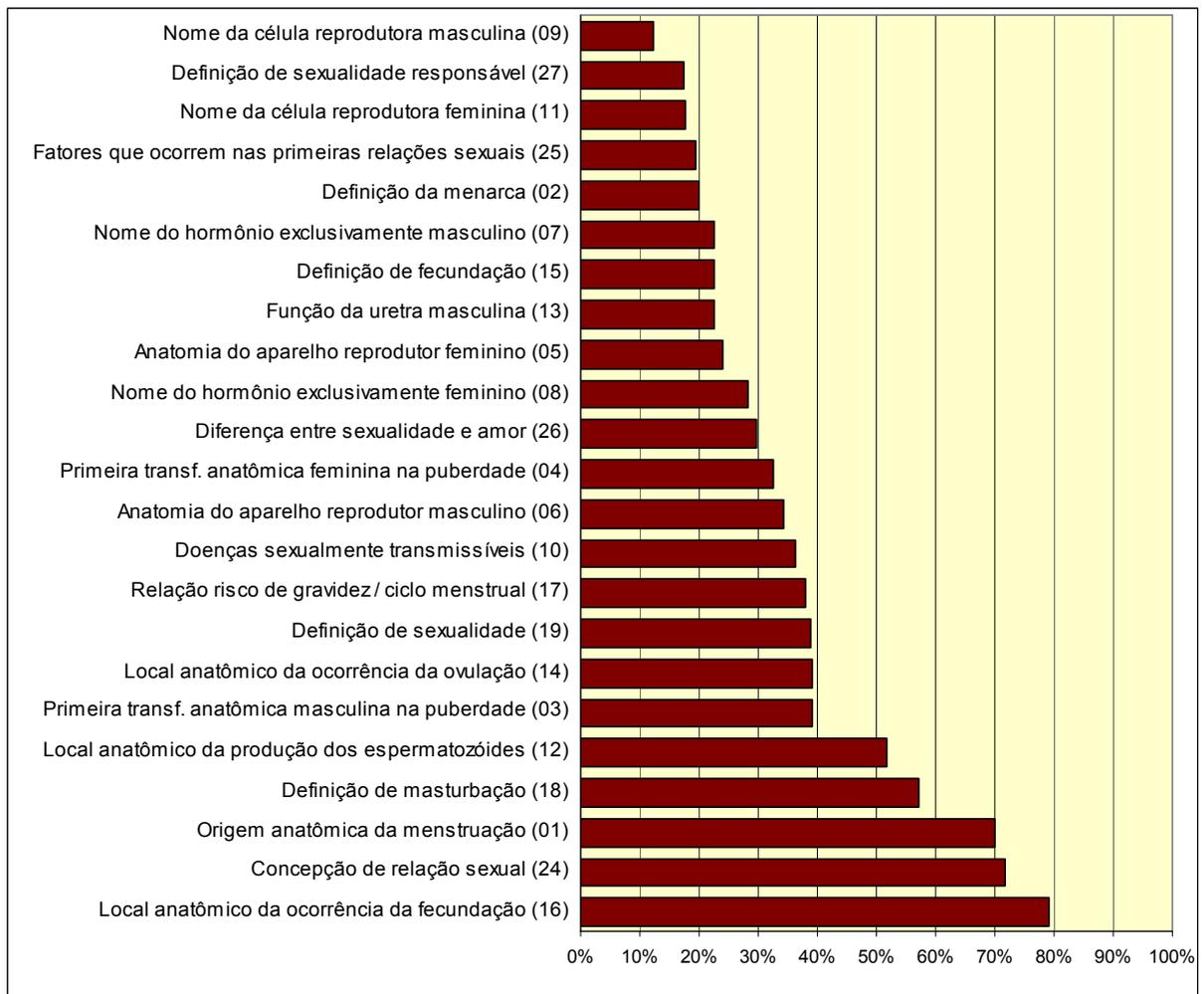


GRÁFICO 3 - Percentual de erros em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

NOTA: O nº entre parênteses representa o número da questão formulada no questionário (ANEXO 3).

### 5.1.3 Questões de desconhecimento ("não sei")

As questões que os alunos mostraram não ter acesso ao conhecimento estão no GRÁF. 4.

Nos conhecimentos de anatomia dos aparelhos genitais, desconheceram mais o **local anatômico da produção de espermatozoides, a primeira transformação anatômica masculina na puberdade, o local anatômico da ocorrência da fecundação** (questões 12, 3 e 16, respectivamente). Houve maior desconhecimento em relação à fisiologia dos aparelhos reprodutores em: **definição de menarca, o nome do hormônio exclusivamente masculino, o nome do hormônio exclusivamente feminino** (questões 2, 7 e 8, respectivamente). Em sexualidade, desconheceram **a definição de masturbação, os fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais, a concepção de relação sexual** (questões 18, 25 e 24, respectivamente).

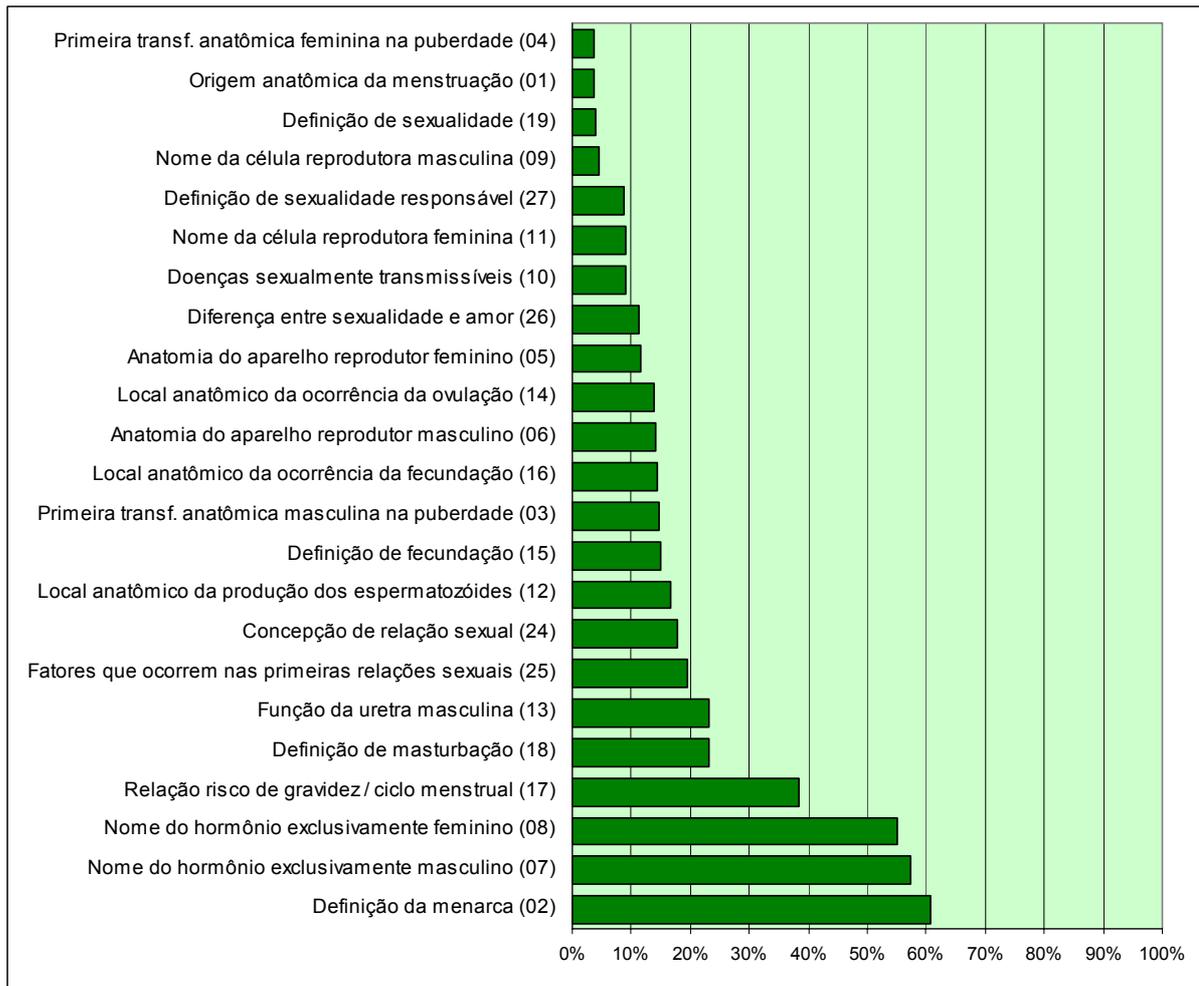


GRÁFICO 4 - Percentual de desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)  
 NOTA: O nº entre parênteses representa o número da questão formulada no questionário (ANEXO 3).

## 5.2 Erros, acertos e desconhecimento ("não sei") no total de questões, de acordo com a série, gênero e idade

Agrupando os alunos que responderam o questionário em séries das 5ª e 6ª e das 7ª e 8ª, o GRÁF. 5 mostra que **há uma associação com significância estatística entre a série cursada pelo estudante e a proporção de erro, acerto e desconhecimento nas questões**. Pode-se observar que entre os estudantes mais velhos há um maior percentual de acerto, menor percentual de erro e

aproximadamente o mesmo percentual de desconhecimento que entre os estudantes mais novos, da 5ª ou 6ª série.

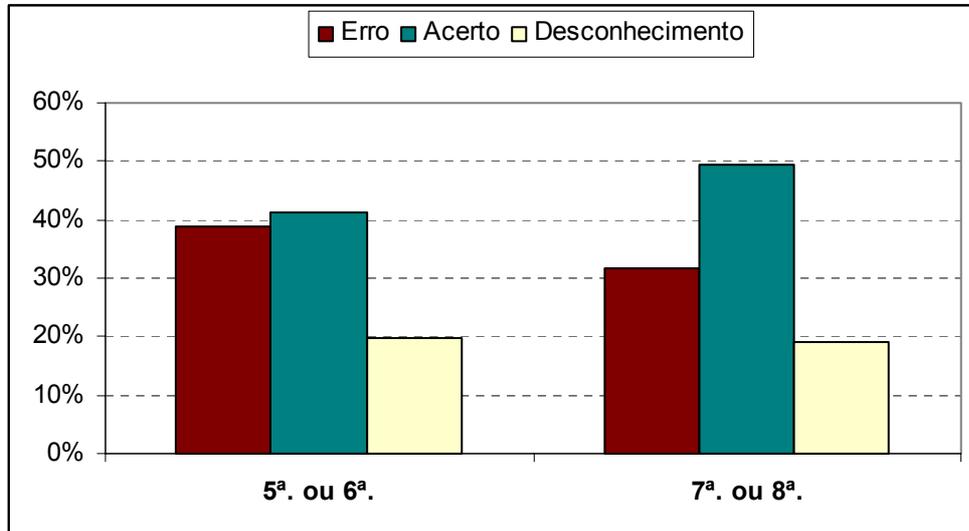


GRÁFICO 5 - Percentual de erro, acerto e desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a série

NOTA  $\chi^2 = 85,734$ ;  $p = 0,001$ .

Levando-se em consideração o gênero, ***há uma diferença com significância estatística entre o gênero do estudante e a proporção de erro, acerto e desconhecimento nas questões.*** Entre os meninos, há um maior percentual de erro, aproximadamente o mesmo percentual de acerto e menor percentual de desconhecimento que entre as meninas. Os resultados estão mostrados no GRÁF.

6.

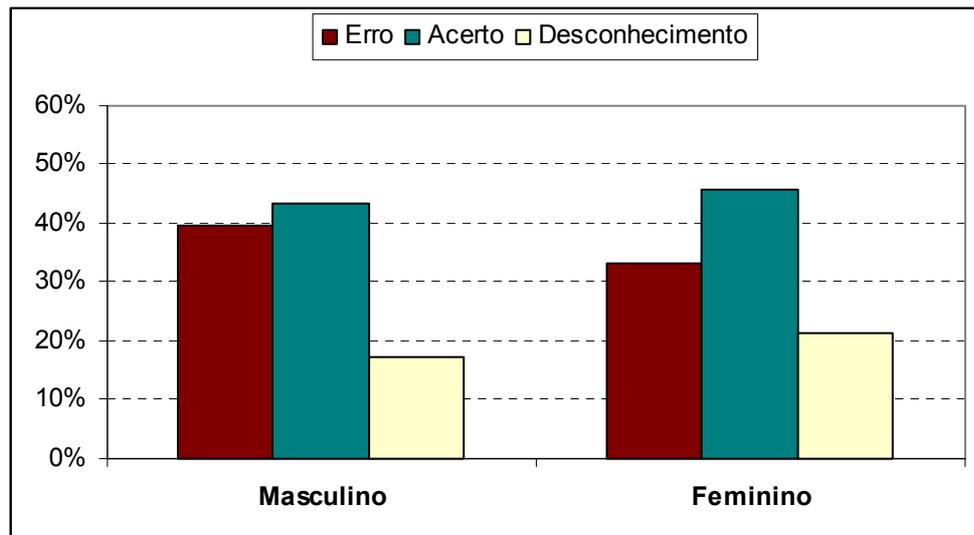


GRÁFICO 6 - Percentual de erro, acerto e desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com o gênero  
 NOTA:  $\chi^2 = 62,106$ ;  $p = 0,001$ .

Quanto à faixa etária, ***há uma diferença com significância estatística entre a faixa etária do estudante e a proporção de erro, acerto e desconhecimento nas questões.*** Os mais jovens têm um maior percentual de erro, menor percentual de acerto e aproximadamente o mesmo percentual de desconhecimento que entre os mais velhos. Os dados estão ilustrados no GRÁF. 7.

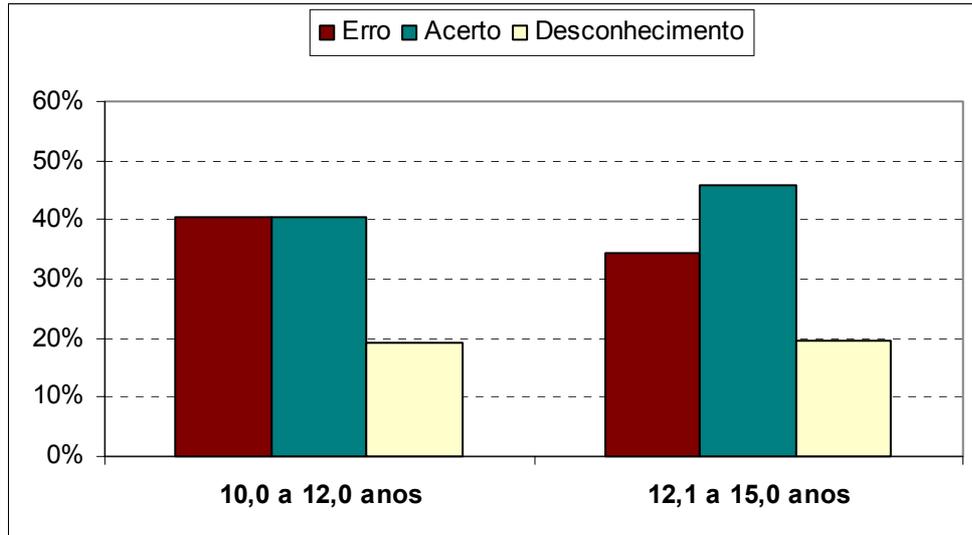


GRÁFICO 7 - Percentual de erro, acerto e desconhecimento em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com a faixa etária

NOTA:  $\chi^2 = 35,614$ ;  $p = 0,001$

### 5.3 Fontes do conhecimento sobre sexo e sexualidade

#### 5.3.1 Pessoas de convivência do aluno

A avaliação da pergunta sobre a principal fonte de conhecimento de sexo e sexualidade dos alunos (questão 20) para a amostra total, segundo o gênero e a faixa etária, estão registrados nos GRÁF. 8, 9 e 10.

Na questão "**Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade?**", 32,2% do total válido aponta a mãe, seguida pelos amigos 24,6% e o pai é o que menos conversa 5,7%.

Em relação ao gênero **os meninos conversam mais com os amigos 24,8% do que com os pais 11,7%.**

**A mãe - 36,4% entre 10,0 e 12,0 anos e 30,9% entre 12,1 e 15,0 anos -, e os amigos - 16,9% (10,0 a 12,0) e 26,8% (12,1 a 15,0 anos), são os que também mais conversam sobre sexo com os alunos.**

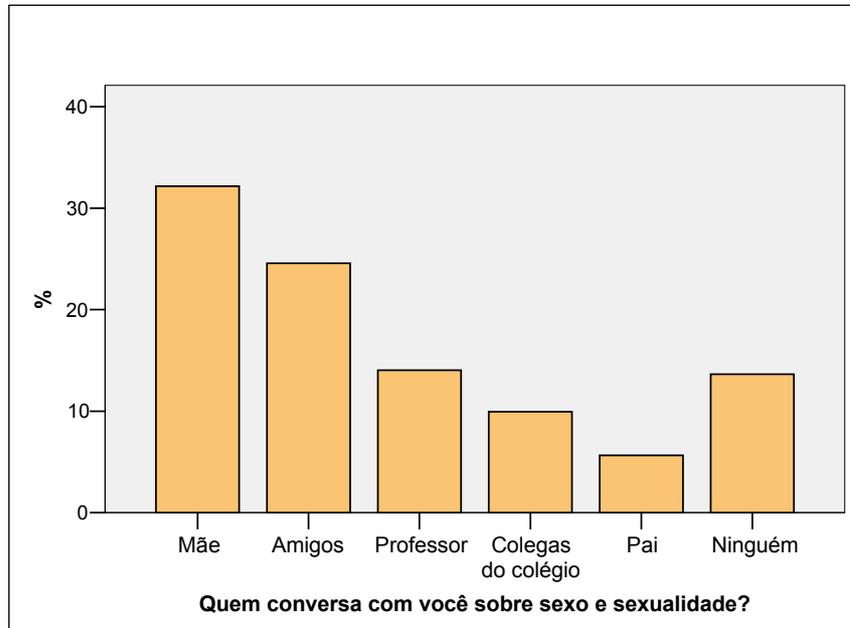


GRÁFICO 8 - Distribuição percentual das respostas na questão "Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

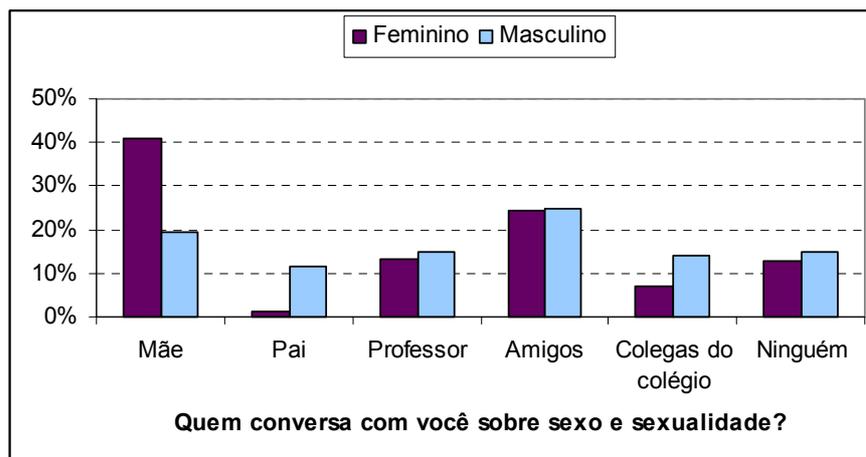


GRÁFICO 9 - Distribuição percentual das respostas na questão "Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com o gênero

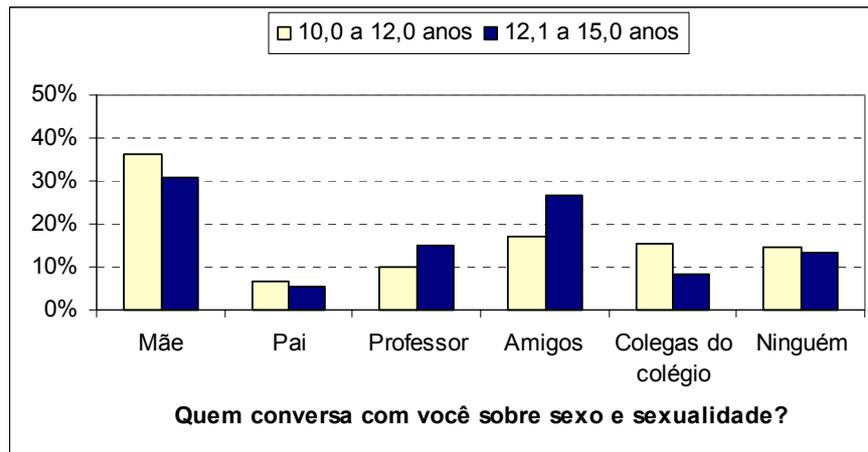


GRÁFICO 10 - Distribuição percentual das respostas na questão "Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a série

### 5.3.2 Local de informação sobre sexo e sexualidade

A avaliação da pergunta sobre o local de informação sobre sexo e sexualidade dos alunos (questão 21) para a amostra total, segundo o gênero e a faixa etária, estão registrados nos GRÁF. 11, 12 e 13.

***A questão mostra a TV com 36,6% do total válido, seguido das revistas 32,3%.***

***Tanto nas faixas etárias como em relação ao gênero, os dois veículos de informação mantêm a maioria da busca de saber sobre sexualidade.***

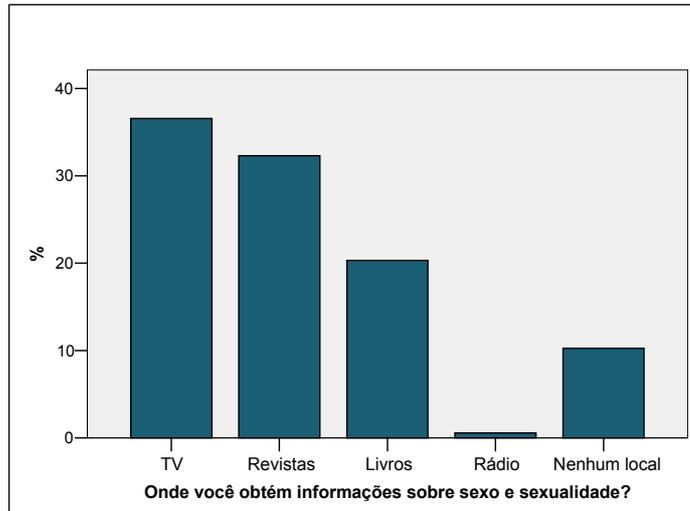


GRÁFICO 11 - Distribuição percentual das respostas na questão "Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

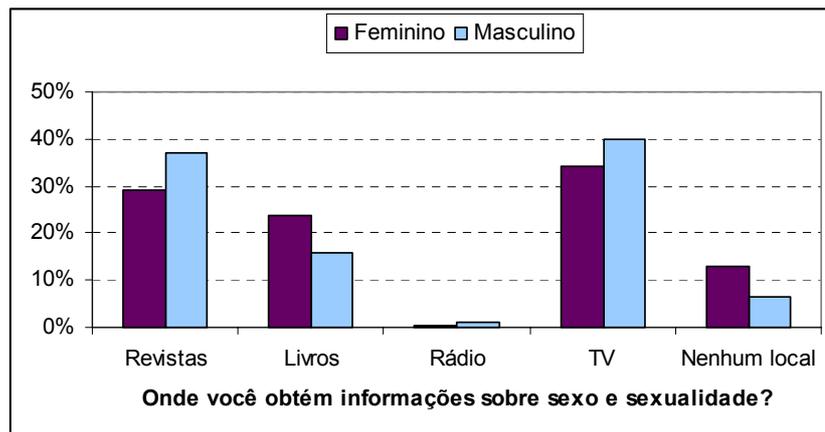


GRÁFICO 12 - Distribuição percentual das respostas na questão "Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com o gênero

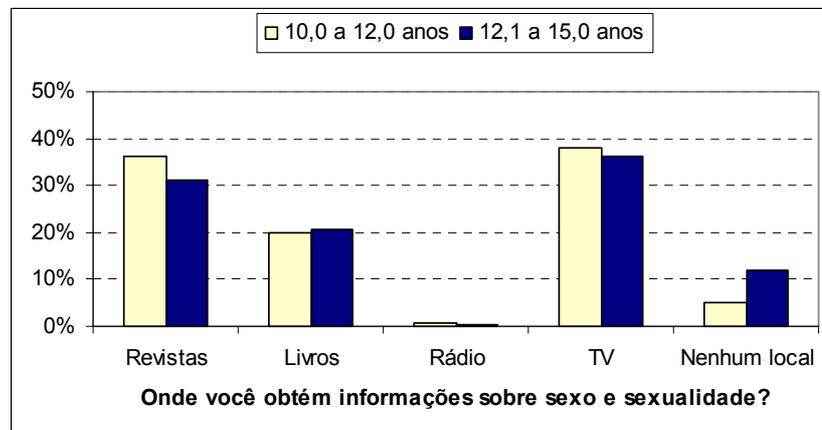


GRÁFICO 13 - Distribuição percentual das respostas na questão "Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com a faixa etária

### 5.3.3 Frequência anual de informação sobre sexo e sexualidade na escola

Avaliação da pergunta sobre a forma anual de informações sobre sexo e sexualidade na escola (questão 22) para a amostra total, segundo o gênero e a faixa etária, estão registrados nos GRÁF. 14, 15 e 16.

***Dois vezes (31,5%), nunca teve (27,1%) e não sei (21,9%) foram as mais respondidas.***

***O mesmo percentual em ordem crescente é mostrado nos gráficos de faixas etárias e gênero.***

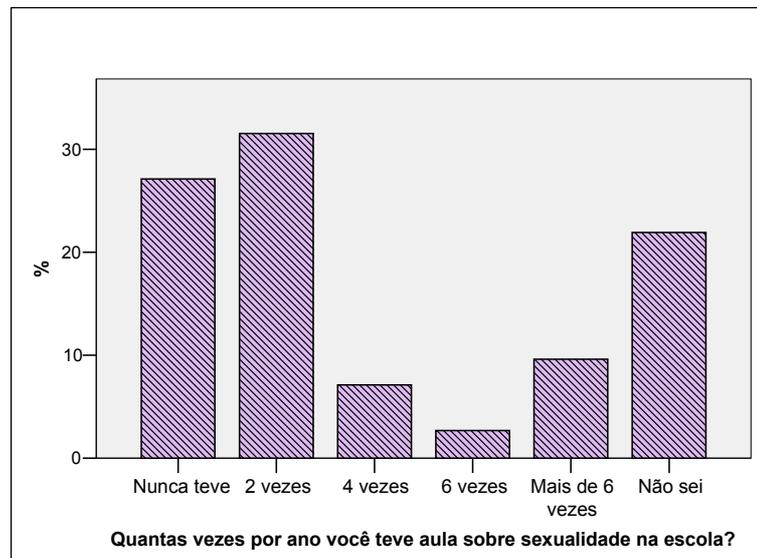


GRÁFICO 14 - Distribuição percentual das respostas na questão "Quantas vezes por ano você teve aulas sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

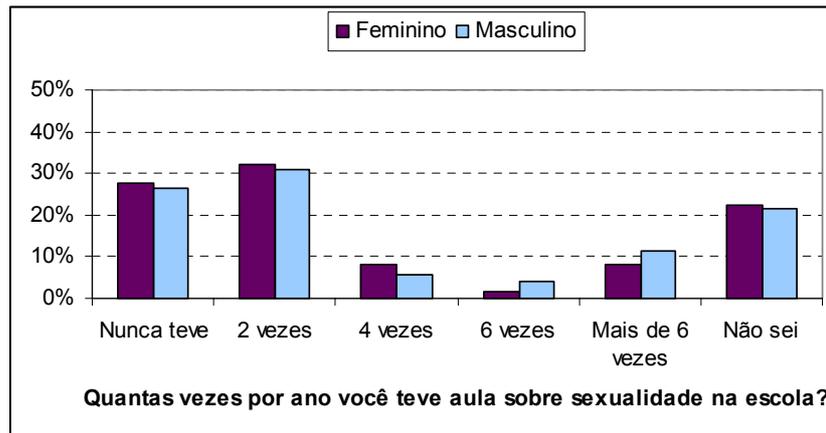


GRÁFICO 15 - Distribuição percentual das respostas na questão "Quantas vezes por ano você teve aulas sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com o gênero

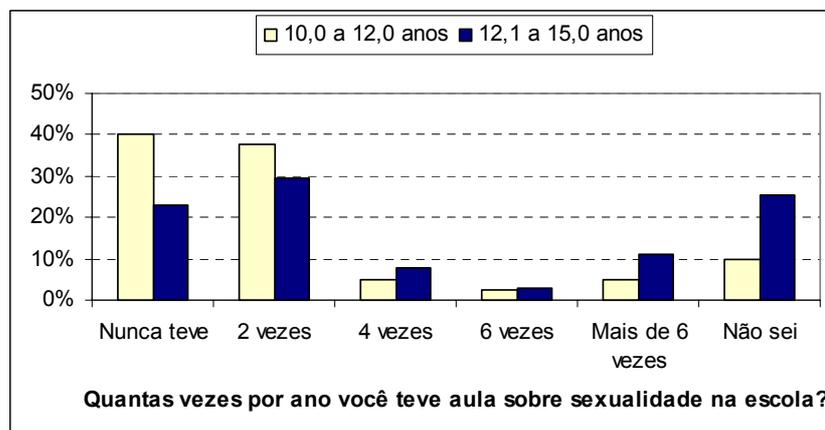


GRÁFICO 16 - Distribuição percentual das respostas na questão "Quantas vezes por ano você teve aulas sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com a faixa etária

#### 5.3.4 Assunto sobre sexo e sexualidade sendo explicado na escola

A avaliação da pergunta sobre qual assunto sobre sexo e sexualidade é explicado na aula (questão 23) para a amostra total segundo o gênero e a faixa etária estão registrados nos gráficos 17, 18 e 19.

**27,4% são os aparelhos reprodutores; 23,7% DST/AIDS; seguido de adolescência e puberdade 20,8%; sendo que anticoncepção é 14,9% explicado.**

**O sexo feminino mostra adolescência e puberdade 24,3% e o masculino aparelho reprodutor 33,5%.**

**De 10,0 a 12,0 anos aparelhos reprodutores 34,4%; e de 12,1 a 15,0 anos DST/AIDS 26,5%.**

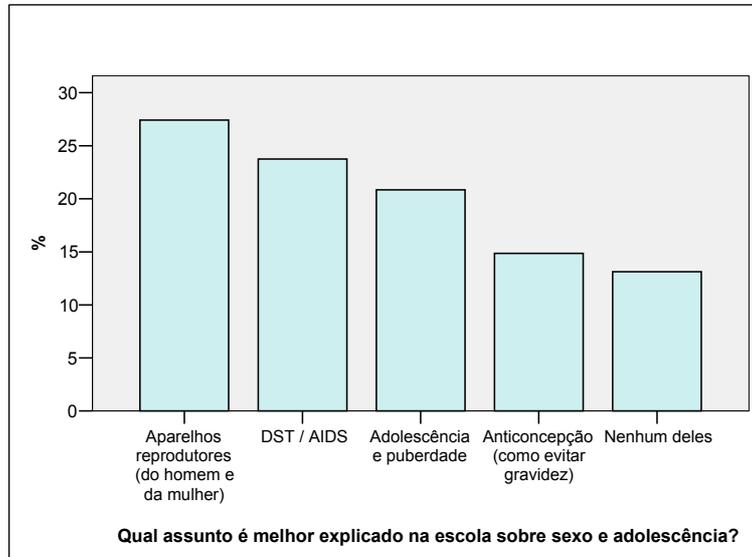


GRÁFICO 17 - Distribuição percentual das respostas na questão "Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

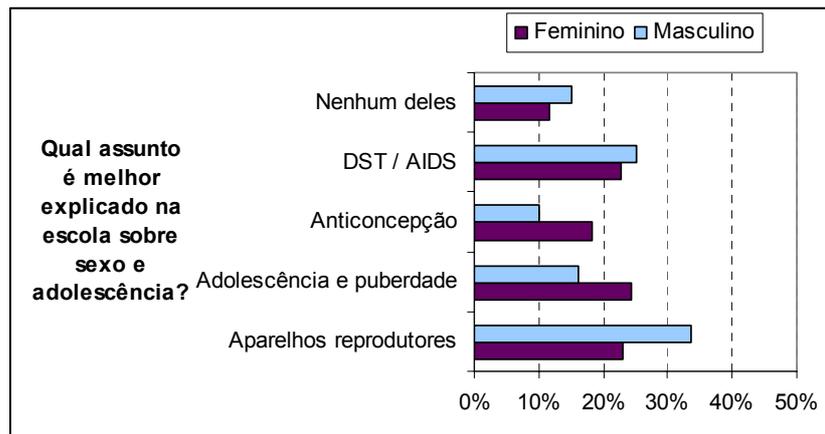


GRÁFICO 18 - Distribuição percentual das respostas na questão "Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com o gênero

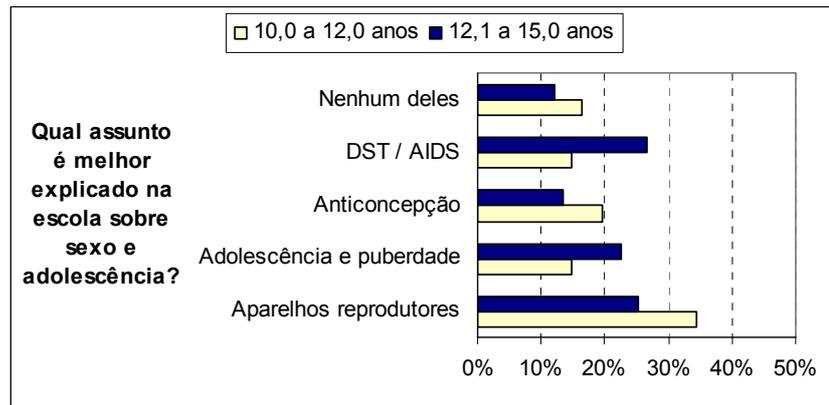


GRÁFICO 19 - Distribuição percentual das respostas na questão "Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência" entre os alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006), de acordo com a faixa etária

## 6 DISCUSSÃO

### 6.1 Metodologia e adolescentes

***524 alunos (32%) representaram a amostra, respondendo o questionário contendo as perguntas sobre anatomia, fisiologia, sexualidade e as fontes desses conhecimentos.<sup>1</sup>***

***O instrumento de coleta de dados escolhido foi um questionário com perguntas fechadas, acreditando ser essa uma maneira efetiva de pesquisa para a faixa etária entre 10 a 15 anos em ambiente escolar, pois questões abertas poderiam trazer constrangimento em se tratando de sexo e sexualidade, causando dificuldades na escrita de termos científicos, e interferindo na inquietude própria dessa idade em terminar as tarefas escolares.***

Segundo Soriano (2004), esse tipo de pergunta serve principalmente para realizar uma análise descritiva, sendo esse o objeto do estudo.

A adolescência é uma etapa evolutiva caracterizada por rápidas e profundas transformações anatômicas, fisiológicas, sociais e mentais, próprias do processo de amadurecimento do ser humano. Segundo a Organização Mundial da Saúde, essa fase da vida compreende a faixa etária de 10 a 20 anos incompletos. Entretanto, não se trata de um período homogêneo. As características próprias da adolescência

---

<sup>1</sup> Os comentários do autor estão colocados em negrito e itálico.

variam entre culturas, entre grupos e mesmo entre indivíduos, mas apresentam um eixo comum: as transformações corporais e a aquisição da identidade pessoal, construída pelas experiências de autoconhecimento. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

***A população estudada é representativa de adolescentes que freqüentam as escolas públicas da cidade de Pitangui/MG; assim, os resultados aplicam-se a essa população específica, não podendo ser generalizados para a população escolar de maneira geral.***

***Nas escolas de ensino básico pesquisadas (5ª a 8ª) séries, um dado merece ser destacado quanto à aplicação do questionário na população de alunos apesar da garantia do anonimato e sigilo das informações colhidas: do total de 1.421 alunos dentro da faixa etária (86,4%), 863 alunos (52,5%) não participaram da pesquisa por não terem os termos de consentimento assinados por eles ou pelos pais, restando uma amostra final de 524 alunos (31,9%) da população. As possíveis explicações para esses resultados serão comentadas no texto abaixo.***

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. Em nosso meio cultural, mostra-nos períodos de ilação, de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas nas quais se pode oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, condutas sexuais dirigidas para o heteroerotismo e até a

homossexualidade ocasional. (ABERASTURY; KNOBEL,1981).

Peter Scales (1981) aponta como argumentos contra a educação sexual que ela pode provocar questionamento na autoridade dos pais; pais e educadores têm a tendência de acreditar que os desafios da vida contemporânea geram "absolutos morais" que não geram contestações e eles servem como únicas orientações para o comportamento dos adolescentes.

Tiba (1994) diz que quando os filhos percebem que pais e escolas discordam, tendem a jogar um contra o outro. Muitos dos pais de adolescentes foram educados num ambiente de repressão às manifestações sexuais. Seus pais preferiam não tocar no assunto, e na escola, professores de biologia se limitavam a descrever a função reprodutiva dos órgãos sexuais, sem abordar suas funções na resposta sexual humana. Não se pode deixar de considerar a força milenar da repressão à sexualidade humana, interferindo no comportamento das pessoas, em algumas épocas menos em outras mais, e, ainda hoje, desencadeando uma luta interior entre os preconceitos herdados de seus antepassados e a perspectiva de viver a sexualidade plenamente, sem sentimentos de culpa ou medo (JESUS, 1999).

Groppa Aquino (1997) lembra que no imaginário de pais, professores e alunos, a díade educação/sexualidade é, quase invariavelmente, um ingrediente exótico de uma receita, ao final, indigesta.

Para Chauí (1984), as inovações são imensas e imensas as dificuldades; situações novas ainda não tendo formas fixas e sinais de solução, em caso de conflitos. Até

que ponto essa criação original será capaz de diminuir repressão sexual em lugar de substituí-la por outra, invisível, não saberíamos dizer. Que a ideologia da adolescência saudável, livre e feliz, de um lado, e a do elogio do trabalho santificante (hoje em dia se diz espontâneo) poderão pesar sobre a inovação e determinar nova repressão sexual, talvez insidiosa porque revestida com a capa da liberação.

A experiência religiosa, em seu sentido antropológico, constitui uma variável a mais na adolescência. Os grupos religiosos podem ser uma opção atrativa, na medida em que apresentam segurança, solidez e um sentimento de vida para as pessoas, além das possíveis respostas tão procuradas pelos adolescentes. Então, é importante considerar que a experiência religiosa exerce influência também sobre outros aspectos da formação da identidade do adolescente, podendo ser restritiva em suas normas, valores e costumes, quanto pode ser reflexiva. (CARVALHO; PINTO, 2003).

Segundo dados do Proeb (Programa de Avaliação da Rede Pública da Educação Básica), SEE/MG realizado em 2000, 89,5% dos pais dos alunos da 8ª série diziam saber ler e escrever; sendo que 6,9% nunca estudaram, e 38,7% só possuíam escolarização até a 4ª série do ensino fundamental. Esse é um outro aspecto que merece ser analisado para explicar a falta de compreensão para assinatura dos termos de consentimento pelos pais.

Silva (2001) descreve efeitos da política curricular (agora currículo) na sala de aula. Ela define os papéis de professores e alunos e suas relações, redistribuindo funções de autoridade e de iniciativa. Ela determina o que passa por conhecimento válido e

por formas de verificar sua aquisição. O currículo desloca certos procedimentos e concepções epistemológicas, colocando outros em seu lugar. A política curricular, metamorfoseada em currículo, efetua, enfim, um processo de inclusão de certos saberes e de certos indivíduos, excluindo outros. O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades.

Song *et al* (2000), num estudo de meta-análise, verificou em 67 estudos entre 1960-1997 os efeitos dos conhecimentos dos programas escolares de educação sexual nos EUA. Somente 31% dos estudos continham informações básicas para estimar a grandeza dos efeitos procurados. Os 67 estudos mostraram 72 resultados que foram agrupados em 6 variáveis, que tratam de conhecimentos sobre sexualidade: 1) Conhecimentos gerais de sexualidade, 2) Gravidez, 3) Conhecimentos adquiridos na vida familiar, 4) HIV/AIDS, 5) Contracepção e 6) DST. Os resultados mostram baixo índice de conhecimento em DST, a família tem mais efeito (ensina melhor) que a escola, mostrando que o sucesso da família reside em parte no fato de educar aspectos biológicos sugerindo que a falta de conhecimento em DST possa, por algum motivo, ser talvez proibitivo nas escolas. Esse estudo apresenta três limitações sobre os artigos pesquisados: primeiro, é de se dar mais importância a alguns estudos; segundo, dois diferentes pesquisadores podem chegar a conclusões substancialmente diversas pelo grande número de estudos no período pesquisado (mais de 100); e, em terceiro lugar, as conclusões levantadas nos estudos não são quantitativas. O estudo traz as seguintes implicações: necessidade de orientação para os envolvidos na avaliação dos programas de ensino de sexualidade, direcionamento para aqueles envolvidos no desenvolvimento de programas de educação sobre sexualidade e programas voltados não somente para conhecimento,

mas também para mudança no comportamento.

Estudantes de Minnesota (EUA), de nível básico em escolas públicas, apontaram como tópicos para uma educação sexual "ideal": sexualidade e reprodução; consequência da atividade sexual especificamente quanto à gravidez e DSTs e temas de maior sensibilidade, como homossexualidade e aborto, sendo que uma minoria dos adolescentes pesquisados acredita que o tema homossexualidade não seja apropriado para se tratar em sala de aula. (EISENBERG, 1997).

***Com relação ao gênero houve uma tendência do sexo feminino, com 58,2%, havendo concordância com a pesquisa do Proeb 2000/MG, em que 54,3% dos alunos da oitava série eram do sexo feminino, e com a pesquisa nacional da Unesco (2000) nas capitais da federação, sobre violência, Aids e drogas nas escolas, mostrando a maioria dos alunos, 53,3%, do sexo feminino.***

Segundo a Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd, 1998), citada por Gomes (2001), a diferença favorável em relação ao sexo feminino é um fenômeno que vem se repetindo nas últimas décadas, e a explicação reside no fato de que os indivíduos desse sexo são conduzidos para os afazeres domésticos, assegurando-lhes mais disponibilidade de tempo para se dedicar ao estudo, podendo determinar impacto positivo na área social nos próximos anos, enquanto os indivíduos do sexo masculino se inserem mais precocemente no mercado de trabalho, estão sujeitos a uma série de riscos de morbi-mortalidade, associados às causas de morte por fatores ambientais, como homicídios, acidentes e suicídios, entre outros.

No entanto, a pesquisa "Perfil da Juventude Brasileira", do Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo (2005), escreve no relatório que a presença maciça das mulheres e seu desempenho no sistema de ensino brasileiro merece novas investigações, uma vez que o fenômeno é muito recente para verificarmos se realmente há uma reversão de desigualdades construídas por vários séculos. (ABRAMO; BRANCO, 2005).

Relacionando o gênero a currículo e sexualidade, Louro (2003) relata que uma noção muito singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem a obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. Para a autora, a não-nitidez e a ambigüidade das identidades culturais podem mesmo ser, às vezes, a posição desejada e assumida – tal como fazem, por exemplo, muitos jovens homens e mulheres ao inscrever em seus corpos, propositalmente, signos que embaralham possíveis definições de masculinidade e feminilidade. Os corpos, como bem sabemos, estão longe de ser uma evidência segura das identidades! Não apenas porque eles se transformam pelas inúmeras alterações que o sujeito e as sociedades experimentam, mas também porque as intervenções que neles fazemos são, hoje, provavelmente mais amplas e radicais que em outras épocas. Realizamos, todos, um investimento contínuo sobre nossos corpos: através de roupas, adornos, perfumes, tatuagens, cosméticos, próteses, implantes, plásticas,

modelagens, dietas, hormônios, lentes. Tudo isso torna cada vez mais problemática a pretensão de tomá-los como estáveis e definidos. Tudo isso torna cada vez mais impossível a pretensão de tomá-los como naturais. E acredita que seja mais produtivo para educadores (as), deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e de práticas como um "problema" e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais com base na lógica da oposição e da exclusão binária, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa. Um tempo em que a multiplicidade de sujeitos e de práticas sugerem o abandono do discurso que posiciona, hierarquicamente, centro e margem em favor de outro discurso que assume a dispersão e a circulação de poder.

## **6.2 Acertos, erros e desconhecimentos ("Não sei")**

### **6.2.1 Anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores**

Leão (2005) distingue adolescência e puberdade. Puberdade, como conceito, tem sua origem na realidade biológica, e compreende o conjunto de transformações somáticas que marcam o final da infância, sobretudo o surgimento dos caracteres sexuais secundários, e a adolescência como o processo de passagem da vida infantil para a vida adulta e tem sua conceituação sustentada mais na Psicologia e na Sociologia. Ainda divide a adolescência em três etapas: precoce dos 10 aos 13 anos; média dos 14 aos 16 anos; tardia dos 17 aos 20 anos. Julgamos importante, devido à convivência com as modificações do próprio corpo e conduta nas duas primeiras etapas, investigar que sabem sobre aspectos anatômicos, fisiológicos e

sexualidade na faixa etária de 10 a 15 anos.

***Em nosso estudo ocorreram 44,63% de acertos; 35,85% de erros; 19,52% de desconhecimentos. Quanto aos acertos relacionados aos conhecimentos da anatomia, o aparelho reprodutor feminino teve 64,6%, sendo uma das mais acertadas, enquanto que o aparelho reprodutor masculino teve 51,4% de acertos.***

***Erros em conhecimentos de anatomia: 79,1% o local anatômico da fecundação; 70,1% a origem anatômica da menstruação; 51,7% local anatômico da produção dos espermatozoides.***

***Quanto à fisiologia, a primeira transformação anatômica feminina na puberdade (63,7%); função da uretra masculina (54,3%); definição de fecundação (62,4%), foram as mais acertadas; ocorrendo erros a relação gravidez/risco menstrual 38,1%; no nome do hormônio exclusivamente feminino 28,2%. 54,5% acertaram questão sobre as DST.***

Para Botell *et al* (1999), a falta de informação na fisiologia e anatomia do aparelho feminino influi nas práticas diárias e nas consultas de ginecologia infanto-puberal, cujo objetivo deve ser um propósito permanente em melhorar o nível de saúde integral das mesmas, aumentar a qualidade de vida das novas gerações mediante a promoção e a prevenção em saúde, que alcança sua maior dimensão na atenção primária. Ainda quanto ao pensamento mágico dos adolescentes, possuem uma concepção errada de que na primeira relação sexual não se engravida, devido

também à ignorância de noções de anatomia e fisiologia da reprodução humana, assim como dos métodos anticoncepcionais que poderiam ser usados neste momento.

Ferreira (2000), em pesquisa com 36 adolescentes do sexo feminino com idade entre 11 e 17 anos, participantes do projeto Universidade Solidária, em questionário com perguntas abertas e fechadas sobre anticoncepção, sexualidade, DST/AIDS, conclui que a educação para o início e a manutenção da atividade sexual segura é de extrema importância para os adolescentes. Nos campos da saúde, a educação é um processo através do qual conhecimentos, atitudes, valores, crenças e práticas são compartilhados, e o indivíduo é estimulado a melhorar a sua saúde pelo próprio esforço, considerando o ambiente em que vive e a sua individualidade. Relata ainda que seus resultados mostram que os adolescentes possuem informações insuficientes em relação aos métodos anticoncepcionais.

Brandão *et al* (1995), pesquisando adolescentes do Parque Ouro Branco sobre sexualidade em Londrina-PR, entre 11 a 19 anos, relatam que entre 11 a 13 anos os órgãos mais identificados foram o pênis (82,9%), bolsa escrotal (46%) e vagina (40,8%); maior dificuldade nas trompas (21%), útero (19,7%) e ovários (9,2%). Constataram que mais de 90% dos adolescentes do sexo masculino e 80% do sexo feminino responderam de forma inadequada ou deixaram em branco a questão sobre mecanismo pelo qual ocorre a menstruação, sendo que 100% não responderam adequadamente a essa pergunta.

Maia (1998), pesquisando 14 adolescentes, do sexo feminino (Escola Pública de

Bauru/SP), com idades entre 12 a 15 anos, num total de 167 dúvidas, que foram agrupadas em temas comuns de interesse, apontam querer conhecer menstruação/menopausa como assunto principal. 42% das pesquisadas não sabem o que é masturbação, **sendo que nas nossas escolas pesquisadas, 54,3% das meninas erraram esse conceito e 25,5% desconheciam.**

Abramovay, Castro e Silva (2004) demonstram precocidade na média de idade da primeira relação sexual: 13,4 anos em Vitória, 14,4 no Rio de Janeiro, no sexo masculino; 15,0 anos em Porto Alegre, 15,2 em São Paulo, no sexo feminino, reforçando a necessidade de um conhecimento adequado de sexo/sexualidade anterior para evitar gravidez indesejada e DST. A faixa etária predominante nas capitais pesquisadas mostra que a maioria das primeiras relações sexuais ocorrem entre 10 a 14 anos: Manaus (69,8%), Recife (63,3%). O relatório ainda mostra que tanto o sexo masculino quanto o feminino desconhece o que é período fértil: Rio de Janeiro (40,9%); Cuiabá (44,4%), em menor proporção que em nossa pesquisa realizada, onde a soma erros e desconhecimentos sobre Relação risco de gravidez/ciclo menstrual é mais alta.

Cadenas (1995), caracterizando os aspectos da sexualidade do jovem venezuelano, acredita que os adolescentes que levam uma vida sexual ativa devem manter-se bem informados sobre os métodos anticoncepcionais disponíveis, e seu mau uso é consequência de uma ausência quase total de conhecimentos, tanto para o menino quanto para a menina. 80% dos jovens venezuelanos de sua pesquisa não conhecem formas de evitar gravidez precoce; 76% desconhecem a maneira de evitá-la; 68% desconhecem que existem consultas médicas para tal fim.

Fernández *et al* (2000), em estudo com alunos de três escolas chilenas, sendo duas municipais e uma particular na cidade de Temuco, aplicaram questionário com perguntas abertas e fechadas para estudar as crenças, atitudes e conhecimentos em educação sexual em adolescentes. Os conhecimentos de anatomia foram insuficientes: 58,7% das respostas corretas, mostrando diferença estatística significativa ( $p=0,0496$ ) entre os estabelecimentos, sendo um pouco melhor na escola particular. Em fisiologia o nível foi insuficiente, com 38,5% de respostas corretas, somente 30,5% conhecem a duração do ciclo menstrual, 53,7% não sabem definir menstruação. A escola particular mostrou melhor nível de conhecimento, sendo que entre as municipais pertencentes a estratos socioeconômicos similares houve também diferença nos conhecimentos pelos alunos.

Reis (1999) relata que, segundo o IBGE, o número de adolescentes menores de 15 anos que engravidaram aumentou em 39,1% entre 1976 e 1994. A Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde de 1966 mostrou que 18% das adolescentes de 15 a 19 anos já tiveram um filho ou estão grávidas. Pelo SUS, em 1996, 25,79% de todos os partos destas, 31.857 eram meninas entre 10 e 14 anos. Os dados dizem respeito a gravidezes que chegaram até o final, sendo provavelmente maior o número de adolescentes que engravidaram, mas abortaram, espontaneamente ou não. Se nos EUA anualmente 1 milhão de adolescentes engravidam, sendo que 60% delas chegam ao final da gestação, no Brasil os números são imprecisos, mas estima-se que ocorra uma provável relação de 1 aborto para 4,3 nascimentos. Segundo o Ministério da Saúde, as complicações de parto e puerpério de parto normal, causas obstétricas e aborto, são responsáveis por 70% de todas as internações em adolescentes pelo SUS (1966). De uma maneira geral, nota-se um

aumento de informações sobre métodos anticoncepcionais que chega aos adolescentes, mas isso não basta, é necessário colocar esses ensinamentos em prática.

***Dados de nossa pesquisa indicam falta de conhecimentos anatômicos e fisiológicos para maior compreensão da prática.***

***O nível de desconhecimento ("Não sei") mostra 60,8% na definição de menarca, seguida dos hormônios masculino e feminino, reforçando desconhecimento em fisiologia dos aparelhos genitais.***

Bruno *et al* (1997) verificaram, em estudo no Ceará, que a idade média de menarca foi 12,4 anos e de primeira ejaculação 12,2 anos; e, destes, somente 12,3% tiveram orientação escolar para entender as modificações que estavam ocorrendo neles.

Rena (1996) relata no Projeto Adolescer realizado com adolescentes no interior de Goiás, 10,5% das adolescentes pesquisadas relataram terem menstruado entre 10 a 12 anos, e 41% entre 13 e 16 anos. Entre os meninos de 10 a 12 anos, 15% não sabiam se já haviam ejaculado, e 11,5%, entre 13 a 16 anos. O pesquisador utilizou para as adolescentes a palavra menstruação e não menarca; para os adolescentes do gênero masculino usou a palavra ejaculação.

***54,5% do adolescentes acertaram sobre as DSTs.***

Fernández *et al* (2000) relatam que entre adolescentes chilenos pesquisados,

96,48% reconhecem a existência das DSTs, 85% somente sabem da AIDS, sendo que 2,91% mencionaram a sífilis e 1,675 a gonorréia, e 8,75% designaram câncer como DST. Em nossa pesquisa verificamos que 54,45 dos alunos reconhecem a leucemia como não sendo DST.

Rickert *et al* (1990) destacam que, apesar de esforços crescentes para lidar com a sexualidade do adolescente, 12 milhões de jovens são sexualmente ativos hoje em dia. A média do coito é de 16 anos, e um quinto das meninas de 15 anos e um terço dos meninos dessa idade relatam ter tido a primeira relação sexual. Como uma das conseqüências negativas do início precoce da atividade sexual podemos incluir as DSTs, que está crescendo continuamente nos Estados Unidos. Embora a faixa etária entre 20 e 24 anos tenha maiores índices de DST, a faixa entre 15 e 19 anos vem em segundo lugar. Quando ajustado para a atividade sexual, os índices de DST são muito maiores para os jovens entre 13 e 20 anos do que em outro qualquer grupo: 15%

Survey realizado por Benson and Torpy (1995) para avaliar o comportamento de estudantes do ensino secundário (segundo grau), associando 14 variáveis, inclusive conhecimento em educação sexual, conclui que a técnica usada pelos pesquisadores para medir os conhecimentos em educação sexual (uma de suas variáveis), em contraste com descobrimento de outros estudos, demonstra pouco ou nenhum efeito no comportamento sexual pelo ensino dos aspectos reprodutivos da Biologia.

Lima (1999), em pesquisa com 362 gestantes e/ou puéperas menores de 18 anos

em hospital público de São Paulo, conclui que a escola parece continuar sendo o lugar privilegiado para a oferta da orientação sexual, embora se perceba que, de fato, são poucas aquelas que trabalham com esse tema. Em sua pesquisa, mostra que a porcentagem de adolescentes que fazia uso de métodos contraceptivos é praticamente a mesma (20%), tanto para o grupo que havia sido orientado sexualmente na escola, como para o outro.

Imia *et al* (2002), em estudo descritivo transversal em 100 adolescentes de 10 a 19 anos da policlínica docente "Wilfredo Pérez Pérez", de San Miguel del Padrón, em Cuba, mostram que somente 5% dos adolescentes pesquisados, na faixa etária de 10 a 13 anos, não tinham conhecimentos sobre anatomia dos aparelhos genitais.

Gomes (2001), em Feira de Santana, Bahia, apresenta em estudo amostral dos alunos da sede e zona rural de 1º grau das escolas municipais, de ambos os sexos, sobre conhecimentos de adolescência, puberdade e sexualidade (n=399), 57,6% do total analisado apresentaram nível insatisfatório, sendo que a faixa etária de 10 a 11 anos regular, com ligeira melhora aos 12 anos, resultados esses que corroboram com nosso estudo que num total das questões erradas e desconhecidas (insatisfatório, 55,37% de questões); sendo que a faixa etária de 10,0 a 12,0 anos 59,5% de questões; de 12,1 a 15,0 anos 54,1%.

***Em nosso estudo, existe maior desinformação no sexo feminino.***

Segundo Nascimento (2004), trabalhar essas questões com os meninos traz benefícios para eles mesmos, mas certamente também os traz para as mulheres.

Esse caráter relacional tem sido a ênfase de trabalho desenvolvido com homens jovens. Pensar diferentemente do que normalmente pensa e desconstruir um modelo que séculos de história construíram não é fácil, mas, ao mesmo tempo, se torna fundamental para a construção de uma sociedade baseada em outros valores, que não a desigualdade e injustiça.

***Em relação às séries pesquisadas, observa-se que os adolescentes mais velhos (7ª e 8ª séries) possuem um maior percentual de acerto e menor percentual de erros, corroborando com os resultados obtidos por Gomes (2001), sugerindo entrada na 5ª série com defasagem nos conhecimentos pesquisados.***

### **6.2.2 Sexualidade**

***Foram questões mais acertadas: Definição de sexualidade responsável (73,8%); fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais (61,2%); diferença entre sexualidade e amor (59%).***

***As questões mais erradas foram a concepção de relação sexual (71,7%); definição de masturbação (57,1%); definição de sexualidade (38,9%). 18,8% desconhecem a concepção de relação sexual.***

Vitalle (2003), justificando uma reflexão sobre o adolescente e a sexualidade, diz que para o exercício da sexualidade, conduta que é considerada simples, cotidiana,

na verdade é muito complexa, carregada de elementos cognitivos, tanto nos aspectos mais primitivos (sensoriais), passando por esquemas de representação (linguagem corporal, facial e outros sistemas de sinais), até um processo simbólico complexo, capaz de estabelecer representações mentais com significados específicos e pessoais, que podem ser compartilhados. Há de se pensar ainda nos aspectos culturais, que, sem dúvida, estão imbricados na formação e no exercício da sexualidade humana. E acrescenta que, apesar da importância do tema para a formação integral do adolescente, existem poucos estudos no Brasil a esse respeito e, no exercício diário da profissão, os pediatras estão pouco afeitos a tratar da questão da sexualidade. Por outro lado, a adolescência, época em que aflora a temática da sexualidade (embora a sexualidade seja um evento muito anterior), é área de atuação da pediatria, conforme regulamentação do Conselho Federal de Medicina, Associação Médica Brasileira e Conselho Nacional de Residência Médica, regulamentada pela resolução n. 1, no Diário Oficial da União, de 14/05/2002.

Na maior parte da literatura considerada, Loyola (1999) comenta que a sexualidade não se constitui um objeto de estudo de disciplinas, tais como a sociologia, a medicina, a filosofia e a psicologia. Tal fato se deve, em parte, à maneira indireta ou subordinada como a sexualidade foi tratada nas disciplinas, e, em parte, ao fato de que tendemos a examiná-la a partir de sua visão moderna, em que ele aparece como objeto de estudo autônomo, fundamentalmente porque a sexualidade, enquanto tal, constitui ainda um campo a ser delimitado, um objeto em pleno processo de construção. Muitos trabalhos refletem, direta ou veladamente esse processo, a luta que se trava atualmente no campo das disciplinas que o integram e no interior de cada uma delas, para impor uma definição ou uma visão dominante

sobre a sexualidade, num esforço de reapropriação (antropologia, psicanálise) ou de apropriação (maioria das disciplinas) da sexualidade como objeto de estudo.

Rena (1996), em seu Projeto de pesquisa *Adolescer em Goiás*, considera o namoro um momento importante, e até indispensável em determinados contextos culturais, no processo de construção da relação afetivo-sexual entre duas pessoas, que permita experiências entre vários aspectos, inclusive a dimensão da sexualidade que, em vários momentos, se torna a questão central do relacionamento, envolvendo tomadas de decisões que exigem muito diálogo e muita negociação. Deveria se constituir uma experiência de aprendizado de si mesmo e do outro. Conclui que, paradoxalmente, os dados por ele levantados revelam que apenas 18,5% destes adolescentes que namoram incluem a temática da sexualidade entre os assuntos abordados com frequência, e, dentre aqueles que "nunca" falam de sexo/sexualidade com o(a) namorado(a), quase a metade está situada na faixa etária de 13 a 16 anos.

Tiba (1994) destaca que a menarca é muito diferente da semenarca (primeira ejaculação) dos rapazes, pois esta não é festejada, ninguém fica sabendo e não é culturalmente associada à reprodução, nenhum garoto está pensando em filhos, mas apenas na inauguração de sua capacidade de ter prazer sexual; por isso ele não comenta o fato com o pai e às vezes nem com os irmãos. Sobre o ficar, ele esclarece que é uma prática que não obedece a regras conhecidas, que raramente chegam a ter relações sexuais. Não assumem qualquer compromisso, só chegam a ter relação quando a garota já tem vida sexual, o que chega a ser um atropelo das funções, pois raramente estão maduros para a vida sexual. Nas meninas, o ficar

começa entre os 12 e os 14 anos. Conclui que o ficar até agora produziu resultados mais benéficos que nocivos, é uma maneira de se iniciar no jogo sexual com mais afeto.

Botell (1999) relata que grande parte de gravidez indesejada são de adolescentes, porque não fazem planejamento familiar. Existem opiniões de que o uso de métodos anticoncepcionais nessa idade favorece a promiscuidade e a relação sexual, produzindo, assim, um questionamento moral a respeito dos mesmos. Ainda questiona que a educação sexual poderia trazer desorientação à personalidade dessa faixa etária.

Em Reunião em Varadero, Cuba (1994), com 30 profissionais da Federação Latinoamericana de Sociedades de Sexologia e Educação Sexual (FLASSES) em conjunto com autoridades da UNESCO, quanto aos programas de Educação para a sexualidade sugeriram os responsáveis pelas elaborações de políticas temas como população, planejamento familiar, promoção à saúde e prestação de serviços, de educação e comunicação, do meio ambiente, a família, a igreja e todos os setores latinoamericanos comprometidos com o respeito à vida, a promoção de cinco direitos: a sexualidade plena e responsável, a igualdade dos sexos, a família, a saúde sexual e o planejamento familiar (CADENAS, 1995).

Ellsworth (2001), acredita que o diálogo usado pelos professores(as) como aspecto de sua pedagogia, estão empregando um modo de endereçamento, pois as regras, os movimentos e as virtudes do diálogo, considerado como uma forma de pedagogia, não são neutros, oferecem "lugares" muito particulares às

professoras(es) e estudantes no interior de redes de poder, desejo e conhecimento.

Dias e Gomes (1999) escrevem que o controle da sexualidade atualmente é realizado de maneira mais sutil; ao invés de técnicas repressivas diretas, apela-se para o constante diálogo cotidiano. A sexualidade nas famílias pode ser discutida a qualquer momento. Observa-se, neste caso, a substituição de um modelo repressivo de regulação da sexualidade por um outro modelo em que, em contraste à repressão, incentiva-se o falar sobre sexualidade como uma forma de controlar a mesma.

Klosinski (2006) analisa que podemos nos deparar com crises psicossociais de pubescentes e adolescentes em todos os graus de intensidade. O papel da causa é desempenhado aqui pelo comportamento educativo dos pais, pelas convicções religiosas e por uma rígida formação da consciência, quando ocorrem inseguranças, escrúpulos sobre o próprio comportamento sexual na puberdade e adolescência. Por vezes os jovens têm idéias confusas sobre a sexualidade e o comportamento sexual, ou se sentem debaixo de uma certa pressão de "rendimento sexual".

Britzman (2001) explica que reprimir na psicanálise não significa exatamente jogar alguma coisa fora, ela está mais próxima de nossa paixão pela ignorância do que de nossa paixão pelo conhecimento. É definida como o ato de afastar-se, o ato de ignorar e esquecer uma idéia ou uma tentativa para separar o afeto da idéia, é um movimento dinâmico e produtivo, de volta e retorno, e o que torna o retorno do reprimido tão estranho é que as novas idéias se tornam afixadas a velhos afetos. Por causa do processo de substituição, deslocamento e condensação, entretanto, o

novo conteúdo ainda contém o núcleo da velha dinâmica ou do velho afeto, sendo assim, uma resposta à demanda do instinto. Então permite aos educadores, segundo a autora, explorarem suas próprias teorias de aprendizagem e desenvolvam uma curiosidade para com aquilo que não é aprendido e que compreendam como a paixão pela ignorância se defende contra um novo conhecimento.

Foucault (2005), falando da arqueologia do saber em sexualidade, diz que se ela fosse bem sucedida em sua tarefa, mostraria como as proibições, as exclusões, os limites, as valorizações, as liberdades, as transgressões da sexualidade, todas as suas manifestações, verbais ou não, estão ligadas a uma prática discursiva determinada. Ela faria aparecer, não certamente como verdade última da sexualidade, mas como uma das dimensões segundo as quais pode ser descrita, uma certa "maneira de falar"; e essa maneira de falar mostraria como ela está inserida, não em discursos científicos, mas em um sistema de proibições e valores. E, acrescenta que tal análise seria feita não da direção do episteme, mas no sentido do que se poderia chamar de ética.

Oliveira (1995) comenta que, dentre os padrões de comportamento desde a década de sessenta, na moral sexual existem padrões literalmente derrubados, e os adolescentes se encontram perdidos sem saber pensar, agir. Destaca a valorização positiva da virgindade. Ultrapassando o "tabu da virgindade", os jovens passaram a ser empurrados para o sexo com o pretexto de ser essa uma forma de exercício do direito à liberdade e à modernidade, confundindo-se "liberdade de opção" com "imposição de opção".

Segundo Cano *et al* (2000), a banalização da sexualidade tem dificultado a tarefa de educar, de associar sexo a afeto, responsabilidade e promoção da saúde. Então, a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, auto-estima e pratiquem sexo com segurança.

Em estudo exploratório descritivo da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sobre sexualidade com escolares e adolescentes de 7 a 18 anos, Bretas e Silva (2002) colocam a escola por sua importância na socialização como um veículo muito importante para a educação sexual, mas variáveis como o despreparo dos professores para discussão do tema, as práticas ideológicas de domínio da situação através de mecanismos de controle como a repressão ou a biologização da sexualidade, sob o apoio das ciências médicas, que vincula o exercício da sexualidade somente ao exercício das funções reprodutoras. Acrescentam que a realidade nos mostra que ignorar o tema ou privilegiar o aspecto informativo não foi suficiente, pois as informações sobre conduta contraceptiva e de prevenção a AIDS não asseguram sua eficácia entre os adolescentes. Isso talvez ocorra porque as relações inter-subjetivas têm mais influência que o simples repasse de informações aos adolescentes.

Conforme Mandú, Corrêa e Vieira (2000), o trabalho educativo em sexualidade não deve se constituir em transmissão de crenças, valores e preconceitos sexuais ou em imposição de "verdades". Deve favorecer trocas sem dogmatismo, de forma que os sujeitos adolescentes possam expressar, refletir, discutir, questionar e optar livre e

responsavelmente acerca de suas condutas no campo da afetividade e, especificamente, de sua vida sexual.

### **6.3 Fontes de conhecimento sobre sexo e sexualidade**

#### **6.3.1 Pessoas de convivência do aluno**

*O resultado de nossa pesquisa mostra a mãe em primeiro lugar, sendo que comparando de acordo com o gênero, os amigos são a maior fonte para o masculino. O professor foi apontado em terceiro lugar. Interessante observar que a resposta "ninguém" obteve mais respostas que colegas de colégio e pais.*

Segundo Abramovay, Castro e Silva (2004), em muitos casos o estudo do corpo é delegado aos professores(as) de Ciências e Biologia, sendo que os professores das demais áreas se eximem de quaisquer responsabilidades no que se refere à educação sexual dos alunos,, ainda que essa, subliminarmente, se realize por comentários, observações e até por silêncios quando situações consideradas sexualizadas ocorrem ou preconceitos se materializem em brincadeiras e por outras expressões.

A tarefa do professor é árdua, num tempo em que mecanismos simbólicos capazes de sustentar o lugar de sua autoridade são quase inexistentes. A possibilidade deles serem ouvidos e respeitados advém, em grande parte, de particularidades subjetivas

do professor(a), e aos aspectos sociais que envolvem os jovens. Existem professores(as) que não sucumbiram a certos aspectos, tais como a espiritualidade moderna de cunho cientificista que preconiza a exclusão do sujeito e do desejo, e o discurso social que situa o adolescente no lugar de "aborrescente", indisciplinado e marginal. (GUTIERRA, 2003).

Estudos brasileiros (BRETAS; SILVA; JESUS, 2000) destacam a importância da reflexão por parte dos educadores para pensar seus próprios valores, considerando que o despreparo desses profissionais em tratar a temática de sexualidade na sala de aula ainda prevalece.

Segundo Gomes (2001), quanto ao nível de informação dos professores sobre adolescência, puberdade e sexualidade, 70% dos professores de ambos os sexos apresentaram nível regular de informação e, em 25%, o nível foi insatisfatório.

Clark *et al* (2003), analisando o papel dos médicos na educação sexual dos adolescentes, concluíram que a escola, especialmente os professores(as), interagem mais tempo com eles, podendo assim tanto ensinar como reforçar as informações sobre sexualidade.

Segundo dados do PROEB/MG (2002), 72% dos professores(as) possuíam nível superior de ensino.

***Em nosso estudo 14% apontam o professor(a) como pessoa que conversa sobre sexo e sexualidade.***

Abramovay, Castro e Silva, (2004) (relatório da UNESCO), citam que de nove das 14 capitais estudadas, em quatro capitais as mães aparecem de forma mais destacada que os pais no plano de interação com os filhos, conversando sobre sexualidade: São Paulo, Goiânia, Maceió e Fortaleza, corroborando com dados da nossa pesquisa; sendo que em nove capitais não há diferença significativa quando se considera o sexo dos pais.

Metade dos jovens pesquisados indicam que colegas ou amigos são os que mais lhes informam sobre sexo: 44% em Salvador; 55% em Florianópolis. Contudo, tais proporções estão muito próximas às registradas para o caso das mães. Dados sugestivos que amigos e pais (principalmente mães) são fontes importantes, ainda que, de acordo com o interlocutor, o diálogo e o conteúdo da conversa possam variar. O nível de conhecimentos sobre temas correlatos à sexualidade pode ser empecilho ao diálogo entre pais e filhos. Ainda que a maioria afirme ter conhecimentos, mais de um terço não têm informações. Na mesma pesquisa, pais indagados sobre seus conhecimentos sobre gravidez e controle da natalidade, respondem que possuem informação suficiente, com percentual variando entre 70,7% e 45,8%.

***São as mães que detêm mais conhecimento que os pais, enfatizando os resultados encontrados em Pitangui/MG, onde 32,2% dos adolescentes apontam a mãe como principal fonte de conhecimento, e 58,2%, na mesma pesquisa, pertencem ao gênero feminino.***

Bruno *et al* (1997), em seus estudos corroboram com nossos dados, apontando que

os adolescentes da pesquisa entre 11 e 19 anos, de todas as classes sociais, apontam a mãe como quem mais orientou sobre as modificações físicas na adolescência: 44,1% na classe alta; 41% na média e 39,5% na classe baixa. Em Goiás, Rena (1995) constata que a mãe é a maior fonte de informações sobre menstruação/ ejaculação.

Em estudo, Maia (1998) mostra que os pais percebem o que acontece com as filhas em termos de sexualidades, contudo não conseguem oferecer orientações sexuais efetivas pelos seguintes motivos: estimativas equivocadas acerca do conhecimento das filhas sobre métodos contraceptivos; tentativas de postergar a iniciação sexual das mesmas; e sentimento de inaptidão para falar tanto sobre sexualidade como sobre métodos contraceptivos com as filhas.

No Chile, adolescentes entre 11 a 17 anos apontam que os pais deveriam ser as pessoas encarregadas pela educação sexual (89,3%), e, em segundo lugar, os professores. (Fernández, 2000).

Brandão (2004) assinala que muitas famílias compreendem a importância dos momentos de descoberta e aprendizado da sexualidade na adolescência. Algumas mães apóiam e incentivam os filhos, lidando com espontaneidade e naturalidade com esse percurso. Outras se posicionam de maneira mais discreta ou silenciosa, não explicitando uma interdição verbal ao exercício sexual dos filhos.

Freire (1997) assinala que a posição da mãe ou do pai é a de quem, sem nenhum prejuízo ou rebaixamento de sua autoridade, humildemente aceita o papel de

enorme importância de assessor ou assessora do filho ou da filha. Assessor que, embora batendo-se pelo acerto de sua visão das coisas, jamais tenta impor sua vontade ou se abespinha porque seu ponto de vista não foi aceito.

Quase todos os adolescentes já sabem que a liberdade sexual não é promiscuidade, porém sentem e expressam a necessidade de fazer experiências que nem sempre são totais, mas que precisam viver. Para que possam fazê-las, têm que encontrar certa aprovação nos seus pais para não sentirem culpa. Porém, esta aprovação não deve ter como preço a exigência de que informem sobre seus atos. Precisam viver suas experiências para eles. Exigir informação é tão patológico como proibir e é muito diferente de escutar. Adolescentes necessitam falar de suas conquistas, e pais reclamam que eles dominam a situação, não se dando conta que escutar é o caminho para entender o que está acontecendo com os filhos (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Entre a faixa etária de 12 a 15 anos (gênero feminino) é freqüente e comum o diálogo sobre sexualidade com amigas, mas estas estão quase sempre tão desinformadas quanto elas (MAIA, 1998).

Calazans (2005) descreve como espaço relacional privilegiado por jovens de 15 a 24 anos, para a discussão sobre os relacionamentos amorosos, é entre amigos, tendo sido o primeiro tema mais citado pelos jovens entrevistados (51%). Quanto a discutir assuntos de sexualidade, jovens da mesma faixa etária buscam claramente o mundo adulto familiar como universo de referência, sendo citada a mãe (59%), em primeiro lugar, corroborando com dados de adolescentes de nossa pesquisa entre 10,0 a

15,0 anos. (SPOSITO, 2005).

Clark *et al* (2003), analisando o papel dos médicos na educação sexual dos adolescentes, conclui que a escola, especialmente os professores, interagem mais tempo com eles, podendo assim tanto ensinar como reforçar as informações sobre sexualidade.

### **6.3.2 Local de informação sobre sexo e sexualidade**

***A questão aponta a televisão e as revistas como maiores fontes de busca, seguido dos livros.***

Dados do PROEB/MG (2002) mostram que 73% dos alunos da 8ª série fazem leitura de algum livro não didático, e que 73,6% fazem leitura de alguma revista em quadrinho.

Maia (1998), em adolescentes do gênero feminino (12 a 15 anos), relatam as revistas (93%), filmes (64%) como principal fonte de informação.

Em uma escola pública de Ribeirão Preto, Crepaldi *et al* (1997) verificaram que entre os alunos de segundo grau, 80% dos pesquisados apontaram a televisão como principal veículo de informação sobre DST/AIDS; 41,7% os jornais, 35% pesquisas e palestras, revistas 35%.

Abarca (2004), em pesquisa em escolas públicas no Espírito Santo, incluindo alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries, encontrou como média geral em horas diante da televisão por dia: 3h e 07 minutos; 33,8% apenas lêem algum jornal e 74,9% lêem algum tipo de revista.

Os altos níveis de consumo de televisão no Brasil estão intimamente (e inversamente) relacionados aos níveis de escolaridade dos públicos expostos a esse meio. Nesse sentido, a persistência de baixíssimos níveis educacionais na sociedade brasileira, entre jovens (um dos mais baixos do mundo), coloca a televisão como uma espécie de ensino paralelo e integrador. O rádio tem características bem diferentes, não é recebido de forma coletiva, sem linguagem globalizante, fazendo cortes por sexo, idade, região (rural e urbana), estratos culturais e socioeconômicos. (MADEIRA, 1997).

Pesquisa venezuelana de mestrado, Toro (1993) citado por Cadenas *et al* (1995), em pesquisa com 152 adolescentes de 12 a 16 anos sobre a influência das telenovelas na sexualidade: para 39,4% é um programa para passar tempo; 25,7% gostam; 39,5% dizem ter mensagem sexualidade positiva; 56,6% acreditam que estimulam a promiscuidade e liberdade sexual; 77% mostram paternidade irresponsável; 54,9% assistem uma novela por dia no horário de 21 às 22 horas. (CADENAS, 1995).

Para Vitalle (2003) e Strasburger (1989), os meios de comunicação transmitem um apelo erótico aos adolescentes. A televisão informa e forma opiniões, unificando e padrões de comportamento, esquecendo as tradições de cada cultura.

Os adolescentes podem sofrer efeitos perversos da mídia. A busca de modelos externos, típica desta fase de separação dos modelos familiares, faz com que aqueles carentes de referências que suportem esta passagem tomem aos padrões e comportamentos sexuais que a mídia exhibe como "regra de conduta". Muitas vezes, entretanto, o que a mídia mostra está em total contradição com o sentimento que o adolescente experimenta, o que pode fazer com que ele se sinta desrespeitado, discriminado ou até perdido. Em outras situações, a mídia pode oferecer "soluções" a conflitos internos, assegurando ao sujeito a ilusão de pertencer a um grupo e propiciando-lhe, ao mesmo tempo, uma defesa contra o perigo de se entrar em contato com representações inconscientes geradoras de angústia. (CECCARELLI, 2006).

Andrade (2004) acredita que mídia e educação fazem parte do universo da cultura, produzindo modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo, produzindo, reforçando e veiculando uma gama de ensinamentos às pessoas. Esses ensinamentos colocam em ação estratégias pedagógicas de interpelação dos sujeitos. Essas estratégias são chamadas, dentro da perspectiva teórica dos estudos culturais, de pedagogias culturais, e atuam diretamente sobre os corpos dos sujeitos, educando-os, moldando-os, governando-os. Nessa perspectiva, então, pensar em "pedagogia cultural" inclui a escola, mas não se limita a ela.

Montenegro (2000) escreve que tanto os setores que se opõem à educação sexual, como a sociedade em geral, não parecem ter tomado consciência de que os adolescentes estão recebendo "educação sexual" poderosa dos meios de comunicação, tanto escritos quanto audiovisuais. A sociedade de consumo

mercantilista descobriu que o "sexo vende". É uma sexualidade puramente física, desprovida do emocional e afetivo, mostrando um erotismo distorcido, quando não de pura e simples pornografia.

Silva e Soares; Andrade; Figueira (2003), afirmam que a televisão exerce muita influência sobre os jovens, já que a juventude contemporânea nasceu e cresceu imersa na cultura midiática, mais fortemente na cultura televisiva. Os(as) professores reconhecem isso, e até afirmam que " a televisão é mais interessante que a escola", mas talvez o que seja mais evidente na comparação entre tais instituições, sejam suas estratégias bastante distintas: a escola é uma instituição conservadora, no sentido de manter as tradições; e a televisão por outro lado, busca, mais do que nunca, manter-se em sintonia com o público consumidor. As representações de sexualidade veiculadas pela mídia apontam para a importância que a sexualidade assume no pensamento ocidental. As explicações, as razões usualmente levantadas para estarmos felizes ou não, ajustados ou não, passam pela maneira como estamos vivendo a nossa sexualidade. Junto com a sexualidade existe uma supervalorização da juventude. Manter-se jovem e bonito é um ideal da nossa sociedade. Assim, pensar a juventude é deixar de lado a nostalgia para poder pensar novas possibilidades de construir formas de trabalho escolares inclusivas em relação aos jovens e seus espaços sociais, principalmente a televisão, por ser esta uma das fontes principais de lazer e informação utilizadas por jovens brasileiros. O corpo feminino principalmente se constrói a partir de seus elementos biológicos e de sua inserção na cultura, construção essa baseada nas revistas periódicas (Capricho, por exemplo), que circulam em todo território nacional e que fala dos cuidados com o corpo, dando ênfase à atividade física, à beleza e à moda; existindo nessa leitura

uma pedagogia que, de certa forma, está educando adolescentes no que diz respeito à construção de seu corpo.

### **6.3.3 Freqüência anual de informação sobre sexo e sexualidade na escola**

***A pergunta "quantas vezes por ano você teve aula de sobre sexualidade na escola" mostrou 31,5% duas vezes; e 27,1% relataram nunca terem tido aula de sexualidade na escola. Essas foram as mais respondidas também quanto ao gênero e idade.***

As palestras, enquanto atividades planejadas ou trabalhos pontuais, tornam-se alvo de críticas pela falta de continuidade e monotonia. Considera-se que as informações, no âmbito escolar, têm estado distantes das vivências e das emoções dos alunos, sendo avaliadas, inclusive pelos alunos, como desinteressantes ou não apropriadas, o que reduz sua efetividade até quanto ao objetivo de disseminação de informações sobre métodos e trabalho quanto à prevenção. (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Lima (1999) acredita que as palestras deveriam ser repensadas no trabalho de orientação sexual, deveriam ser associadas a outras estratégias que possibilitem o acolhimento dos conflitos, inseguranças e desconhecimento de si, para serem transformadas em ações, atos de real prevenção.

Wellings *et al* (1995) acreditam que as informações obtidas na escola vão ter

influência em não praticarem relações sexuais antes dos 16 anos de idade; ainda tornado-os aptos para uso de método contraceptivo na primeira relação sexual, tornando importante a educação sexual para a saúde.

Ferreira *et al* (1998), pesquisando alunos de uma escola estadual de Niterói, pertencentes ao primeiro e segundo graus, destacaram que os estudantes possuem um conhecimento fragmentado e superficial das questões de sexualidade estudadas, necessitando serem melhor trabalhadas pelas equipes de educação e saúde.

Damiani (2003) percebe a necessidade de desenvolver uma educação que capacite para lidar com a realidade em situações físicas e sociais que os adolescentes vivem. A educação e a escola são responsáveis por esse processo e, para isso, são necessárias ações humanas em situações concretas para atuar e/ou construir condições/conhecimentos que venham saciar as dúvidas e inquietações dos adolescentes.

Segundo Suplicy *et al* (1999), mesmo que a escola se omita, estará acontecendo algum tipo de educação sexual. Provavelmente repressiva, inadequada e deformadora. Não há garantia de que o aluno venha a receber da rua ou através dos meios de comunicação as informações necessárias para uma vida afetiva e sexual harmoniosa. É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. A orientação sexual na escola dá oportunidade ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como compartilhar

suas preocupações e emoções.

Eisenberg *et al* (1997) relatam que adolescentes de Minnesota (EUA), necessitam treinamento para falar de educação sexual em aula, e colocam como alternativa trazer professores(as) e educadores de outras escolas, devido ao anonimato dos mesmos trazerem menos constrangimento aos adolescentes nas discussões de sexualidade na sala de aula.

Hoje a educação sexual é indiscutível e nenhuma escola para adolescentes deixa de abordá-la. A questão, agora, não é decidir se trata ou não do assunto, mas sim saber como lidar com ele. Por enquanto, a maioria das escolas deixa o assunto nas mãos dos professores(as) e não tem muito controle sobre o que eles falam em classe ou conversam nos corredores com alunos. E os alunos, muitas vezes, escolhem professores(as) de outras matérias (não o escolhido pela escola) que se mostram mais abertos à aproximação. (TIBA, 1994).

Para Cahn (1999), o papel do analista se mostra bem limitado quanto aos professores, a não ser ao contribuir para a reflexão sobre sua maneira de ser e de fazer em sua tarefa e com a condição, evidentemente, de que ele também se submeta a este princípio fundamental de toda educação: que todo proselitismo ou tentativa de convencer, de sua parte, se mostra *a priori* voltada ao fracasso e que só terá chance de se revestir de alguma eficácia um processo interidentificatório apoiado na busca comum de um sentido, de uma significação, a ser descoberta em conjunto para um objeto terceiro.

#### **6.3.4 Assunto sobre sexo e sexualidade sendo explicado na escola**

Há pesquisas que mostram que adolescentes engravidam entre o primeiro e sexto mês em que começam a "transar". Tal fato é consequência, muitas vezes, de atividade sexual não assistida, de falta de informações, uso incorreto de contraceptivos etc., associados às características próprias da adolescência como, por exemplo, o pensamento mágico, em que eles acreditam que "certas coisas" não vão acontecer com eles, apesar das situações de risco em que se envolvem. (GONÇALVES; GODOI, 2003).

***Nossa pesquisa com adolescentes das escolas públicas de Pitangui, mostra níveis insatisfatórios de conhecimento, principalmente nos assuntos de adolescência e puberdade (20,8%) e anticoncepção (14,9%).***

Caberia ao Estado, à sociedade, à família e à escola oferecer apoio e condições para que se diminua a incidência de gravidez precoce, permitindo que esses adolescentes vivenciem esta fase conturbada sem interromper seus sonhos, seus estudos, e com isso, almejar uma melhor qualidade de vida. Tratar a questão na escola, com professores habilitados, poderia ser uma contribuição significativa para a prevenção e atenuação do problema. (DAMIANI, 2003).

Pesquisa com adolescentes de primeiro e segundo graus mostra que não usam camisinha 76% do gênero feminino e 78,3% do masculino, e apenas 20% dos alunos do gênero masculino pesquisados usam como prevenção de gravidez e DST/AIDS. (FERREIRA *et al*, 1998).

Bruno *et al* (1997) constatam que adolescentes pesquisados em seis escolas de níveis sócio-econômicos variados, entre 11 e 19 anos, de ambos os sexos, no Ceará, conhecem bem os métodos anticonceptivos em todas as classes sociais (81,3%), sendo o códon o mais citado por eles. O anovulatório oral foi mais citado pela classe social mais baixa. Dos que tinham vida sexual ativa, apenas 59,5% tinham usado ou estavam usando algum método, 39,5% o códon e 20% a pílula, esta última mais utilizada na classe social mais alta.

Lima (1999) acredita que a escola ainda seja o local privilegiado para a oferta da orientação sexual, embora se perceba que, de fato, são poucas as que trabalham com esse tema. Em sua pesquisa com adolescentes em São Paulo, gestantes e puérperas menores de idade, a porcentagem que fazia uso de métodos contraceptivos é praticamente a mesma (20%), tanto para o grupo que havia sido orientado sexualmente na escola como para o outro. Questiona-se a qualidade das informações oferecidas ou das estratégias utilizadas.

Para Júnior (1997), na escola, a sala de aula representa um espaço onde diferentes aspectos que configuram a cultura estão presentes: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos.

Segundo Abramovay, Castro e Silva (2004), os membros do corpo docente tendem a informar que têm conhecimentos sobre DST: 77,7% em São Paulo a 66,3% em

Goiânia. A escola é considerada pelos pais como uma importante fonte de apoio na orientação sexual dos jovens. Para alguns, as aulas e feiras de ciências, as palestras e conversas com professores são tidas como boas estratégias para elucidação de dúvidas. De 10 a 14 anos, apenas 20,3% usam camisinha em todas as relações em Salvador; 40,8% em Porto Alegre; 17,9% em Fortaleza; e 61,8% no Distrito Federal.

Moore (2000), em uma pesquisa nos EUA, baseada no SIECUS Guidelines for Comprehensive Education, avaliou os tópicos considerados mais importantes pelos professores das escolas públicas da Flórida. Os tópicos estão agrupados por idade, e não incluem apenas as conseqüências negativas da sexualidade, mas também os pontos positivos da mesma. Os tópicos das diretrizes mais valorizados pelos professores foram a abstinência, tomada de decisões, e DST/AIDS; sendo que ensinam menos: masturbação, fantasias, disfunção sexual, sexualidade e artes. Sugere outras pesquisas para investigar as percepções que influenciam os professores na escolha dos tópicos.

Santelli e Ott (2006), relatam que a abstinência protege a gravidez precoce e doenças apenas teoricamente, pois ela não é mantida pelos adolescentes. Programas de abstinência, desde 1996, provaram pouca eficácia na iniciação sexual. A Sociedade de Medicina do Adolescente diz que a abstinência não pode ser usada como coerção, mas outros modos de evitar gravidez e doenças são colocados para os adolescentes.

No Brasil, esses tópicos influenciaram organizações não governamentais a

produzirem guias de orientação sexual, muitos deles usados em escolas, ressaltando que a tradução Educação foi feita por Orientação. (BONATO, 1996).

Grunseit *et al* (1997), em estudo de revisão de educação sexual e comportamento de adolescentes, mostram que autores como Kirby (1985); Goldman e Goldman (1981); Spainer (1976); Stout e Rivara (1989) acreditam serem infundadas as acusações de que a educação sexual estaria promovendo atividade sexual.

Castagnola (1993), em trabalho na Argentina, demonstra que a escola tem papel relevante na educação sexual, e que é necessário ações conjuntas da saúde e educação, fazer capacitação dos docentes, através de uma relação dialética entre equipe de saúde e docentes, sendo que nenhum possui o saber e uma única verdade.

Ferreira *et al* (1998) acreditam que o aconselhamento anticoncepcional para os adolescentes se superpõe à educação sexual e visa proporcionar recursos para que possam lidar adequadamente com sua sexualidade, sem correr riscos inaceitáveis de gravidez indesejada ou de doenças transmitidas pelo sexo.

## 7 CONCLUSÕES

A partir da análise e discussão desse trabalho, com validade para os participantes desse estudo, podemos concluir:

- O gênero feminino apareceu em maior porcentagem, como em outras pesquisas brasileiras.
- As questões mais acertadas em anatomia foram: o nome das células reprodutoras masculina e feminina e a anatomia do aparelho reprodutor feminino; as mais erradas foram: o local anatômico da fecundação, da menstruação e da produção dos espermatozoides; as mais desconhecidas a primeira transformação anatômica masculina na puberdade; o local anatômico da produção dos espermatozoides e da fecundação.
- Em fisiologia, houve mais acerto na primeira transformação anatômica feminina na puberdade, definição de fecundação. Houve mais erros na relação gravidez /ciclo menstrual, no nome do hormônio exclusivamente feminino. Houve mais desconhecimento na definição de menarca e no nome do hormônio exclusivamente masculino.
- Quanto à sexualidade a definição de sexualidade responsável e os fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais foram mais acertadas; a concepção de relação sexual e definição de masturbação as mais erradas e a mais desconhecida a definição de masturbação.
- Nas pessoas de convivência do adolescente, a mãe e os amigos foram apontados como quem mais conversa com eles sobre sexo e sexualidade.

- Os locais apontados como fonte de informação sobre sexo e sexualidade foram a televisão e as revistas.
- Para os adolescentes "duas vezes" ou "nunca tiveram" foram as respostas de maior percentual para frequência anual de informação na escola; e, aparelhos reprodutores, o assunto melhor explicado sobre sexo e sexualidade.

## 8 COMENTÁRIOS FINAIS

- Do total válido 86,4% (1.421 adolescentes), 52,5% não consentiram em responder o questionário, validando autores pesquisados ser um assunto polêmico, e inseguro tanto para os pais como para os alunos.
- A escola deve juntamente com os conhecimentos anatômicos enfatizar aspectos de fisiologia e sexualidade aos adolescentes.
- Apesar da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais com o tema transversal de sexualidade, a escola ainda necessita de novas abordagens para tratar do tema sexo e sexualidade, ou seja, descobrir razões das dificuldades em colocar os ensinamentos propostos em prática na sala de aula.
- Maior entrosamento entre as áreas da saúde e educação deve ser incentivada para aprimoramento do ensino de sexo e sexualidade.
- Discutir e tentar eliminar barreiras sociais, psíquicas e religiosas que impedem a transmissão de conteúdos, elaboração de materiais didáticos e projetos de sexo e sexualidade na escola para os adolescentes.
- Mais estudos sobre fatores que impedem os adolescentes alcançarem a etapa das operações formais.
- Mais apoio acadêmico às pesquisas de sexo e sexualidade na adolescência, principalmente na área médica, para um melhor entendimento dos mecanismos ligados à escola envolvidos na transmissão de DSTs e gravidez precoce.
- Diagnósticos das entidades governamentais sobre ensino de sexo e sexualidade nas escolas públicas.
- Incentivo aos pais e professores ao estudo e discussão na escola sobre os temas

de sexualidade humana, e levantamento de propostas de como tratar o assunto com os adolescentes.

- Nossos resultados confirmam outros estudos pesquisados, mostrando falta de conhecimento e desconhecimento dos adolescentes na área de sexo e sexualidade, assim como existem motivos impedindo os mesmos em responder perguntas sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. 92p.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, jan, 2005. 448p.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO M. G.; SILVA, L.B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 428p.

AFONSO, M. L. M. **A polêmica sobre adolescência e sexualidade**. 1997. 229f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. cap. 8, p. 108-123. 192 p.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. cap. 8, p. 107-120. 112 p.

AZEVEDO, E. G. de; LEVY, R. S.; ALVES, A. L. L. **Educação e comportamento sexual na adolescência**. Estudos Populacionais. Brasil: FCMMG. Belo Horizonte, 1995.

BENSON, Michael D.; TORPY, Edward J. Sexual behavior in junior high school students. **Obst. Gynecol.**, v. 85, n. 2, p. 279-84, Feb. 1995.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Educação (Sexual) e Sexualidade**: o velado e o aparente. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1996. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Ithaca/9565/tese/CAPIII.html?20077>> Acesso em: 07 fev. 2007.

BOTELL, Miguel Lugonnes et al. La consulta de ginecología infanto-juvenil en función de la educación sexual. **Revista Cubana de Medicina Gen Integr.** v.15, n.

2, p. 184-190, Mar;/Abr. 1999.

BRANDÃO, Elaine Reis. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Família e sexualidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 63-86. 156 p.

BRANDÃO, L. G. et al. A Avaliação do Nível de conhecimento dos Adolescentes do Parque Ouro Branco sobre sexualidade. **Semina**, Londrina, v. 16, ed. Especial, p. 59-68, set. 1995.

BRASIL. CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento – Os Jovens no Brasil Diagnóstico Nacional. Brasília, 1998a, 50p. *apud* GOMES, Waldelene de Araújo. **Adolescência, desenvolvimento puberal e sexualidade**: nível de informação de adolescentes e professores das Escolas Municipais de Faria de Santa – BA.. 2001. 130p. Dissertação (Doutorado em Saúde Coletiva) – Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bahia, Feira de Santana, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política educacional em sexualidade**. Brasília: MEC/SEPESPE/PRONAICA, 1994. 44 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Saúde na escola**: textos de apoio. Brasília: MEC, 2002. 112 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**; terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.

BRETAS, José Roberto da Silva; SILVA, Conceição Vieira da. Interesse de escolares e adolescentes sobre corpo e sexualidade. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília. v. 55, n. 5, p. 528-34, set./out. 2002.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 83-111. 176 p.

BRUNO, Zenilda Vieira; SOUSA, Maria Auxiliadora de; TEIXEIRA, Lyane Gomes de Mattos; SILVA, Regis Bezerra; SILVA, Reginaldo Bezerra; GUANABARA, Everardo

de Macedo; OLIVEIRA, Francisco das Chagas. Sexualidade e anticoncepção na adolescência: conhecimento e atitude. **Reprodução e Climatério**, Ceará, v. 12, n. 3, p. 137-40, 1997.

BUENO, S.M.V. Pesquisa-ação com delegados de ensino sobre sexualidade, DST, Aids e Drogas. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. São Paulo, v. 9, n. 3, p. 16-28, 1997.

CADENAS, Dora Rada. El adolescente venezolano. Aspectos del area sexual. **Médico de Família**, v. 4. n. 2-3, p.20-5, Sept. 1995.

CAHN, Raymond. **O adolescente na Psicanálise**: aventura da subjetivação. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 204 p.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, jan, 2005. p. 223. 448 p.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 18-24, abr. 2000.

CARVALHO, Alysson; PINTO, Mércia Veloso. Ser ou não ser... Quem são os adolescentes? In CARVALHO, Alysson.; SALLES Fátima.; GUIMARÃES, Marília (orgs.). **Adolescência**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 11-29.

CASTAGNOLA, Juana María; ALBORES, Graciela; JACOBZON, Claudia. Experiencia de capacitación para docentes en sexualidad y salud. **Arch. Arg. Pediatr**. v. 91, n. 2, p. 73-8, abr. 1993.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Ética, Mídia e Sexualidade. **Jornal do Psicólogo**. CRP-04. Belo Horizonte. Abril a junho/2003. Disponível em: <<http://www.pailegal.net/psisex.asp?rvTextold=454349794>> Acesso em 23 dez. 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des) conhecida. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 231 p.

CLARK, Jeffrey K.; BREY, Rebecca A.; BANTER, Amy E. Physicians as Educators in Adolescent Sexuality Education. **Journal of School Health**. v. 73, n. 10, p. 389-91. Dec. 2003.

COSTA, Maria Conceição O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77 (supl 2), p. 217-24, nov. 2001.

CREPALDI, Leandra; BUENO, Sônia Maria Villela. Estudo dos conhecimentos e das dificuldades de alunos do 2º grau de uma Escola de Ribeirão Preto relativos à sexualidade e DSTs/AIDS. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente transmissíveis**. v. 9. n. 6, p. 24, 28-36. nov./dez. 1997.

DAMIANI, Fernanda Eloísa. Gravidez na adolescência: a quem cabe prevenir. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. v. 24, n. 2, p. 161-68, Aug. 2003.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. 5 ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001. 288 p.

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudo de Psicologia**. v. 4, n. 1, p. 79-106, Jan./Jun. 1999.

EISENBERG, M. E.; WAGENAAR, A.; NEUMARK-SZTAINER D.. Viewpoints of Minnesota students on school-based sexuality education. **J. Sch Health. Oct**; n. 67, v. 8, p.322-6, 1997.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 9-76. 208 p.

FERNANDEZ, F. et al Creencias, actitudes y conocimientos en educación sexual. **Rev. Médica do Chile**, v. 125, n. 6, p. 574-83, jun. 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 873 p.

FERREIRA, Maria de Lourdes S. M.; GALVÃO, Marli Teresinha Gimenez; COSTA, Éster de Souza. Sexualidade da adolescente: anticoncepção e DST/Aids. **Revista Brasileira de Medicina**, Caderno de Ginecologia e Obstetrícia. v. 57 (n.esp.) p. 8-19, nov. 2000.

FERREIRA, Sônia Maria Barbosa et al. Uso de preservativo por adolescentes de um Colégio Estadual em Niterói-RJ. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente transmissíveis**, v. 10, n. 3, p.13-9, 1998.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. cap. 9, p. 124-135. 192 p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 238 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** - a vontade de saber. v 1. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 242 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 165 p.

GOLDMAN, R. J.; GOLDMAN, D. G. Sources of sex information for Australian, English, North American, and Swedish children. **The Journal of Psychology**, v. 109, p. 97-108, 1981.

GOMES, W. de A. et al. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, n.4, Rio de Janeiro, Jul/Ago 2002. Disponível em: <<http://www.jpmed.com.br/conteudo/02-04-301/>>. Acesso em 07 set. 2002.

GOMES, Waldelene de Araújo. **Adolescência, Desenvolvimento Puberal e Sexualidade**: Nível de Informação de Adolescentes e Professores das Escolas Municipais de Faria de Santa – BA.. 2001. 130p. Dissertação (Doutorado em Saúde Coletiva) – Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bahia, Feira de Santana, 2001.

GONÇALVES, Betânia Diniz; GODOI, Claudia Mayorga Borges de. Sexualidade e afetividade - o que é isto?. In: CARVALHO, Alysson; SALLES Fátima; GUIMARÃES, Marília (orgs.). **Adolescência**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 61-82.

GONDRA, José Gonçalves. Homo Hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 25-38, abr. 2003.

GRANT, Linda M, DEMETRIOU Efstratios. **Sexualidade do Adolescente**. Clínicas

Pediátricas da América do norte. Rio de Janeiro: Interlivros, v. 38, n. 6, p. 1305-1328, 1988.

GROPA, Aquino. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas, 1997. in ABRAMOVAY, M.; CASTRO M. G.; SILVA, L.B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 428 p.

GRUBER, E. et al. Adolescent Sexuality and the media: a review of current knowledge and implications. **Western Journal of Medicine**, California, v. 172, n. 3, p. 211-14, Mar.2000.

GRUNSEIT, Anne; et al. Sexuality Educaion and Yong People's sexual behavior: a review of studies. **Journal Adolescent Research**. v. 12, n. 4, p. 421-53, Oct. 1997.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Adolescência, Psicanálise e Educação**. O mestre "possível" de adolescentes. São Paulo: Avercamp, 2003. 152 p.

HEROLD, E.; GOODWIN, M. S.; LERO, A. S. Self-esteem, locus of control, and adolescent contraception. **J. Psychol**, EUA, v. 101, p. 83, 1979.

IMIA, Ilena García; GÁLVEZ, Elena Ávila; GONZÁLEZ, Antônio Lorenzo; CARMONA, Marisela Lara. Conocimientos de los adolescentes sobre aspectos de la sexualidade. **Revista Cuba Pediatría**. v. 74, n. 4, oct. 2002.

INAZU, J. K.; FOX, G. L.. Maternal influence on the sexual behavoir of teenage daughters. *J. Fam. Issues* EUA, v.1, p.81, 1980 *apud* GRANT, LINDA M, DEMETRIOU EFSTRATIOS. Sexualidade do Adolescente. **Clínicas Pediátricas da América do norte**, Rio de Janeiro: Interlivros, v. 38, n. 6, p. 1305-1328, 1988.

JEMMOTT, J. B.; JEMMOTT, Loretta S. **HIV risk reduction behavioral interventions with hererosexual adolescents**. v. 14, suppl. 2, p. 40-52, 2000.

JESUS, M. C. P. Educação sexual e compreensão da sexualidade na perspectiva da Enfermagem. In: RAMOS, F.R.S. et al. **Projeto Acolher**: um encontro da Enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000, p.49 *apud* BRETAS, José Roberto da Silva; SILVA, Conceição Vieira da. Interesse de escolares e adolescentes sobre corpo e sexualidade. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília. v. 55, n. 5, p. 528-34, set./out. 2002.

JESUS, Maria Cristina Pinto de. **Educação social**: o cotidiano de pais e adolescentes. Juiz de Fora: FEME, 1999. 100 p.

KIRBY, D. Sexuality education: A more realistic view of its effects. **Journal of School Health**. v. 55, p. 421-4, 1985.

KLOSINSKI, Gunther. **A adolescência hoje**. Situações, conflitos e desafios. Petrópolis: Vozes, 2006. 200 p.

LEÃO, Ênio; CORRÊA, Edison José; MOTA, Joaquim Antônio César; VIANA, Marcos Borato. **Pediatria ambulatorial**. 4. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 2005. 1060p.

LEVI, Giovanni,; SCHMITT, Jean Claude. **História dos jovens: a época contemporânea**. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 382 p.

LIMA, Gerson Zanetta. **Saúde escolar e educação**. São Paulo: Cortez, 1985. 160 p.

LIMA, Mirian Santoro de Souza. Gravidez em adolescentes: o papel da escola pública. **Revista de Psicologia de São Paulo**. v. 9, p. 49-59, dez. 1999.

LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. p. 87-95. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. 144 p.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. 2002 In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 192 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação** - uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

LOYOLA, Maria Andéa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luíza (org.) **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 31-39. 206 p.

MACHADO, V. L.; SCHOR, N. et al. O discurso das adolescentes grávidas sobre a anticoncepção. **Estudos Populacionais**. Brasil: Depto. de Saúde Materno Infantil. FSP/USP. São Paulo, 1995.

MADEIRA, Felícia Reicher. A trajetória das meninas dos setores populares: Escola, Trabalho ou... Reclusão. p. 109-110. In: MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer mulher?** Record/Rosa dos Ventos. UNICEF. Rio de Janeiro, 1997. 404 p.

MAIA, Ana C. B. Informações sobre temas relativos à sexualidade em um grupo de adolescentes de uma escola pública de Bauru-SP. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p.41-58, 1998.

MANDÚ, Edir Nei Teixeira; CORRÊA, Áurea Christina de Paula; VIEIRA, Maria Aparecida. Conhecimentos, valores e vivências de adolescentes acerca das doenças de transmissão sexual e Aids. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo. v. 10, n. 1, p. 74-90v, 2000.

MCANARNEY, E.R.; ROGHMANN, K.J.; ADAMS, B. N.; et al. Obstetric, neonatal and psychosocial outcome of pregnant adolescent. *Pediatrics* EUA, v.61, n.199, 1978 *apud* GRANT, Linda M, DEMETRIOU Efstratios. Sexualidade do Adolescente. **Clínicas Pediátricas da América do Norte**, Rio de Janeiro: Interlivros, v. 38, n. 6, p. 1.305-28, 1988.

MEYER, Dagmar E. Estermann (org). Saúde e Sexualidade na Escola - **Cadernos de Educação Básica**. V. 4. Porto Alegre: Mediação, 1998. 176 p.

MINAS GERAIS. Secretaria de estado da educação. Programa de educação afetivo-sexual: um novo olhar. 1999. Disponível em: <dcrh.peas@educacao.mg.gov.br> Acesso em: 9 nov. 2004.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação. PROEB, 2000. Universidade Federal de Juiz de Fora: Abril, 2001.

MONTENEGRO, Arriagada, Hernán. Educación sexual de niños y adolescentes. **Revista Médica do Chile**. v. 128, n. 6. p. 571-3. jun. 2000.

MOORE, Michele Johnson; RIENZO, Bárbara A. Utilizing the SICUS Guidelines to assess Sexuality Educaion in One State: Content Scope and Importance. **Journal of School Heath**. v. 70, n. 2, Feb. 2000.

MOTA, E. et al. Características epidemiológicas de um grupo de adolescentes grávidas e de mulheres de 20-29 em Salvador-Bahia 1993/1994. Estudos Populacionais. Brasil: **Instituto de Saúde Coletiva e Escola de Nutrição/UFBA**. Belo Horizonte, 1994.

NASCIMENTO, Marcos. (Re) pensando as “masculinidades adolescentes”: homens jovens, gênero e saúde. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luiz Felipe; PARKER, Richard Guy. (orgs.) **Construções da sexualidade**. Gênero, identidade e comportamento em tempos reais. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004. p. 105-113. 212 p.

NORONHA, M. F.; LEBRÃO, M. L. Hospitalizações de adolescente no estado do Rio de Janeiro. **Estudos Populacionais**. Brasil: ENSP/FIOCRUZ/ FSP/USP. 1995.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança** - Subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. 136 p.

OLIVEIRA, Dora Lúcia de. O fenômeno da sexualidade adolescente: conceito, contextualização e análise. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 16, n. 1/2, p. 94-97, jan./dez. 1995.

PEREIRA, A. L. (UNIRIO); REIS, M. M. S. A. (UERJ); SETA, M. de (FIOCRUZ). Campanhas governamentais e AIDS: visões subjacentes dos vídeos veiculados pela TV. **Estudos Populacionais**. Brasil: Rio de Janeiro, 1995.

PERRINE, P.L. Epidemiology of the sexually transmitted diseases. *Ann Rev Public Health, EUA*, v.6, n.85; 1985. apud GRANT, Linda M, DEMETRIOU Efstratios. Sexualidade do Adolescente. **Clínicas Pediátricas da América do Norte**, Rio de Janeiro: Interlivros, v. 38, n. 6, p. 1.305-28, 1988.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. 1 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 291-326.

REIS, João Tadeu Leite dos. Gravidez na adolescência. In: **Tópicos em pediatria**. Belo Horizonte: Sociedade Mineira de Pediatria, 1999. 196p.

RENNA, Luiz Carlos Castello Branco. **Projeto adolescer**: concepção de sexualidade dos adolescentes no interior de Goiás: conseqüências para o processo de reprodução humana Goiás 1992-1995. Instituto de Psicologia – PUC-MG Betim, 1995. 118p.

RICKERT, Vaughn I.; JAY, M. Susan; GOTLIEB, Anita A.. Bem-Estar do adolescente. Facilitando a complacência nas condições sociais mórbidas. In: **Clínicas Pediátricas da América do Norte**, v. 5, p. 1.205-22. Rio de Janeiro: Interlivros, 1990.

SAFFIOTI, H.I.B. No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. In: MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer mulher?** Record/Rosa dos Ventos. UNICEF. Rio de Janeiro, 1997. 404p.

SAITO, Maria Ignez. Educação sexual: adolescência, sexualidade e escola. In: CONCEIÇÃO, José Augusto Nigro (org.). **Saúde Escolar** - a criança, a vida e a escola. São Paulo; SARVIER, 1994 (Monografias Médicas. Série Pediatria; v. 33).

SANTELLI, John, et al. Abstinence-only education policies and programs: A position paper of the Society for Adolescent Medicine. **Journal of Adolescent Health**, v. 38, p. 83-7, 2006.

SCALES, Peter. **Arguments against sex education**: facts versus fiction. Viewpoint. Children Today. EUA, September-october, 1981.

SILVA, Gerson Abarca. **O poder da TV no mundo da criança e do adolescente**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004. 80 p.

SILVA, João Luiz Pinto e. Gravidez na adolescência: desejada x não desejada. **Femina**, Campinas, v. 26, n. 10, p. 825-30, nov. 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 117 p.

SOARES, Rosângela; SILVA, Rosimeri Aquino da. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. cap. 6, p. 82-94. 192 p.

SONG EY; PRUITT BE, McNamara J; Colwell B. A meta-analysis examining effects of school sexuality education programs on adolescents sexual knowledge, 1960-1997. **J. Sch Health**; v. 70, n. 10: p.413-6, Dec. 2000.

SORIANO, Raúl Rojas. **Manual de pesquisa social**. Tradução de Ricardo Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 343 p.

SPANIER, G. B. Sex education and premarital sexual behavior among American college students. **Adolescence**. v. 13, p. 659-74, 1978.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. p. 111. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, jan, 2005. 448 p.

SPSS®, **Statistical package for the Social Sciences**. Versão 13.0, 2004.

STOUT, J. W.; RIVARA, F. P. Schools and sex education: does it work? **Pediatrics**. v. 83, p. 375-9, 1989.

STRASBURGER, V. C. A sexualidade da adolescente e os meios de comunicação. *Clínicas pediátricas da América do Norte*. v. 3. Ginecologia da Adolescente. p. 783-811. 1989. Apud: VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 21, n. 2, p. 89-94, jun. 2003.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. 2 ed. São Paulo: Olho d'água, fev., 1999. 120p.

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo**. São Paulo: Gente, 1994. 140 p.

TORO, F.Tahis. Las Telenovelas venezolanas y la Sexualidad del Adolescente. Tesis de Grado Maestría en Ciencias Orientación en Sexología. CIPPSV. Caracas, Venezuela. 1993. Apud: CADENAS, Dora Rada. El adolescente venezolano. Aspectos del area sexual. **Médico de Família**. v. 4. n. 2-3, p. 20-5, Sept. 1995.

VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 21, n. 2, p. 89-94, jun. 2003.

WELLINGS, K. et al. Provision of sex education and early sexual experience: the relation examined. **British Medical Journal**, v. 311, p. 417-20, 12 august 1995.

**ANEXOS**

**ANEXO 1**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

**LIVRE E ESCLARECIDO PARA O ALUNO**

**ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ALUNOS ACIMA DE 10 ANOS****TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, informado sobre a realização de uma pesquisa escrita em minha escola “Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes”, solicitei o meu consentimento para participação na mesma.

Informado de que: o objetivo da pesquisa é avaliar os conhecimentos sobre sexualidade. A pesquisa consta de 27 questões sobre fatos que ocorrem na aprendizagem sobre sexualidade que nós iremos responder. Não será dito meu nome ou o meu endereço para nenhuma pessoa. Os resultados serão publicados em revistas de medicina de forma anônima, ou seja, sem citar nome ou outros dados pessoais de cada aluno. Todas as informações fornecidas aos médicos sobre mim ficarão em sigilo, ou seja, nada será dito a outras pessoas que possa me identificar.

Fica esclarecido que não é obrigatória a minha participação nesta pesquisa e, caso não aceite realizar o questionário, continuarei aluno regular da mesma escola, sendo que o mesmo não vai alterar em nada minha vida escolar.

Eu, \_\_\_\_\_ concordo participar da pesquisa “Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes.”.

Pitangui, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2005.

Assinatura do aluno: \_\_\_\_\_

---

Dr. Marco Antônio Duarte  
Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
Belo Horizonte – MG

---

Alberto Elias Lopes Cançado  
Rua Visconde do Rio Branco, 161  
Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**ANEXO 2**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

**LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS**

**ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO ALUNO****TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, responsável pelo aluno(a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, da Escola \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, informado sobre a realização da  
pesquisa escrita “Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes”, que  
será realizada em sua escola, solicitei a mim o consentimento da participação  
do(a) mesmo(a) na pesquisa escrita.

Informaram-me que: o objetivo é avaliar os conhecimentos sobre  
sexualidade, não haverá identificação do nome ou endereço do aluno para nenhuma  
pessoa. Os resultados serão publicados em revistas de medicina de forma anônima,  
ou seja, sem citar nome ou outros dados pessoais de cada aluno. Todas as  
informações fornecidas aos médicos ficarão em sigilo, ou seja, nada será dito a  
outras pessoas que possa identificar o aluno.

Fica esclarecido que a participação do aluno não é obrigatória e que, caso  
não aceite a participação do aluno acima, o mesmo continuará aluno regular da  
escola.

Eu, \_\_\_\_\_ concordo  
com a participação do aluno acima na pesquisa “Avaliação dos conteúdos sobre  
sexualidade em adolescentes”.

Pitangui, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2005.

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_

---

Dr. Marco Antônio Duarte  
Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
Belo Horizonte – MG

---

Alberto Elias Lopes Cançado  
Rua Visconde do Rio Branco, 161  
Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**ANEXO 3**

**QUESTIONÁRIO ESCRITO PARA OS ADOLESCENTES**

**ANEXO 3**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

**QUESTIONÁRIO ESCRITO PARA O ADOLESCENTE**

Você está participando de uma pesquisa sobre sexualidade. A sua opinião é muito importante. Fique a vontade para responder.

**NÃO PRECISA COLOCAR SEU NOME.**

Nome da sua escola: \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_ anos      \_\_\_\_ meses      Sexo : Fem.       Masc.

Série \_\_\_\_\_      Turno:  M     T     N

**Instruções:**

- Marque apenas 1 (uma) resposta para cada pergunta.
- Quando não souber, por favor marque: “*não sei*”.

**1. De onde vem a menstruação?**

- ( ) vagina  
( ) vulva  
( ) ovário  
( ) útero  
( ) não sei

**2. Qual o nome da primeira menstruação:**

- ( ) Pubarca  
( ) Telarca  
( ) Menarca  
( ) Não sei

**3. Qual a primeira mudança no corpo do menino:**

- ( ) Pêlos nas axilas  
( ) Aumento dos testículos  
( ) Ejaculação  
( ) Não sei

**4. Qual a primeira mudança no corpo da menina:**

- ( ) Aumento das mamas  
( ) Primeira menstruação  
( ) Ovulação  
( ) Não sei

**5. Não faz parte do aparelho reprodutor feminino:**

- ( ) ovário  
( ) próstata  
( ) vulva  
( ) útero

- vagina
- não sei

6. Não faz parte do aparelho **reprodutor masculino** :

- vesícula seminal
- pênis
- epidídimo
- ovários
- testículos
- não sei

7. Qual o **hormônio exclusivamente masculino**?

- progesterona
- estrogênio
- testosterona
- não sei

8. Qual o **hormônio exclusivamente feminino**?

- progesterona
- estrogênio
- testosterona
- não sei

9. Qual o nome da **célula reprodutora masculina**?

- hemácia
- óvulo
- espermatozóide
- não sei

10. Qual das doenças abaixo não é **sexualmente transmissível**?

- AIDS
- Leucemia
- Sífilis
- Não sei.

11. Qual o nome da **célula reprodutora feminina**?

- hemácia
- óvulo
- espermatozóide
- não sei

12. Onde são produzidos **os espermatozóides**?

- testículos
- pênis
- próstata
- uretra
- não sei

13. A **uretra masculina** é um canal por onde passa(m):

- somente espermatozóides.
- espermatozóides e urina.
- somente urina.
- não sei

14. Onde ocorre a **ovulação**?

- útero
- trompas
- ovários
- vagina
- não sei

15. A **fecundação** é:

- Uma relação sexual
- O encontro do espermatozóide com o óvulo
- Uma gestação
- A perda da virgindade
- não sei

16. Em que órgão da mulher ocorre a **fecundação**?

- ovários
- trompas
- vagina
- útero
- não sei

17. No **ciclo menstrual** normal, a maior possibilidade de uma mulher engravidar é entre:

- 1º e 8º dia do ciclo.
- 8º ao 16º dia do ciclo.
- 16º ao 28º dia do ciclo.
- não sei

18. Para você o que é **masturbação**?

- É uma forma de sentir prazer sexual sozinho.
- É uma prática sexual que pode causar doença.
- É uma prática sexual que não é feita com outro parceiro.
- Não sei.

19. Para você **sexualidade** é:

- Fazer sexo.
- É tudo que nos faz sentir prazer durante toda vida.
- Só quem sente é o adulto.
- Não sei.

20. Quem **conversa** com você sobre **sexo e sexualidade**?

- mãe
- pai
- professor
- amigos
- colegas do colégio
- ninguém

21. Onde você obtém **informações sobre sexo e sexualidade**?

- revistas
- livros
- rádio
- TV
- nenhum local

22. Quantas **vezes por ano** você teve aula sobre sexualidade na escola?

- 2 vezes
- 4 vezes
- 6 vezes
- nunca teve
- mais de seis vezes
- não sei.

23. **Qual assunto** é melhor explicado na escola **sobre sexo e adolescência**?

- Aparelhos reprodutores (do homem e da mulher).
- Adolescência e puberdade.
- Anticoncepção ( como evitar gravidez).
- DST/ AIDS.
- Nenhum deles.

24. O que você entende por **relação sexual**?

- Manifestação da sexualidade que envolve somente aspectos biológicos.
- Relação entre dois seres de sexos diferentes para satisfação de seus instintos.
- Ato com fim reprodutivo que envolve fatores afetivos, sociais e culturais.
- não sei

25. Nas **primeiras relações sexuais** pode ocorrer:

- aparecimento de pêlos pubianos.
- ausência de espermatozoides no homem.
- timidez entre o casal.
- não sei

26. Qual a diferença entre **sexualidade e amor**?

- Sexualidade envolve aspectos biológicos, sociais, culturais e o amor envolve sentimentos.
- Sexualidade se aprende e o amor não se aprende.
- Sexualidade envolve somente ética e amor envolve somente moral.
- não sei.

27. O que é **sexualidade responsável**?

- É aquela que segue os nossos instintos.
- Amor, respeito ao outro e evitar riscos de DST's (doenças sexualmente transmissíveis)
- É aquela que segue as informações da televisão, revistas, etc.
- Não sei.

**ANEXO 4**

**APROVAÇÃO NO DEPARTAMENTO DE PEDIATRIA – UFMG**



*Universidade Federal de Minas Gerais*  
*Faculdade de Medicina-Departamento de Pediatria*

**Parecer da Câmara Departamental n° 59/ 2005**

**Título:** "Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes nas escolas públicas de Pitangui".

**Interessado:** Marco Antônio Duarte (professor do PED) e Alberto Elias Lopes Cançado

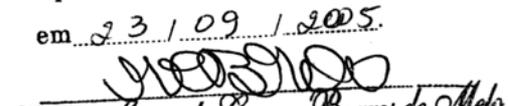
**Histórico** – O projeto partindo da hipótese que a informação sobre sexualidade é insatisfatória na grade curricular do ensino público tem como objetivo avaliar o grau de conhecimento desses adolescentes sobre tais conteúdos, na cidade de Pitangui. Será utilizado um questionário a ser preenchido pelos adolescentes – entre 10 e 15 anos de idade – estudantes de escolas públicas de Pitangui, selecionados por busca ativa e após eles e seus pais terem lido e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido. Os critérios de inclusão e de exclusão, assim como a metodologia a ser utilizada, estão bem detalhados no projeto. Há garantia de sigilo sobre os participantes da pesquisa, o cronograma é viável.

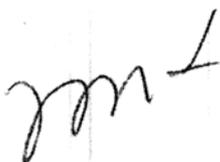
**Mérito** – O projeto não apresenta riscos para os envolvidos – que serão submetidos a preenchimento de um questionário -, está bem desenhado e bem fundamentado com a revisão bibliográfica, o assunto é relevante e o professor Marco Antônio Duarte tem experiência nessa área. Não há gastos envolvidos nem conflitos de interesses. O termo de consentimento está adequado às normas que regem a pesquisa clínica no País.

**Conclusão** – Sou pela aprovação desse projeto, sem restrições.

Belo Horizonte, 22 de setembro de 2005

Aprovado o parecer do relator  
 em 23/09/2005.

  
 Prof.ª Maria do Carmo Barros de Melo  
 Subchefe do Departamento de Pediatria  
 Faculdade de Medicina / UFMG



**ANEXO 5**

**APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA**

**COEP – UFMG**

Universidade Federal de Minas Gerais  
Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG - COEP

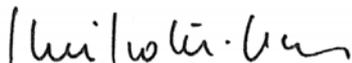
**Parecer nº. ETIC 387/05**

**Interesse: Dr. Marco Antônio Duarte**  
**Depto. de Pediatria - FMUFMG**

**DECISÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP, aprovou *ad referendum* no dia 30 de janeiro de 2006, depois de atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado « **Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes nas escolas públicas de Pitangui** » bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do referido projeto.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.



**Prof. Dr. Rui Rothe-Neves**  
**Vice-Presidente do COEP/UFMG**

**ANEXO 6**

**AUTORIZAÇÃO DA 45ª SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS  
E DOS DIRETORES DAS ESCOLAS PESQUISADAS**

### AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Jânia de Moura Morato Resende,  
 Delegada da Superintendência Regional de Ensino  
de Pará de Minas,

autorizo a realização da pesquisa "Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes nas escolas pública de Pitangui", a ser realizada em caráter de pesquisa pelo aluno Alberto Elias Lopes Cançado, do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração – Saúde da Criança e do Adolescente da UFMG, conforme especificado no projeto, durante o período letivo de 2006

Pará de Minas, 20 / dezembro / 2005.

Assinatura da Delegada: Jânia de Moura Morato Resende  
MSP 284.060-1  
 Diretor II SRE Pará de Minas

---

Dr. Marco Antônio Duarte  
 Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
 Belo Horizonte – MG

---

Alberto Elias Lopes Cançado  
 Rua Visconde do Rio Branco, 161  
 Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
 Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**E. E. "Pe. Joaquim Xavier Lopes Caçado"**

Criada pelo Decreto nº 26.955 de 27/04/83

Rua Siderpita, 155, Chapadão

Fone: (37) 271-4424

35650-000 Pitangui – M. Gerais

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Eu, Marilene Antônia dos Santos Azevedo Moreira,  
diretor(a) da Escola Estadual Padre Joaquim Xavier Lopes  
Caçado,

autorizo a realização da pesquisa "Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes nas escolas pública de Pitangui", a ser realizada em caráter de pesquisa pelo aluno Alberto Elias Lopes Caçado, do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração – Saúde da Criança e do Adolescente da UFMG, conforme especificado no projeto, durante o período letivo de 2006

Pitangui, 20 / dezembro / 2005.

Assinatura do diretor(a): MSA Moreira

Dr. Marco Antônio Duarte  
Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
Belo Horizonte – MG

Alberto Elias Lopes Caçado  
Rua Visconde do Rio Branco, 161  
Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**Escola Estadual Monsenhor Artur de Oliveira**  
 Criada pelo Decreto 8996 de 04/03/1929  
 Praça Amanda Gontijo de Oliveira, 77, centro, Pitangui - MG  
 Fone: (37) 3271-4019 – Fone/Fax: (37) 3271-1440

---

### AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, MARCELO JOANAS MARTINS,  
 diretor(a) da Escola E. MONSENHOR ARTUR DE OLIVEIRA - PITANGUI - MG.

autorizo a realização da pesquisa “Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes nas escolas pública de Pitangui”, a ser realizada em caráter de pesquisa pelo aluno Alberto Elias Lopes Cançado, do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração – Saúde da Criança e do Adolescente da UFMG, conforme especificado no projeto, durante o período letivo de 2006

Pitangui, 20 / DEZEMBRO / 2005.

Assinatura do diretor(a): Marcelo Joanas Martins

---

Dr. Marco Antônio Duarte  
 Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
 Belo Horizonte – MG

---

Alberto Elias Lopes Cançado  
 Rua Visconde do Rio Branco, 161  
 Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
 Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**COLÉGIO COMERCIAL MUNICIPAL LIMA GUIMARÃES**

CNPJ – 18.315.226/0003-09

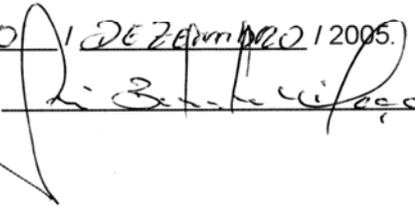
Autorizado a funcionar pela Portaria nº 191 de 10/10/1963 do DEC/MEC

Rua Professor Francisco Saldanha, 125, Chapadão CEP 35650-000 – Tel.: 37 3271-4023 – Pitangui-MG**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Eu, SONO BARBOSA VILACA,  
 diretor(a) da Escola COLÉGIO COMERCIAL MUNICIPAL LIMA  
GUIMARÃES,  
 autorizo a realização da pesquisa "Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em  
 adolescentes nas escolas pública de Pitangui", a ser realizada em caráter de  
 pesquisa pelo aluno Alberto Elias Lopes Cançado, do Curso de Pós-Graduação em  
 Ciências da Saúde – Área de Concentração – Saúde da Criança e do Adolescente  
 da UFMG, conforme especificado no projeto, durante o período letivo de 2006

Pitangui, 20 / DEZEMBRO / 2005.

Assinatura do diretor(a):



Dr. Marco Antônio Duarte  
 Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
 Belo Horizonte – MG

Alberto Elias Lopes Cançado  
 Rua Visconde do Rio Branco, 161  
 Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
 Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**Escola Estadual Gustavo Capanema R 45B2**

Criada pelo Decreto Nº 41169 de 11/07/2000  
 Av. Antero Rocha, 900 – Bairro Jatobá  
 CEP 35650-000 – Pitangui – Minas Gerais

---

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Eu, Maria do Carmo da Silva,  
 diretor(a) da Escola Estadual Gustavo Capanema

---

autorizo a realização da pesquisa "Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes nas escolas pública de Pitangui", a ser realizada em caráter de pesquisa pelo aluno Alberto Elias Lopes Caçado, do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração – Saúde da Criança e do Adolescente da UFMG, conforme especificado no projeto, durante o período letivo de 2006

Pitangui, 20 / dezembro / 2005.

Assinatura do diretor(a): Maria do Carmo da Silva

---

Dr. Marco Antônio Duarte  
 Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
 Belo Horizonte – MG

---

Alberto Elias Lopes Caçado  
 Rua Visconde do Rio Branco, 161  
 Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
 Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ VALADARES**  
 Rua Cel. Américo Bahia, 115 – centro, Fone: 3271-4283  
 Pitangui – MG CEP 35650-000

---

**AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

Eu, Maria de Fátima Silva Barcelos,  
 diretor(a) da Escola Estadual Professor José  
Valadares,

autorizo a realização da pesquisa “Avaliação dos conteúdos sobre sexualidade em adolescentes nas escolas pública de Pitangui”, a ser realizada em caráter de pesquisa pelo aluno Alberto Elias Lopes Cançado, do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração – Saúde da Criança e do Adolescente da UFMG, conforme especificado no projeto, durante o período letivo de 2006

Pitangui, 20 / dezembro / 2005.

Assinatura do diretor(a):

Maria de Fátima Silva Barcelos

---

Dr. Marco Antônio Duarte  
 Rua Padre Rolim, 769 – sala 402 – Tel. 3224-7341  
 Belo Horizonte – MG

---

Alberto Elias Lopes Cançado  
 Rua Visconde do Rio Branco, 161  
 Pitangui – MG

COEP (Comitê de Ética em Pesquisa Médica) UFMG  
 Av. Antônio Carlos 6627 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sl. 7018 / Tel: 3499-4592

**ANEXO 7**

**GRÁFICOS E TABELAS ESTATÍSTICAS**

As tabelas a seguir apresentam, para cada variável, as categorias de resposta com os respectivos números de indivíduos em cada categoria e o % Total em relação ao total de indivíduos.

Tabela 2  
Distribuição de freqüências das variáveis de caracterização  
dos alunos participantes da pesquisa

<b>Variável</b>		<b>Frequência</b>	<b>% Total</b>
<b>Escola</b>	E. E. Monsenhor Artur de Oliveira	95	18,1
	E. E. Professor José Valadares	105	20,0
	E. E. Padre Joaquim Lopes Cançado	109	20,8
	C. M. Lima Guimarães	105	20,0
	E. E. Gustavo Capanema	110	21,0
	<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>
<b>Faixa</b>	10,0 a 12,0 anos	122	23,3
<b>Etária</b>	12,1 a 15,0 anos	402	76,7
	<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>
<b>Série</b>	5a. Série	161	30,7
	6a. Série	147	28,1
	7a. Série	130	24,8
	8a. Série	86	16,4
	<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>
<b>Série</b>	5a. e 6a. Série	308	58,8
<b>Agrupada</b>	7a. e 8a. Série	216	41,2
	<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	305	58,2
	Masculino	219	41,8
	<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>
<b>Turno</b>	Manhã	451	86,1
	Tarde	66	12,6
	Noite	7	1,3
	<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que, em algumas variáveis, há dados ausentes, ou porque o aluno marcou mais de uma opção (e assim a sua resposta foi anulada) ou porque ele deixou a questão em branco. Nesses casos são apresentados dois % Totais: o primeiro em relação ao total de alunos, e o segundo considerando apenas o total de

alunos que responderam a questão (ou seja, excluindo os anulados e em branco).

Com relação às questões, são apresentadas as frequências das categorias originais de respostas e em seguida as frequências em termos de acerto, erro e desconhecimento.

Tabela 3

Distribuição das respostas dos alunos que participaram da pesquisa em cada questão

Questão	Resposta	Frequência	% Total	% Válido	
De onde vem a menstruação?	Válido	Vagina	280	53,4	53,6
		Vulva	11	2,1	2,1
		Ovário	75	14,3	14,4
		Útero	137	26,1	26,2
		Não sei	19	3,6	3,6
	Total	522	99,6	100,0	
	Ausente	Em branco	1	,2	
		Anulada	1	,2	
Total		2	,4		
Qual o nome da primeira menstruação?	Válido	Pubarca	60	11,5	11,5
		Telarca	45	8,6	8,6
		Menarca	100	19,1	19,1
		Não sei	318	60,7	60,8
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente	Anulada	1	,2	
Qual a primeira mudança no corpo do menino?	Válido	Pêlos nas axilas	241	46,0	46,2
		Aumento dos testículos	135	25,8	25,9
		Ejaculação	70	13,4	13,4
		Não sei	76	14,5	14,6
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente	Em branco	2	,4	
Qual a primeira mudança no corpo da menina?	Válido	Aumento das mamas	333	63,5	63,7
		Primeira menstruação	149	28,4	28,5
		Ovulação	22	4,2	4,2
		Não sei	19	3,6	3,6
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente	Em branco	1	,2	

Questão	Resposta	Frequência	% Total	% Válido	
Não faz parte do aparelho reprodutor feminino:	Válido	Ovário	43	8,2	8,2
		Próstata	337	64,3	64,6
		Vulva	44	8,4	8,4
		Útero	8	1,5	1,5
		Vagina	30	5,7	5,7
		Não sei	60	11,5	11,5
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente	Em branco	1	,2	
	Anulada	1	,2		
Não faz parte do aparelho reprodutor masculino:	Válido	Vesícula seminal	75	14,3	14,3
		Pênis	41	7,8	7,8
		Epidídimo	45	8,6	8,6
		Ovários	269	51,3	51,4
		Testículos	19	3,6	3,6
		Não sei	74	14,1	14,1
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente	Em branco	1	,2	
Qual o hormônio exclusivamente masculino?	Válido	Progesterona	66	12,6	12,8
		Estrogênio	50	9,5	9,7
		Testosterona	104	19,8	20,1
		Não sei	297	56,7	57,4
		Total	517	98,7	100,0
		Ausente	Em branco	6	1,1
		Anulada	1	,2	
	Total	7	1,3		
Qual o hormônio exclusivamente feminino?	Válido	Progesterona	88	16,8	16,9
		Estrogênio	69	13,2	13,2
		Testosterona	78	14,9	14,9
		Não sei	287	54,8	55,0
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente	Em branco	2	,4	
Qual o nome da célula reprodutora masculina?	Válido	Hemácia	14	2,7	2,7
		Óvulo	50	9,5	9,6
		Espermatozóide	434	82,8	83,3
		Não sei	23	4,4	4,4
		Total	521	99,4	100,0
	Ausente	Em branco	3	,6	
Qual das doenças abaixo não é sexualmente transmissível?	Válido	AIDS	105	20,0	20,1
		Leucemia	285	54,4	54,5
		Sífilis	85	16,2	16,3
		Não sei	48	9,2	9,2
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente	Anulada	1	,2	

Questão	Resposta	Frequência	% Total	% Válido	
Qual o nome da célula reprodutora feminina?	Válido	Hemácia	41	7,8	7,8
		Óvulo	383	73,1	73,2
		Espermatozóide	52	9,9	9,9
		Não sei	47	9,0	9,0
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente	Em branco	1	,2	
Onde são produzidos os espermatozoides?	Válido	Testículos	165	31,5	31,6
		Pênis	164	31,3	31,4
		Próstata	38	7,3	7,3
		Uretra	68	13,0	13,0
		Não sei	87	16,6	16,7
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente	Em branco	2	,4	
A uretra masculina é um canal por onde passa(m):	Válido	Somente espermatozoides	59	11,3	11,3
		Espermatozoides e urina	283	54,0	54,3
		Somente urina	59	11,3	11,3
		Não sei	120	22,9	23,0
		Total	521	99,4	100,0
	Ausente	Em branco	3	,6	
Onde ocorre a ovulação?	Válido	Útero	112	21,4	21,5
		Trompas	31	5,9	6,0
		Ovários	245	46,8	47,1
		Vagina	60	11,5	11,5
		Não sei	72	13,7	13,8
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente	Em branco	4	,8	
A fecundação é:	Válido	Uma relação sexual	65	12,4	12,5
		O encontro do espermatozóide com o óvulo	325	62,0	62,5
		Uma gestação	28	5,3	5,4
		A perda da virgindade	24	4,6	4,6
		Não sei	78	14,9	15,0
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente	Em branco	4	,8	
Em que órgão da mulher ocorre a fecundação?	Válido	Ovários	122	23,3	23,6
		Trompas	33	6,3	6,4
		Vagina	111	21,2	21,5
		Útero	176	33,6	34,0
		Não sei	75	14,3	14,5
		Total	517	98,7	100,0
	Ausente	Em branco	7	1,3	

Questão	Resposta	Frequência	% Total	% Válido	
No ciclo menstrual normal, a maior possibilidade de uma mulher engravidar é entre:	Válido	1o. e 8o. dia do ciclo	114	21,8	21,8
		8o. e 16o. dia do ciclo	123	23,5	23,6
		16o. e 28o. dia do ciclo	85	16,2	16,3
		Não sei	200	38,2	38,3
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente	Em branco	2	,4	
Para você o que é masturbação?	Válido	É uma forma de sentir prazer sexual sozinho	232	44,3	44,6
		É uma prática sexual que pode causar doença	65	12,4	12,5
		É uma prática sexual que não é feita com outro parceiro	103	19,7	19,8
		Não sei	120	22,9	23,1
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente	Em branco	4	,8	
Para você sexualidade é:	Válido	Fazer sexo	299	57,1	57,3
		É tudo que nos faz sentir prazer na vida	164	31,3	31,4
		Só quem sente é o adulto	39	7,4	7,5
		Não sei	20	3,8	3,8
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente	Em branco	2	,4	
Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade?	Válido	Mãe	165	31,5	32,2
		Pai	29	5,5	5,7
		Professor	72	13,7	14,0
		Amigos	126	24,0	24,6
		Colegas do colégio	51	9,7	9,9
		Ninguém	70	13,4	13,6
		Total	513	97,9	100,0
	Ausente	Anulada	11	2,1	
Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade?	Válido	Revistas	167	31,9	32,3
		Livros	105	20,0	20,3
		Rádio	3	,6	,6
		TV	189	36,1	36,6
		Nenhum local	53	10,1	10,3
		Total	517	98,7	100,0
	Ausente	Em branco	3	,6	
		Anulada	4	,8	
	Total	7	1,3		

<b>Questão</b>		<b>Resposta</b>	<b>Frequência</b>	<b>% Total</b>	<b>% Válido</b>
Quantas vezes por ano você teve aula sobre sexualidade na escola?	Válido	2 vezes	164	31,3	31,5
		4 vezes	37	7,1	7,1
		6 vezes	14	2,7	2,7
		Nunca teve	141	26,9	27,1
		Mais de 6 vezes	50	9,5	9,6
		Não sei	114	21,8	21,9
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente	Em branco	4	,8	
Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência?	Válido	Aparelhos reprodutores (do homem e da mulher)	142	27,1	27,4
		Adolescência e puberdade	108	20,6	20,8
		Anticoncepção (como evitar gravidez)	77	14,7	14,9
		DST / AIDS	123	23,5	23,7
		Nenhum deles	68	13,0	13,1
		Total	518	98,9	100,0
		Ausente	Em branco	4	,8
		Anulada	2	,4	
	Total	6	1,1		
O que você entende por relação sexual?	Válido	Manifestação da sexualidade que envolve só asp. biológicos	28	5,3	5,4
		Relação entre 2 seres de sexos diferentes p/ sat. de seus in	344	65,6	66,3
		Ato c/ fim reprodut. q envolve fatores afetivos, sociais e c	54	10,3	10,4
		Não sei	93	17,7	17,9
		Total	519	99,0	100,0
	Ausente	Em branco	5	1,0	
Nas primeiras relações sexuais pode ocorrer:	Válido	Aparecimento de pêlos pubianos	28	5,3	5,4
		Ausência de espermatozóides no homem	73	13,9	14,0
		Timidez entre o casal	318	60,7	61,2
		Não sei	101	19,3	19,4
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente	Em branco	4	,8	

Questão		Resposta	Frequência	% Total	% Válido	
Qual a diferença entre sexualidade e amor?	Válido	Sexualidade envolve aspectos biológicos, sociais, culturais	305	58,2	59,0	
		Sexualidade se aprende e o amor não se aprende.	84	16,0	16,2	
		Sexualidade envolve somente ética e amor envolve somente mor	70	13,4	13,5	
		Não sei	58	11,1	11,2	
		Total	517	98,7	100,0	
	Ausente	Em branco	6	1,1		
		Anulada	1	,2		
		Total	7	1,3		
	O que é sexualidade responsável?	Válido	É aquela que segue os nossos instintos.	42	8,0	8,1
			Amor, respeito ao outro e evitar riscos de DST's.	383	73,1	73,8
É aquela que segue as informações da televisão, revistas, et			48	9,2	9,2	
Não sei			46	8,8	8,9	
Total			519	99,0	100,0	
Ausente		Em branco	5	1,0		
Total			524	100,0		

Para as questões que apresentam uma alternativa correta, apresenta-se a seguir a distribuição de freqüências das respostas de acordo com a sua classificação em certa, errada ou desconhecimento.

Tabela 4  
Distribuição das respostas dos alunos que participaram da pesquisa em cada questão, classificadas como acerto, erro ou desconhecimento

Questão	Resposta	Frequência	% Total	% Válido	
Origem anatômica da menstruação	Válido	Erro	366	69,8	70,1
		Acerto	137	26,1	26,2
		Não sabe	19	3,6	3,6
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente		2	,4	
Definição da menarca	Válido	Erro	105	20,0	20,1
		Acerto	100	19,1	19,1
		Não sabe	318	60,7	60,8
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente		1	,2	
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	Válido	Erro	205	39,1	39,3
		Acerto	241	46,0	46,2
		Não sabe	76	14,5	14,6
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente		2	,4	
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	Válido	Erro	171	32,6	32,7
		Acerto	333	63,5	63,7
		Não sabe	19	3,6	3,6
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente		1	,2	
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	Válido	Erro	125	23,9	23,9
		Acerto	337	64,3	64,6
		Não sabe	60	11,5	11,5
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente		2	,4	
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	Válido	Erro	180	34,4	34,4
		Acerto	269	51,3	51,4
		Não sabe	74	14,1	14,1
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente		1	,2	
Nome do hormônio exclusivamente masculino	Válido	Erro	116	22,1	22,4
		Acerto	104	19,8	20,1
		Não sabe	297	56,7	57,4
		Total	517	98,7	100,0
	Ausente	9	7	1,3	
Nome do hormônio exclusivamente feminino	Válido	Erro	147	28,1	28,2
		Acerto	88	16,8	16,9
		Não sabe	287	54,8	55,0
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente		2	,4	

Questão	Resposta	Frequência	% Total	% Válido	
Nome da célula reprodutora masculina	Válido	Erro	64	12,2	12,3
		Acerto	434	82,8	83,3
		Não sabe	23	4,4	4,4
		Total	521	99,4	100,0
	Ausente		3	,6	
Doenças sexualmente transmissíveis	Válido	Erro	190	36,3	36,3
		Acerto	285	54,4	54,5
		Não sabe	48	9,2	9,2
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente		1	,2	
Nome da célula reprodutora feminina	Válido	Erro	93	17,7	17,8
		Acerto	383	73,1	73,2
		Não sabe	47	9,0	9,0
		Total	523	99,8	100,0
	Ausente		1	,2	
Local anatômico da produção dos espermatozoides	Válido	Erro	270	51,5	51,7
		Acerto	165	31,5	31,6
		Não sabe	87	16,6	16,7
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente		2	,4	
Função da uretra masculina	Válido	Erro	118	22,5	22,6
		Acerto	283	54,0	54,3
		Não sabe	120	22,9	23,0
		Total	521	99,4	100,0
	Ausente		3	,6	
Local anatômico da ocorrência da ovulação	Válido	Erro	203	38,7	39,0
		Acerto	245	46,8	47,1
		Não sabe	72	13,7	13,8
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente		4	,8	
Definição de fecundação	Válido	Erro	117	22,3	22,5
		Acerto	324	61,8	62,4
		Não sabe	78	14,9	15,0
		Total	519	99,0	100,0
	Ausente		5	1,0	
Local anatômico da ocorrência da fecundação	Válido	Erro	409	78,1	79,1
		Acerto	33	6,3	6,4
		Não sabe	75	14,3	14,5
		Total	517	98,7	100,0
	Ausente		7	1,3	

Questão		Resposta	Frequência	% Total	% Válido
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	Válido	Erro	199	38,0	38,1
		Acerto	123	23,5	23,6
		Não sabe	200	38,2	38,3
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente		2	,4	
Definição de masturbação	Válido	Erro	297	56,7	57,1
		Acerto	103	19,7	19,8
		Não sabe	120	22,9	23,1
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente		4	,8	
Definição de sexualidade	Válido	Erro	203	38,7	38,9
		Acerto	299	57,1	57,3
		Não sabe	20	3,8	3,8
		Total	522	99,6	100,0
	Ausente		2	,4	
Concepção de relação sexual	Válido	Erro	372	71,0	71,7
		Acerto	54	10,3	10,4
		Não sabe	93	17,7	17,9
		Total	519	99,0	100,0
	Ausente		5	1,0	
Ocorrências nas primeiras relações sexuais	Válido	Erro	101	19,3	19,4
		Acerto	318	60,7	61,2
		Não sabe	101	19,3	19,4
		Total	520	99,2	100,0
	Ausente		4	,8	
Diferença entre sexualidade e amor	Válido	Erro	154	29,4	29,8
		Acerto	305	58,2	59,0
		Não sabe	58	11,1	11,2
		Total	517	98,7	100,0
	Ausente		7	1,3	
Definição de sexualidade responsável	Válido	Erro	90	17,2	17,3
		Acerto	383	73,1	73,8
		Não sabe	46	8,8	8,9
		Total	519	99,0	100,0
	Ausente		5	1,0	
Total		524	100,0		

Tabela 5  
Distribuição dos alunos que participaram da pesquisa de acordo com o Gênero

Escola	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
E. E. M. A. Oliveira	62	33	95
	65,3%	34,7%	100,0%
E. E. P. J. Valadares	55	50	105
	52,4%	47,6%	100,0%
E. E. P. J. L. Cançado	66	43	109
	60,6%	39,4%	100,0%
C. M. L. Guimarães	58	47	105
	55,2%	44,8%	100,0%
E. E. G. Capanema	64	46	110
	58,2%	41,8%	100,0%
<b>Total</b>	<b>305</b>	<b>219</b>	<b>524</b>
	58,2%	41,8%	100,0%

Tabela 6  
 Percentual de acertos em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

Questão	Respostas Válidas	Número de Acertos	%
Nome da célula reprodutora masculina	521	434	83,3%
Definição de sexualidade responsável	519	383	73,8%
Nome da célula reprodutora feminina	523	383	73,2%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	522	337	64,6%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	523	333	63,7%
Definição de fecundação	519	324	62,4%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	520	318	61,2%
Diferença entre sexualidade e amor	517	305	59,0%
Definição de sexualidade	522	299	57,3%
Doenças sexualmente transmissíveis	523	285	54,5%
Função da uretra masculina	521	283	54,3%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	523	269	51,4%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	520	245	47,1%
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	522	241	46,2%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	522	165	31,6%
Origem anatômica da menstruação	522	137	26,2%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	522	123	23,6%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	517	104	20,1%
Definição de masturbação	520	103	19,8%
Definição da menarca	523	100	19,1%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	522	88	16,9%
Concepção de relação sexual	519	54	10,4%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	517	33	6,4%

Tabela 7  
 Percentual de erros em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

Questão	Respostas Válidas	Número de Erros	%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	517	409	79,1%
Concepção de relação sexual	519	372	71,7%
Origem anatômica da menstruação	522	366	70,1%
Definição de masturbação	520	297	57,1%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	522	270	51,7%
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	522	205	39,3%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	520	203	39,0%
Definição de sexualidade	522	203	38,9%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	522	199	38,1%
Doenças sexualmente transmissíveis	523	190	36,3%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	523	180	34,4%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	523	171	32,7%
Diferença entre sexualidade e amor	517	154	29,8%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	522	147	28,2%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	522	125	23,9%
Função da uretra masculina	521	118	22,6%
Definição de fecundação	519	117	22,5%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	517	116	22,4%
Definição da menarca	523	105	20,1%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	520	101	19,4%
Nome da célula reprodutora feminina	523	93	17,8%
Definição de sexualidade responsável	519	90	17,3%
Nome da célula reprodutora masculina	521	64	12,3%

Tabela 8  
 Percentual de desconhecimento ("Não sei") em questionário de conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas da cidade de Pitangui, Minas Gerais (2006)

Questão	Respostas Válidas	Número de Desconhecimento	%
Definição da menarca	523	318	60,8%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	517	297	57,4%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	522	287	55,0%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	522	200	38,3%
Definição de masturbação	520	120	23,1%
Função da uretra masculina	521	120	23,0%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	520	101	19,4%
Concepção de relação sexual	519	93	17,9%
Local anatômico da produção dos espermatozóides	522	87	16,7%
Definição de fecundação	519	78	15,0%
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	522	76	14,6%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	517	75	14,5%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	523	74	14,1%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	520	72	13,8%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	522	60	11,5%
Diferença entre sexualidade e amor	517	58	11,2%
Doenças sexualmente transmissíveis	523	48	9,2%
Nome da célula reprodutora feminina	523	47	9,0%
Definição de sexualidade responsável	519	46	8,9%
Nome da célula reprodutora masculina	521	23	4,4%
Definição de sexualidade	522	20	3,8%
Origem anatômica da menstruação	522	19	3,6%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	523	19	3,6%

Deseja-se avaliar a hipótese de que as porcentagens de acerto, erro e desconhecimento são as mesmas em todas as questões, contra a hipótese de que

as porcentagens variam de questão para questão. Para avaliar essa hipótese foi utilizado o Teste Qui-Quadrado para associação entre a questão e as respostas (C / E / D). O valor p do teste foi igual a 0,001 o que indica que há diferença significativa entre os percentuais de cada tipo de resposta de acordo com a questão formulada.

A fim de verificarmos quais questões apresentam padrão de resposta diferente das demais, cada uma delas foi comparada com o percentual geral de acerto, erro e desconhecimento através de um teste Qui-Quadrado.

A idéia do teste é avaliar se as proporções de acerto, erro e desconhecimento em cada questão são constantes; isso é feito comparando as proporções observadas em uma determinada questão com as proporções esperadas, caso as proporções naquela questão fossem iguais às do total das questões.

No total das questões observou-se 35,85% de erros, 44,63% de acertos e 19,52% de desconhecimento. Se essas mesmas proporções ocorressem entre os 522 alunos que responderam a questão 1, teríamos uma frequência esperada de 187 erros, 233 acertos e 102 desconhecimentos (as frequências esperadas são denotadas por E). Porém, foram observados 366 erros, 137 acertos e 19 desconhecimentos. Essas frequências observadas (denotadas por O) são diferentes das esperadas; como o valor p do teste é 0,001 conclui-se que há diferença significativa entre as frequências observadas e aquelas esperadas supondo-se os mesmos percentuais de acerto, erro e desconhecimento em todas as questões.

O mesmo raciocínio aplica-se às demais questões. Os resultados são apresentados na tabela abaixo em termos das frequências observadas na amostra e esperadas supondo igualdade entre as questões, e do valor  $p$  do teste Qui-Quadrado.

Em termos gerais, pode-se concluir que as questões apresentam padrões de resposta distintos. Apenas duas delas apresentaram um comportamento semelhante ao esperado, de acordo com o comportamento das questões em geral.

Tabela 9  
Resultado do teste para comparação das respostas nas diversas questões

Questão	Freq.	Erros	Acertos	Não sabe	Total	Valor p
Origem anatômica da menstruação	O	366	137	19	522	0,001
	E	187	233	102	522	
Definição da menarca	O	105	100	318	523	0,001
	E	188	233	102	523	
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	O	205	241	76	522	<b>0,093</b>
	E	187	233	102	522	
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	O	171	333	19	523	0,001
	E	188	233	102	523	
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	O	125	337	60	522	0,001
	E	187	233	102	522	
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	O	180	269	74	523	0,027
	E	188	233	102	523	
Nome do hormônio exclusivamente masculino	O	116	104	297	517	0,001
	E	185	231	101	517	
Nome do hormônio exclusivamente feminino	O	147	88	287	522	0,001
	E	187	233	102	522	
Nome da célula reprodutora masculina	O	64	434	23	521	0,001
	E	187	233	102	521	
Doenças sexualmente transmissíveis	O	190	285	48	523	0,001
	E	188	233	102	523	
Nome da célula reprodutora feminina	O	93	383	47	523	0,001
	E	188	233	102	523	
Local anatômico da produção dos espermatozoides	O	270	165	87	522	0,001
	E	187	233	102	522	
Função da uretra masculina	O	118	283	120	521	0,001
	E	187	233	102	521	
Local anatômico da ocorrência da ovulação	O	203	245	72	520	<b>0,051</b>
	E	186	232	101	520	
Questão	Freq.	Erros	Acertos	Não sabe	Total	Valor p
Definição de fecundação	O	117	324	78	519	0,001
	E	186	232	101	519	
Local anatômico da ocorrência da fecundação	O	409	33	75	517	0,001
	E	185	231	101	517	
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	O	199	123	200	522	0,001
	E	187	233	102	522	
Definição de masturbação	O	297	103	120	520	0,001
	E	186	232	101	520	
Definição de sexualidade	O	203	299	20	522	0,001
	E	187	233	102	522	
Concepção de relação sexual	O	372	54	93	519	0,001
	E	186	232	101	519	
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	O	101	318	101	520	0,001
	E	186	232	101	520	
Diferença entre sexualidade e amor	O	154	305	58	517	0,001
	E	185	231	101	517	
Definição de sexualidade responsável	O	90	383	46	519	0,001
	E	186	232	101	519	
<b>TOTAL</b>		<b>4.295</b>	<b>5.346</b>	<b>2.338</b>	<b>11.979</b>	
		<b>35,85%</b>	<b>44,63%</b>	<b>19,52%</b>	<b>100,0%</b>	

Tabela 10  
 Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) segundo o gênero masculino

Assunto	Respostas Válidas	Percentual		
		Erro	Acerto	Desconhece
Origem anatômica da menstruação	218	72,5%	22,5%	5,0%
Definição da menarca	218	24,3%	20,6%	<b>55,0%</b>
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	219	48,9%	46,6%	4,6%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	219	41,6%	52,1%	6,4%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	217	29,5%	58,5%	12,0%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	218	42,7%	47,2%	10,1%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	215	26,0%	25,6%	48,4%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	217	30,4%	22,1%	47,5%
Nome da célula reprodutora masculina	219	11,4%	<b>84,9%</b>	3,7%
Doenças sexualmente transmissíveis	218	42,7%	46,3%	11,0%
Nome da célula reprodutora feminina	219	21,5%	71,2%	7,3%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	218	56,4%	33,0%	10,6%
Função da uretra masculina	217	27,6%	59,0%	13,4%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	218	41,3%	45,0%	13,8%
Definição de fecundação	217	29,0%	58,5%	12,4%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	217	<b>77,9%</b>	7,8%	14,3%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	218	35,3%	27,1%	37,6%
Definição de masturbação	218	61,0%	19,3%	19,7%
Definição de sexualidade	219	38,4%	58,0%	3,7%
Concepção de relação sexual	218	71,1%	10,1%	18,8%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	217	29,5%	56,7%	13,8%
Diferença entre sexualidade e amor	215	31,6%	55,3%	13,0%
Definição de sexualidade responsável	216	19,9%	67,1%	13,0%
<b>Total</b>	<b>5.005</b>	<b>39,6%</b>	<b>43,3%</b>	<b>17,1%</b>

Tabela11  
 Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) segundo o gênero feminino.

Assunto	Respostas Válidas	Percentual		
		Erro	Acerto	Desconhece
Origem anatômica da menstruação	304	68,4%	28,9%	2,6%
Definição da menarca	305	17,0%	18,0%	<b>64,9%</b>
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	303	32,3%	45,9%	21,8%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	304	26,3%	72,0%	1,6%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	305	20,0%	68,9%	11,1%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	305	28,5%	54,4%	17,0%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	302	19,9%	16,2%	<b>63,9%</b>
Nome do hormônio exclusivamente feminino	305	26,6%	13,1%	60,3%
Nome da célula reprodutora masculina	302	12,9%	<b>82,1%</b>	5,0%
Doenças sexualmente transmissíveis	305	31,8%	60,3%	7,9%
Nome da célula reprodutora feminina	304	15,1%	74,7%	10,2%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	304	48,4%	30,6%	21,1%
Função da uretra masculina	304	19,1%	51,0%	29,9%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	302	37,4%	48,7%	13,9%
Definição de fecundação	302	17,9%	65,2%	16,9%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	300	<b>80,0%</b>	5,3%	14,7%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	304	40,1%	21,1%	38,8%
Definição de masturbação	302	54,3%	20,2%	25,5%
Definição de sexualidade	303	39,3%	56,8%	4,0%
Concepção de relação sexual	301	72,1%	10,6%	17,3%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	303	12,2%	64,4%	23,4%
Diferença entre sexualidade e amor	302	28,5%	61,6%	9,9%
Definição de sexualidade responsável	303	15,5%	78,5%	5,9%
<b>Total</b>	<b>6.974</b>	<b>33,2%</b>	<b>45,6%</b>	<b>21,2%</b>

As estatísticas descritivas para a Idade das crianças em cada série agrupada são apresentadas na tabela e nos histogramas a seguir.

Tabela 12  
Estatísticas descritivas para a Idade das crianças de acordo com a série

	n	Média	Mediana	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
5a. e 6a. Série	308	12,31	12,32	0,79	10,64	14,88
7a. e 8a. Série	216	13,94	13,94	0,58	12,24	14,88

Tabela 13  
Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) segundo a faixa etária de 10,0 a 12,0 anos

Assunto	Respostas Válidas	Percentual		
		Erro	Acerto	Desconhece
Origem anatômica da menstruação	122	<b>82,0%</b>	14,8%	3,3%
Definição da menarca	121	19,8%	19,0%	<b>61,2%</b>
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	121	37,2%	53,7%	9,1%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	122	31,1%	63,9%	4,9%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	122	34,4%	56,6%	9,0%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	122	43,4%	45,9%	10,7%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	120	20,0%	20,0%	60,0%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	122	41,8%	9,8%	48,4%
Nome da célula reprodutora masculina	121	13,2%	<b>80,2%</b>	6,6%
Doenças sexualmente transmissíveis	121	49,6%	38,8%	11,6%
Nome da célula reprodutora feminina	122	28,7%	56,6%	14,8%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	121	64,5%	19,0%	16,5%
Função da uretra masculina	121	25,6%	53,7%	20,7%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	122	38,5%	49,2%	12,3%
Definição de fecundação	122	30,3%	54,1%	15,6%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	122	<b>82,8%</b>	4,9%	12,3%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	122	42,6%	24,6%	32,8%
Definição de masturbação	120	58,3%	13,3%	28,3%
Definição de sexualidade	122	24,6%	72,1%	3,3%
Concepção de relação sexual	122	64,8%	9,8%	25,4%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	122	29,5%	54,1%	16,4%
Diferença entre sexualidade e amor	119	42,9%	45,4%	11,8%
Definição de sexualidade responsável	120	23,3%	70,8%	5,8%
<b>Total</b>	<b>2.791</b>	<b>40,4%</b>	<b>40,5%</b>	<b>19,1%</b>

Tabela 14  
 Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui (2006) segundo a faixa etária de 12,1 a 15,0 anos

Assunto	Respostas Válidas	Percentual		
		Erro	Acerto	Desconhece
Origem anatômica da menstruação	400	66,5%	29,8%	3,8%
Definição da menarca	402	20,1%	19,2%	<b>60,7%</b>
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	401	39,9%	43,9%	16,2%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	401	33,2%	63,6%	3,2%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	400	20,8%	67,0%	12,3%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	401	31,7%	53,1%	15,2%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	397	23,2%	20,2%	56,7%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	400	24,0%	19,0%	57,0%
Nome da célula reprodutora masculina	400	12,0%	<b>84,3%</b>	3,8%
Doenças sexualmente transmissíveis	402	32,3%	59,2%	8,5%
Nome da célula reprodutora feminina	401	14,5%	78,3%	7,2%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	401	47,9%	35,4%	16,7%
Função da uretra masculina	400	21,8%	54,5%	23,8%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	398	39,2%	46,5%	14,3%
Definição de fecundação	397	20,2%	65,0%	14,9%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	395	<b>78,0%</b>	6,8%	15,2%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	400	36,8%	23,3%	40,0%
Definição de masturbação	400	56,8%	21,8%	21,5%
Definição de sexualidade	400	43,3%	52,8%	4,0%
Concepção de relação sexual	397	73,8%	10,6%	15,6%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	398	16,3%	63,3%	20,4%
Diferença entre sexualidade e amor	398	25,9%	63,1%	11,1%
Definição de sexualidade responsável	399	15,5%	74,7%	9,8%
<b>Total</b>	<b>9.188</b>	<b>34,5%</b>	<b>45,9%</b>	<b>19,6%</b>

Tabela 15  
 Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui (2006) que cursam a 5ª ou a 6ª série

Assunto	Respostas Válidas	Percentual		
		Erro	Acerto	Desconhece
Origem anatômica da menstruação	308	76,6%	21,1%	2,3%
Definição da menarca	307	23,5%	15,3%	<b>61,2%</b>
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	306	37,6%	53,6%	8,8%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	308	28,6%	67,2%	4,2%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	306	31,0%	56,5%	12,4%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	307	39,4%	45,3%	15,3%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	302	23,5%	19,5%	57,0%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	306	32,4%	16,0%	51,6%
Nome da célula reprodutora masculina	306	16,7%	<b>78,1%</b>	5,2%
Doenças sexualmente transmissíveis	307	46,6%	42,7%	10,7%
Nome da célula reprodutora feminina	307	25,1%	62,2%	12,7%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	306	59,8%	23,5%	16,7%
Função da uretra masculina	306	25,5%	52,6%	21,9%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	306	39,9%	45,4%	14,7%
Definição de fecundação	305	28,5%	53,1%	18,4%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	305	<b>78,4%</b>	7,2%	14,4%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	307	38,4%	25,7%	35,8%
Definição de masturbação	305	55,1%	16,7%	28,2%
Definição de sexualidade	307	33,2%	63,2%	3,6%
Concepção de relação sexual	304	70,1%	7,2%	22,7%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	304	24,0%	57,9%	18,1%
Diferença entre sexualidade e amor	303	37,6%	49,8%	12,5%
Definição de sexualidade responsável	305	21,6%	69,2%	9,2%
<b>Total</b>	<b>7.033</b>	<b>38,8%</b>	<b>41,3%</b>	<b>19,9%</b>

Tabela 16  
 Percentual de acertos, erros e desconhecimento de questões relativas a conteúdos sobre sexo e sexualidade de alunos de escolas públicas de Pitangui (2006) que cursam a 7ª ou a 8ª série

Assunto	Respostas Válidas	Percentual		
		Erro	Acerto	Desconhece
Origem anatômica da menstruação	214	60,7%	33,6%	5,6%
Definição da menarca	216	15,3%	24,5%	<b>60,2%</b>
Primeira transformação anatômica masculina na puberdade	216	41,7%	35,6%	22,7%
Primeira transformação anatômica feminina na puberdade	215	38,6%	58,6%	2,8%
Anatomia do aparelho reprodutor feminino	216	13,9%	75,9%	10,2%
Anatomia do aparelho reprodutor masculino	216	27,3%	60,2%	12,5%
Nome do hormônio exclusivamente masculino	215	20,9%	20,9%	58,1%
Nome do hormônio exclusivamente feminino	216	22,2%	18,1%	59,7%
Nome da célula reprodutora masculina	215	6,0%	<b>90,7%</b>	3,3%
Doenças sexualmente transmissíveis	216	21,8%	71,3%	6,9%
Nome da célula reprodutora feminina	216	7,4%	88,9%	3,7%
Local anatômico da produção dos espermatozoides	216	40,3%	43,1%	16,7%
Função da uretra masculina	215	18,6%	56,7%	24,7%
Local anatômico da ocorrência da ovulação	214	37,9%	49,5%	12,6%
Definição de fecundação	214	14,0%	75,7%	10,3%
Local anatômico da ocorrência da fecundação	212	<b>80,2%</b>	5,2%	14,6%
Relação risco de gravidez / ciclo menstrual	215	37,7%	20,5%	41,9%
Definição de masturbação	215	60,0%	24,2%	15,8%
Definição de sexualidade	215	47,0%	48,8%	4,2%
Concepção de relação sexual	215	74,0%	14,9%	11,2%
Fatores que ocorrem nas primeiras relações sexuais	216	13,0%	65,7%	21,3%
Diferença entre sexualidade e amor	214	18,7%	72,0%	9,3%
Definição de sexualidade responsável	214	11,2%	80,4%	8,4%
<b>Total</b>	<b>4.946</b>	<b>31,6%</b>	<b>49,4%</b>	<b>19,0%</b>

Tabela 17

Número e percentual de erros, acerto e desconhecimento no total de questões sobre conteúdos de sexualidade aplicado em alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a série

Série	Erro	Acerto	Desconhece	Total
5ª. ou 6ª.	2.731 (38,8%)	2.904 (41,3%)	1.398 (19,9%)	7.033 (100,0%)
7ª. ou 8ª.	1.564 (31,6%)	2.442 (49,4%)	940 (19,0%)	4.946 (100,0%)

$\chi^2 = 85,734$ ;  $p = 0,001$ .

Há uma associação significativa entre a série cursada pelo estudante e a proporção de erro, acerto e desconhecimento nas questões. Pode-se observar que entre os estudantes mais velhos há um maior percentual de acerto, menor percentual de erro e aproximadamente o mesmo percentual de desconhecimento que entre os estudantes mais novos, da 5ª ou 6ª série.

Tabela 18

Número e percentual de erros, acerto e desconhecimento no total de questões sobre conteúdos de sexualidade aplicado em alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com o gênero

Gênero	Erro	Acerto	Desconhece	Total
Masculino	1.982 (39,6%)	2.165 (43,3%)	858 (17,1%)	5.005 (100,0%)
Feminino	2.313 (33,2%)	3.181 (45,6%)	1.480 (21,2%)	6.974 (100,0%)

$\chi^2 = 62,106$ ;  $p = 0,001$ .

Há uma associação significativa entre o gênero do estudante e a proporção de erro, acerto e desconhecimento nas questões. Pode-se observar que, entre os meninos, há um maior percentual de erro, aproximadamente o mesmo percentual de acerto e menor percentual de desconhecimento que entre as meninas.

Tabela 19  
Número e percentual de erros, acerto e desconhecimento no total de questões sobre conteúdos de sexualidade aplicado em alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006) de acordo com a faixa etária

Faixa Etária	Erro	Acerto	Desconhece	Total
10,0 a 12,0 anos	1.128 (40,4%)	1.129 (40,5%)	534 (19,1%)	2.791 (100,0%)
12,1 a 15,0 anos	3.167 (34,5%)	4.217 (45,9%)	1.804 (19,6%)	9.188 (100,0%)

$\chi^2 = 35,614$ ;  $p = 0,001$ .

Há uma associação significativa entre a faixa etária do estudante e a proporção de erro, acerto e desconhecimento nas questões. Pode-se observar que, entre os mais jovens, há um maior percentual de erro, menor percentual de acerto e aproximadamente o mesmo percentual de desconhecimento que entre os mais velhos.

Primeiramente, as questões de número 20 a 23 são descritas para a amostra total (há observações ausentes, tanto porque foram deixadas em branco pelos alunos, tanto porque os alunos marcaram mais de uma opção e a questão foi anulada). Em seguida as questões são descritas para cada faixa etária, e para cada gênero.

Tabela 20  
Distribuição de freqüências (número e percentual de respostas) da questão "Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006)

Quem conversa com você sobre sexo e sexualidade?	n	% do total	% válido
Mãe	165	31,5	32,2
Pai	29	5,5	5,7
Professor	72	13,7	14,0
Amigos	126	24,0	24,6
Colegas do colégio	51	9,7	9,9
Ninguém	70	13,4	13,6
Total	513	97,9	100,0
Anulada	11	2,1	
<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>	

Tabela 21

Distribuição de freqüências (número e percentual de respostas) da questão "Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade" entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006)

<b>Onde você obtém informações sobre sexo e sexualidade?</b>	n	% do total	% válido
Revistas	167	31,9	32,3
Livros	105	20,0	20,3
Rádio	3	,6	,6
TV	189	36,1	36,6
Nenhum local	53	10,1	10,3
<b>Total</b>	<b>517</b>	<b>98,7</b>	<b>100,0</b>
Em branco	3	,6	
Anulada	4	,8	
<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>	

Tabela 22

Distribuição de freqüências (número e percentual de respostas) da questão "Quantas vezes por ano você teve aula sobre sexo e sexualidade na escola" entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006)

<b>Quantas vezes por ano você teve aula sobre sexo e sexualidade na escola?</b>	n	% do total	% válido
2 vezes	164	31,3	31,5
4 vezes	37	7,1	7,1
6 vezes	14	2,7	2,7
Nunca teve	141	26,9	27,1
Mais de 6 vezes	50	9,5	9,6
Não sei	114	21,8	21,9
<b>Total</b>	<b>520</b>	<b>99,2</b>	<b>100,0</b>
Em branco	4	,8	
<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>	

Tabela 23

Distribuição de freqüências (número e percentual de respostas) da questão "Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência" entre os alunos de escolas públicas de Pitangui, Minas Gerais (2006)

<b>Qual assunto é melhor explicado na escola sobre sexo e adolescência?</b>	n	% do total	% válido
Aparelhos reprodutores (do homem e da mulher)	142	27,1	27,4
Adolescência e puberdade	108	20,6	20,8
Anticoncepção (como evitar gravidez)	77	14,7	14,9
DST / AIDS	123	23,5	23,7
Nenhum deles	68	13,0	13,1
<b>Total</b>	<b>518</b>	<b>98,9</b>	<b>100,0</b>
Em branco	4	,8	
Anulada	2	,4	
<b>Total</b>	<b>524</b>	<b>100,0</b>	

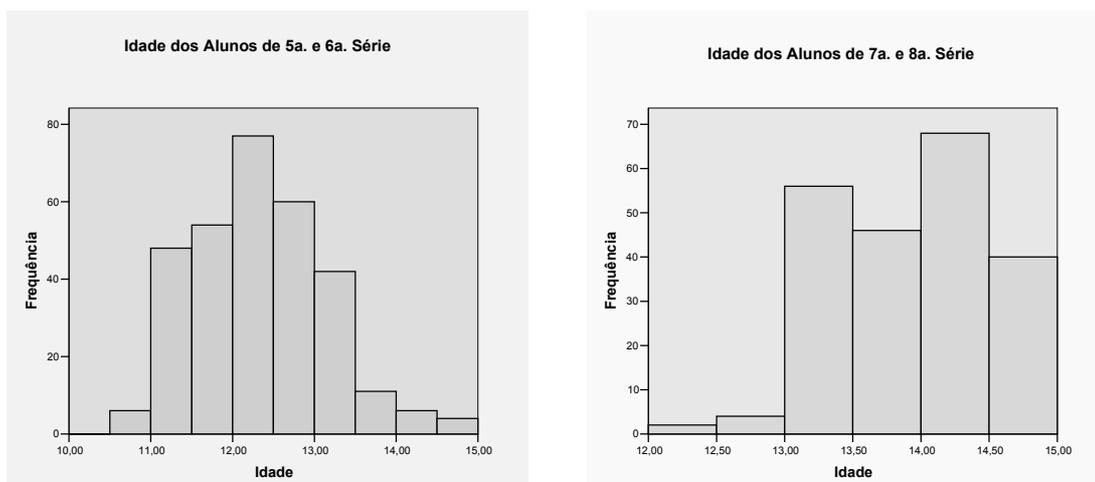


GRÁFICO 20 - Distribuição das idades dos alunos de acordo com a série agrupada

Os dois grupos foram comparados quanto à idade dos alunos através de um teste não paramétrico de Mann-Whitney. Este teste é adequado para comparação de dois grupos independentes com relação a uma variável quantitativa, quando a distribuição dessa variável não é normal (o que pode ser percebido pela assimetria na distribuição das idades, especialmente no grupo de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série).

O valor p do teste foi igual a 0,001 o que indica que há uma diferença significativa entre as duas séries agrupadas com relação à idade dos estudantes.

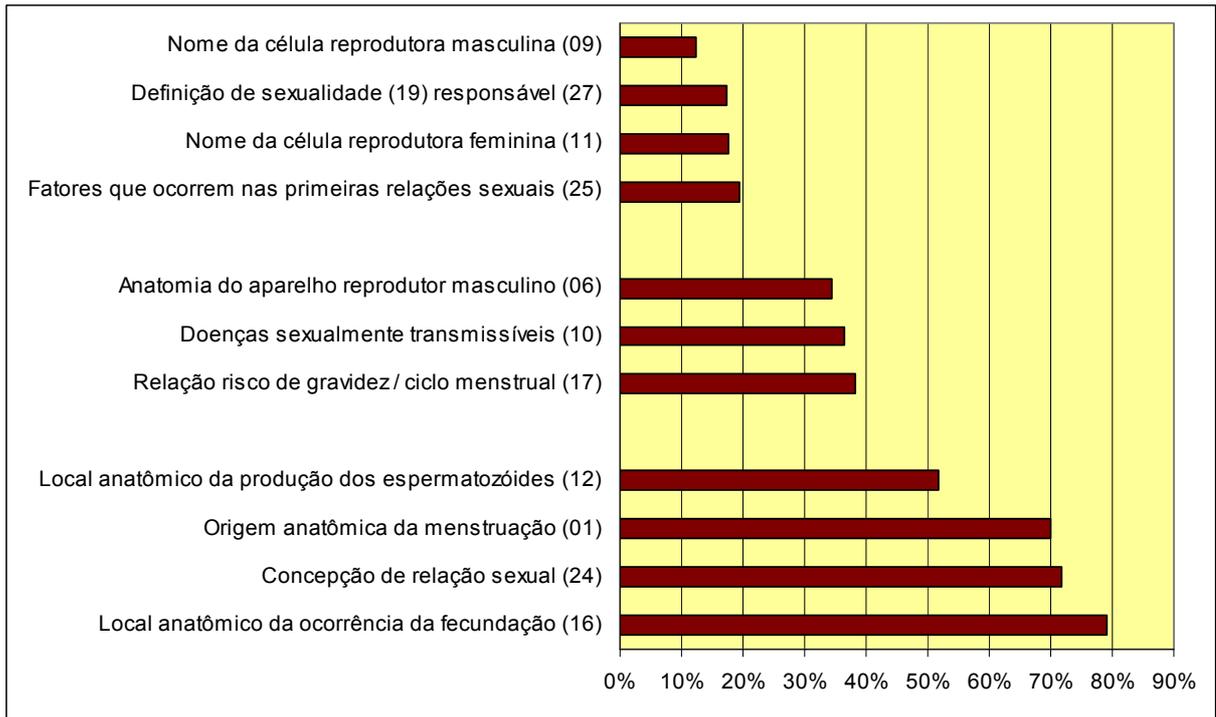


GRÁFICO 21 - Porcentagem de erro por questão

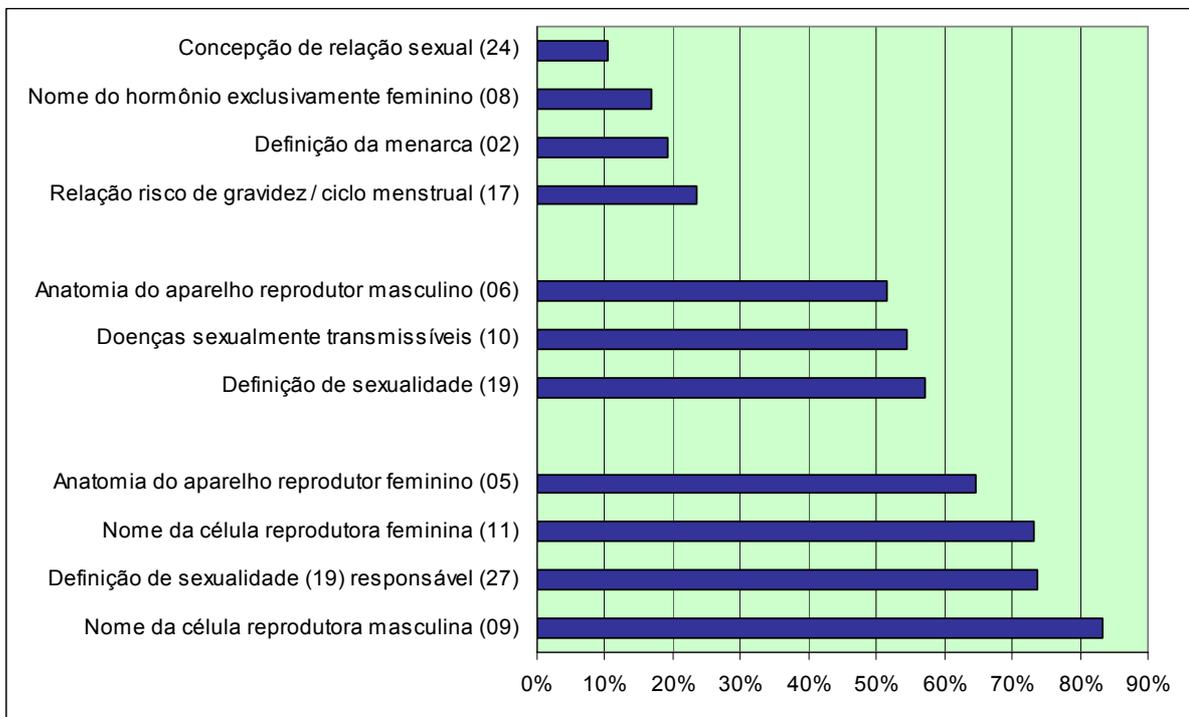


GRÁFICO 22 - Porcentagem de acerto por questão

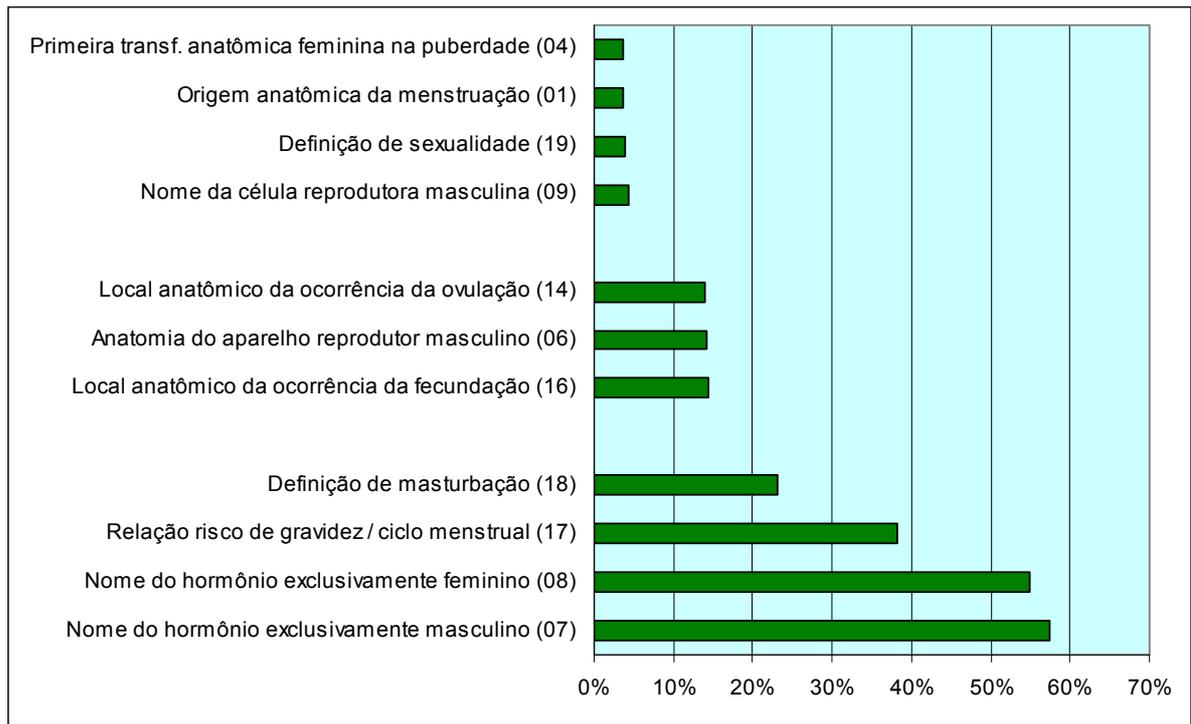


GRÁFICO 23 - Porcentagem de desconhecimento por questão

Cançado, Alberto Elias Lopes  
C215a Avaliação dos conhecimentos e conteúdos curriculares sobre sexo e sexualidade de adolescentes nas escolas públicas de Pitangui-MG/ Alberto Elias Lopes Cançado. Belo Horizonte, 2007.  
160 f.  
Dissertação.(mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina.  
Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente  
Orientador: Marco Antonio Duarte  
Co-orientador: Roberto Assis Ferreira  
1.Sexualidade 2.Adolescente 3.Educação sexual/tendências  
4.Currículo/tendências 5.Conhecimento 6.Sexo I.Título

NLM: WS 460  
CDU: 616-053.2